



(真夏の死)

MORTE EM PLENO VERÃO

YUKIO
MISHIMA

COMPANHIA DAS LETRAS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



(真夏の死)

MORTE
EM PLENO
VERÃO

YUKIO
MISHIMA

PRIMEIRA EDIÇÃO

YUKIO KISHIMOTO

Morte em pleno
verão

Tradução de Luciano
Machado Costa



Sumário

Capa
Folha de rosto
Sumário
Morte em pleno verão
O biscoito de um milhão de ienes
A garrafa mágica
O amor do santo homem de Shiga
Até a última ponte
Patriotismo
Dojoji — Nô moderno em um ato
Onnagata
As pérolas
Papel-jornal

Nota do tradutor

Sobre o autor

Créditos

Landmarks

Cover

Title Page

Table of Contents

Copyright Page

Morte em pleno verão

*La mort nous affecte plus profondément sous le règne pompeux de l'été.*¹

Charles Baudelaire, *Les Paradis artificiels* (1860)

A praia de A. ficava perto do extremo sul da península de Izu e, por ainda não ser muito conhecida, era um ótimo balneário. O fundo do mar era desigual, com muitos buracos e bancos de areia, e as ondas eram um pouco bravas, mas a água límpida não se aprofundava por uma boa distância, o que a tornava ideal para o banho. Só não era tão popular quanto as praias da costa de Sagami devido à dificuldade de acesso. Para chegar até lá, levava-se duas horas de ônibus saindo de Ito.

Como opção de hospedagem só havia a pousada Eiraku, que também agenciava algumas casas para alugar; e na praia viam-se apenas uma ou duas dessas banquinhas com toldo de palha que tanto enfeiam a orla no verão. A areia era branca e abundante, e no centro da praia um rochedo coroado de pinheiros avançava mar adentro, como a criação artificial de um paisagista. Na maré cheia, a água subia até metade da altura da rocha.

A vista da praia era belíssima. Quando o vento oeste afastava a neblina, avistavam-se, nítidas, as ilhas ao largo — Oshima, a mais próxima, e Toshima, a mais distante. Entre as duas, havia uma ilhota triangular, chamada Udone. Além do promontório de Nanago, via-se o pontal de Sakai, onde o monte Manzo mergulha suas raízes nas profundezas do mar. Mais adiante, enfileiravam-se o cabo que as pessoas chamam de “Palácio do Dragão de Yatsu” e o promontório de Tsumeki, onde à noite, ao sul, brilha um farol rotativo.

Tomoko Ikuta estava em seu quarto na pousada fazendo a sesta. Quem a visse deitada em seu curto vestido de linho salmão com os joelhos de fora não adivinharia que era mãe de três crianças pequenas. Os braços roliços, o rosto

viçoso, os lábios levemente recurvados, tudo nela tinha o frescor da juventude. Como fazia muito calor, estava com um pouco de suor na testa e na base do pequeno nariz. Via-se o movimento suave de sua respiração sob o linho róseo que encobria sua barriga. Em meio ao zumbir das moscas, o ar parado da tarde lânguida lembrava o interior de um sino incandescente.

Quase todos os hóspedes estavam na praia. O quarto de Tomoko ficava no andar de cima. Sob a janela, havia um balanço de criança pintado de branco. Nos mais de mil metros quadrados de grama, havia cadeiras de ferro, também pintadas de branco, mesas e um pino para jogar argolas. As argolas se espalhavam desordenadas sobre a relva. Não havia ninguém no jardim, e o zum-zum de uma abelha ou outra que se aventurava por ali era abafado pelo som das ondas que vinha do lado de lá da cerca viva. Passando o jardim, havia uma floresta de pinheiros, depois as dunas e em seguida a praia. Um riacho passava por baixo dos alicerces da pousada e desaguava no mar. Onde o riacho formava uma lagoinha antes das ondas, toda tarde vinham comer e grasnar com deselegância uns catorze ou quinze gansos.

Tomoko tinha um primogênito de seis anos, uma filha do meio de cinco e um caçula de três. Todos estavam na praia com Yasue, a irmã mais nova de seu marido. Tomoko não tinha o mínimo constrangimento em deixar os filhos com a cunhada enquanto fazia a sesta.

Yasue ficara para titia. Quando Tomoko teve sua filha, achou que não ia conseguir dar conta sozinha das duas crianças e, em acordo com o marido, mandou vir do interior a cunhada para morar com eles em Chofu, um bairro afastado de Tóquio. Não que esse fosse o motivo por que Yasue não se casara. Ela não era muito bonita, mas também não era feia. No entanto, havia recusado as propostas de casamento que recebera, um pouco sem planejamento, e no fim passara da idade e ficara sem noivo. Não pensou duas vezes quando a cunhada a convidou para morar em Tóquio, ainda que os pais tivessem planos de casá-la com um potentado local.

Não era muito esperta, mas estava sempre alegre e bem-disposta. Tratava Tomoko, que era mais nova, como irmã mais velha — sempre respeitosamente. Já quase não se percebia seu sotaque de Kanazawa. Ajudava a cuidar da casa e das crianças. Pedira ao irmão que lhe pagasse lições de corte e costura, e, além das próprias roupas, fazia também as de Tomoko e as das crianças. Quando ia ao bairro de Ginza, se via algum modelo novo nas

vitruines, já tirava logo sua caderneta da bolsa e ia copiando o molde. Algumas vezes fora flagrada pelas vendedoras, o que causara algum constrangimento.

Yasue estava na praia, com seu novo maiô verde. De suas roupas, apenas o maiô não era de sua lavra: tinha sido comprado em uma loja de departamentos. Ela tinha muito orgulho de sua pele branca — traço da província ao norte de onde vinha —, e evitava ao máximo ficar com marcas de bronzado. Ao sair da água, ia direto para debaixo do guarda-sol. Naquele dia, as crianças estavam fazendo castelos de areia à beira d'água, e Yasue pingava a areia molhada sobre as coxas brancas, para se distrair. A areia de imediato se solidificava, formando um estranho desenho em que reluziam fragmentos de conchas. Talvez por receio de que se grudasse à pele, Yasue logo esfregou as pernas para tirar a areia, da qual saltou um pequeno inseto translúcido, que fugiu rapidamente.

Yasue se inclinou para trás e, apoiada nas mãos, esticou as pernas enquanto observava a arrebentação. O céu estava povoado de nuvens altas e volumosas, de um grave e infindável silêncio. A mudez iluminada do céu parecia sugar todos os sons da praia, a algazarra dos banhistas e mesmo o eco das ondas.

Era o ponto alto do verão. Os violentos raios de sol pareciam irritados. As três crianças se cansaram de fazer castelos e saíram correndo, chutando as ondinhas. Yasue, despertando de seu mundo sereno de devaneios, levantou-se e foi apressada atrás deles.

Porém as crianças não estavam fazendo nada de perigoso. Tinham medo do rugir das ondas. Onde elas rebentavam, se espalhavam e voltavam, havia-se formado um redemoinho lento. Com os olhos brilhantes, Kiyoo e Keiko, os dois mais velhos, estavam de mãos dadas, com água até o peito, resistindo ao repuxo do mar. Achavam divertida a sensação da areia afundando sob os pés.

— Parece que tem alguém puxando a gente! — disse o pequeno irmão maior.

Yasue foi até eles e avisou que não deviam ir mais adiante dentro d'água. Apontou para o mais novo, Katsuo, que ficara para trás, e disse que não era para deixá-lo de fora, coitadinho, que voltassem logo para brincar com ele. Mas os dois não lhe deram ouvidos. A sensação da areia afundando sob os pés, sugada pelo repuxo, era seu pequeno segredo, e os dois se olharam e riram. Yasue ficou com medo de se queimar ao sol. Olhou para os ombros,

para a parte do peito que aparecia no decote do maiô. A brancura do seu corpo lembrava a neve de sua terra natal. Beliscou o peito e sorriu com o calor que sentiu. Um pouco da areia da praia se acumulara sob as unhas, que estavam um pouco grandes. Pensou que teria de cortá-las ao voltar para o hotel.

Kiyoo e Keiko não estavam mais ali. Yasue pensou que deviam ter retornado à areia. Olhou para trás e viu Katsuo sozinho. O menino estava apontando para a água, o rosto distorcido em uma expressão singular.

De repente, Yasue sentiu o coração bater com violência. Olhou para a água a seus pés. O repuxo era forte. Dois metros mais adiante, onde as ondas espumavam, viu um pequeno corpo, pálido, cinzento, sendo revirado pelo movimento do mar. Reconheceu o tecido do calção azul-marinho de Kiyoo.

O coração de Yasue bateu com mais violência. Sem dizer palavra, o rosto como o de alguém encurralado, ela avançou mar adentro. Da areia, uma grande onda se aproximou mais que as outras, ergueu-se diante dela e rebentou-lhe na cara. Acertou com força o seu peito. Ela caiu e foi tragada pela água. Tinha sofrido um infarto.

Katsuo começou a chorar, e um rapaz que estava por ali se aproximou. Em seguida, diversas pessoas entraram correndo no mar, chutando as ondas. Os respingos em torno de seus corpos nus e morenos eram como fagulhas de luz.

Dois ou três haviam visto o momento em que Yasue caíra n'água. Pensaram que ela se levantaria sozinha, e no início nada fizeram. Mas quando uma coisa dessas acontece, sempre há uma espécie de premonição, e quando finalmente começaram a correr em direção ao mar, pensaram que havia algo de errado na maneira como ela caíra.

O corpo de Yasue foi trazido para a areia escaldante. Os olhos estavam arregalados e os dentes cerrados com força, como se ela ainda tivesse diante de si um terrível espetáculo. Alguém pegou seu pulso para medir, mas não havia mais batimento. Supuseram-na morta.

— Ela está hospedada na pousada Eiraku — disse um deles, reconhecendo-a.

Tinham que chamar o gerente. Um moleque da cidadezinha, animado com a importância da tarefa, saiu correndo pela areia quente, antes que alguém lhe roubasse a honra de ir até a pousada comunicar o ocorrido.

Veio o gerente. Era um homem de uns quarenta anos, vestido com uma

calça branca, uma camiseta larga, deformada pelo uso, também branca, e uma manta de lã esgarçada em torno da barriga. A primeira coisa que ele disse foi que, antes de prestar os primeiros socorros, precisava carregar a vítima para dentro. Houve quem discordasse. Mas, nesse meio-tempo, dois jovens já haviam agarrado o corpo pelos braços e pernas e se puseram a caminhar em direção à pousada. No lugar onde Yasue estivera deitada, restara um buraco na areia molhada no formato de uma pessoa, como uma silhueta. Katsuo foi junto chorando. Alguém ficou com pena e decidiu levar a criança nas costas.

Tomoko despertou da sesta. O gerente, que tinha experiência com casos como esse, a sacudia levemente. Ela levantou a cabeça do travesseiro e perguntou:

- O que foi?
- Uma senhora... acho que se chama Yasue...
- Aconteceu alguma coisa com Yasue?
- Estamos prestando os primeiros socorros... o médico já está chegando...

Tomoko se levantou de um pulo e saiu apressada com o gerente. No gramado, do lado de fora, podia-se ver Yasue deitada no chão, sob a sombra de uma árvore perto do balanço. Um homem seminu estava montado em cima dela, como que a cavalgando. Estava fazendo respiração artificial. Do lado, dois homens tentavam incendiar um monte de palha e de tábuas arrancadas de caixotes de frutas. A madeira, em vez de pegar fogo, soltava apenas fumaça, pois ainda estava úmida da chuva torrencial do dia anterior. Um quarto homem abanava um leque, tentando deter a fumaça cada vez que o vento a soprava na direção do rosto de Yasue.

O queixo de Yasue subia e descia, devido à respiração artificial, e dava a nítida impressão de que ela estava voltando à vida. Sob a luz filtrada pelas folhas da árvore, o suor escorria pelas costas morenas do homem montado nela. Jogadas ali no gramado, as pernas de Yasue pareciam esverdeadas e mais gordas — atordoadas e indiferentes, em contraste com a ferrenha batalha que ocorria da cintura para cima.

Tomoko se ajoelhou na grama e passou a chamar:

- Yasue-san! Yasue-san!

Começou a chorar e a fazer uma enxurrada de perguntas desconexas: “Ela

vai viver? Por que ela está assim? O que vou dizer ao meu marido?”. Então, de repente, seus olhos se arregalaram e ela disse, alarmada:

— E os meus filhos?

Um pescador de meia-idade se aproximou, carregando nos braços Katsuo, que tinha a boca deformada de ansiedade.

— Olha quem chegou! É a mamãe.

Tomoko olhou com urgência para o menino e agradeceu ao pescador.

Veio o médico. Rendeu o banhista na respiração artificial. A fogueira finalmente pegou. Tomoko sentia a cara arder e não conseguia pensar em nada. Uma formiga subiu no rosto de Yasue. Tomoko pegou o inseto entre os dedos e o esmagou. Logo em seguida apareceu outra formiga, descendo dos cabelos, que estavam sendo sacudidos pelo esforço, e subindo na orelha da vítima. Tomoko esmagou-a, também. Tomou para si a tarefa de esmagar formigas.

Por quatro horas, continuaram fazendo respiração artificial em Yasue. No fim, vendo que o corpo começava a enrijecer, o médico resolveu desistir. O cadáver foi envolvido em um lençol e carregado ao andar de cima. O quarto estava escuro. Um dos homens largou o corpo e foi na frente para acender a luz.

Tomoko estava exausta, mas não se sentia triste. Era como se uma doçura vazia a invadissem. Pensou nos filhos.

— Onde estão as crianças?

— Na sala de recreação, com Gengo.

Gengo era o pescador.

— Os três estão lá?

Os presentes se entreolharam.

— Pois é...

Tomoko saiu em disparada, empurrando quem estava na frente. No térreo, avistou Katsuo, com seu calçãozinho de banho e uma camisa de homem sobre os ombros, sentado em um sofá folheando um livro de histórias com o pescador, que trajava um *yukata*. Katsuo não estava olhando as figuras do livro; era como se seus pensamentos estivessem em outro lugar.

Os hóspedes que se encontravam ali, sabendo da tragédia ocorrida, interromperam o movimento dos leques e olharam para Tomoko ao mesmo tempo. Tomoko se lançou em direção a Katsuo. Quando abriu a boca para

falar, sua voz era como a de uma alma penada.

— Onde está Kiyoo-chan? Onde está Kei-chan?

Katsuo olhou para a mãe com um rosto tomado de pavor, pôs-se a soluçar e, com a voz entrecortada, balbuciou:

— O mano e a mana, glub, glub, glub...

Tomoko se ergueu de um salto e foi correndo descalça em direção à praia. Passando pelo bosque de pinheiros, as agulhas caídas no chão espetaram-lhe as solas. A maré havia subido e a única maneira de chegar até a praia era por cima do rochedo. De lá de cima, via-se nitidamente a areia branca a perder de vista. No crepúsculo, avistava-se um único guarda-sol na praia, listrado de branco e amarelo. Era o guarda-sol deles.

Algumas pessoas acudiram da pousada. Ela foi correndo, em desespero, para o mar. Tentaram impedi-la de entrar n'água, ao que ela respondeu:

— Mas vocês não veem? Tem duas crianças lá!

Veio mais gente de dentro, muitos dos quais não haviam prestado atenção ao que Gengo dissera. Essas pessoas, ao verem Tomoko no mar, pensaram que ela perdera a cabeça.

Passada a comoção, era difícil acreditar que, nas quatro longas horas que haviam sido dedicadas em vão a ressuscitar Yasue, ninguém dentre todas aquelas pessoas tivesse se dado conta da ausência dos dois filhos de Tomoko. Afinal, todos os hóspedes da pousada haviam visto inúmeras vezes as três crianças brincando juntas. Também se comentou que era impossível que o instinto de uma mãe não alertasse, mesmo com toda a comoção que houvera, que dois de seus filhos estavam mortos.

No entanto, sabe-se que, quando ocorre uma desgraça dessas, às vezes os envolvidos são contagiados pela mentalidade do grupo e não conseguem ter ideias próprias, adotando todos a mesma simples conduta. Não é fácil se desvencilhar desse tipo de consciência coletiva, ir contra o que todos estão pensando. Tomoko também, lançada de súbito, ao acordar, no meio da confusão, havia aderido ao pensamento vigente, sem enxergar nele nada de questionável.

Acenderam-se fogueiras de tantos em tantos metros na praia, e durante toda a noite, em intervalos de trinta minutos, um jovem mergulhava no mar,

em busca dos corpos. Tomoko não deixou a areia até o dia raiar — não sentia nenhum sono, talvez por toda a agitação ocorrida, talvez por ter dormido demais na tarde anterior. O céu clareou. Naquela manhã, a polícia civil baixou uma ordem de que não se lançassem redes de pesca ao mar.

O sol surgiu por trás da península do lado esquerdo da praia. O vento da manhã fez contrair as maçãs do rosto de Tomoko. Ela teve pavor daquele nascer do sol. Era como se a luz do dia tornasse clara a catástrofe, e pela primeira vez o ocorrido se lhe afigurasse real.

— A senhora não acha que devia descansar um pouco? — perguntou um senhor idoso que se encontrava por ali. — Se encontrarmos alguma coisa, vamos avisar. Deixa com a gente. Vá se deitar.

— Isso mesmo, vá descansar — concordou o gerente, com os olhos vermelhos da noite passada em claro. — Se depois de tudo o que aconteceu ainda por cima a senhora ficar doente, quem vai amparar o seu marido?

Tomoko ficou aterrorizada ao lembrar que iria encontrar o marido. Era como se fosse encontrar o juiz que apreciaria o caso em questão. Mas não havia alternativa — em algum momento, ela teria de falar com ele. À medida que a chegada do marido se aproximava, era como se uma nova desgraça estivesse por acontecer.

Por fim, ela conseguiu tomar a decisão de lhe enviar um telegrama. Era uma boa desculpa para ir para dentro. Ela estava começando a ter a desagradável impressão de que a haviam designado chefe do grupo de mergulhadores. A meio caminho da pousada, virou para trás. O mar estava calmo. Perto da areia, ele refletia uma luz prateada. Viu alguns peixes saltarem. Os peixes pareciam embriagados de uma violenta alegria. Ela pensou que era muito injusto tudo o que lhe acontecera.

Masaru Ikuta, o marido, tinha trinta e cinco anos. Formara-se na Universidade de Línguas Estrangeiras de Tóquio e trabalhara, antes da guerra, em uma empresa de comércio exterior norte-americana. Como dominava bem o inglês, era muito requisitado no serviço. Não era de falar muito, mas ainda que não aparentasse, era muito competente. No momento, trabalhava como representante japonês de uma empresa automobilística norte-americana. Era visto dirigindo os carros que estavam na moda e

ganhava cento e cinquenta mil ienes por mês — além daquilo que arrecadava por fora —, o que assegurava a ele, sua esposa, as crianças e Yasue uma vida confortável. Tinham até empregados. Não havia a mínima necessidade de se livrar de três bocas de uma vez só.

Tomoko havia decidido mandar um telegrama em vez de telefonar porque achava que não saberia responder ao interrogatório do marido. No entanto, era costume das agências de correios dos arredores de Tóquio telefonar para a casa dos destinatários avisando que chegara uma mensagem. Masaru estava se aprontando para ir ao trabalho quando o telefone tocou. Pensando que era algo do serviço, ele atendeu despreocupado o aparelho que ficava na mesinha da sala de visitas.

— É um telegrama urgente vindo da praia A. — disse uma voz feminina.

Masaru sentiu o coração acelerar.

— Vou ler a mensagem. — A voz continuou: — YASUE MORTA PT KIYOO KEIKO DESAPARECIDOS PT TOMOKO.

— Por favor, pode repetir?

Mas a segunda leitura foi igual à primeira: YASUE MORTA PT KIYOO KEIKO DESAPARECIDOS PT TOMOKO. Masaru começou a se irritar. Era uma raiva semelhante à que sentiria se, de uma hora para outra, sem aviso, fosse demitido. Desligou o telefone e sentiu o coração bater furioso. Já estava atrasado para o trabalho. Telefonou imediatamente para o escritório e informou que se ausentaria. Primeiro pensou em ir dirigindo para A., mas estava tão perturbado que achou melhor não se arriscar na estrada, pois o trajeto era longo e perigoso — e havia pouco tempo ele se envolvera em um acidente. Iria até Ito de trem e lá pegaria um carro de praça.

Os incidentes repentinos penetram e se instalam na consciência das pessoas por meio de um processo que é a um só tempo estranho e sutil. Masaru nem sabia ao certo as circunstâncias do ocorrido, mas achou de bom alvitre levar consigo uma soma considerável — afinal, ponderou, acidentes sempre custam caro.

Para chegar mais rápido, apanhou um táxi até a estação de Tóquio. Não sentia nenhuma emoção: seu estado mental era como o de um detetive que se dirige à cena de um crime. Ainda que fosse um acontecimento diretamente relacionado à sua existência, tentou não imaginar, e sim deduzir, o que se passara, e sentiu um calafrio de curiosidade.

Nessas horas, a infelicidade que se vive em isolamento vem se vingar da gente. De nada adianta a felicidade ser algo presente na nossa vida cotidiana; ela é inútil diante da desgraça. Quando o infortúnio nos mostra a cara, nunca o reconhecemos de imediato.

Ela podia ter ligado, mas teve medo de falar comigo, pensou Masaru, correto em sua intuição conjugal. *Seja como for, tenho que ir lá conferir*. Pela janela do táxi, viu que se aproximava dos arranha-céus do centro. Na forte luz estival, a multidão de camisas brancas brilhava ofuscante nas calçadas. As árvores sob o sol a pino lançavam sombras escuras em ângulo reto. O formidável toldo vermelho e branco da entrada de um hotel estava estirado ao sol inclemente, como que sob o peso de um metal dourado. A pilha de lama retirada de um buraco aberto na rua em obras já estava seca.

O mundo ao redor de Masaru se apresentava perfeitamente rotineiro, como se nada tivesse acontecido; e ele pensou que, se desejasse, poderia até se convencer de que, tampouco com ele, nada ocorreria. Sentia uma frustração infantil e inquietante — a frustração de quem se viu envolvido em um incidente ocorrido em um lugar que ele sequer conhecia, e que havia sido deixado para trás por um motivo que escapava ao seu controle.

Para ir a Ito, como se sabe, é mais rápido pegar o trem Shonan que faz baldeação em Atami. Como era dia de semana e a manhã chegava ao fim, não foi difícil conseguir um lugar. Masaru adotara a cultura da multinacional em que trabalhava e vestia terno e gravata mesmo no alto verão. A colônia masculina que usava disfarçava o cheiro do suor. Mas esse suor às vezes escorria pelas costas e pelos flancos. Dentre todos aqueles passageiros, pensou, não havia um único que fosse mais infeliz do que ele. Sentiu-se como que elevado — ou rebaixado? ele não sabia — a uma condição humana especial, que o tornava diferente do Masaru que acordara horas antes. Um Masaru edição limitada. Um modelo exclusivo. Ele nunca tinha experimentado sensação semelhante. Era o segundo filho homem de uma abastada família da província, e vivera desde a adolescência com seu tio, irmão mais velho de seu pai, em Tóquio, onde cursara o fim do ensino fundamental, o médio e a faculdade. Tivera uma criação privilegiada e nunca dependera do suor do próprio rosto para sobreviver. Mesmo durante a guerra, recebera dispensa do serviço militar e fora designado a uma repartição do Departamento de Inteligência. Casara-se com uma moça rica

da capital, formara seu próprio ramo familiar² e, no pós-guerra, construíra para si uma posição inigualável na sociedade. Considerava-se, dentre os homens, como um dos mais sortudos, mais privilegiados, mais competentes, quase que de uma classe especial. A imagem que tinha de si beirava o complexo de superioridade, e de fato nunca sentira na vida o que era o verdadeiro fracasso. Pensou que um homem que tivesse uma grande marca de nascença nas costas deveria de vez em quando ter o impulso de gritar: “Vocês nem desconfiam, mas eu tenho uma enorme marca roxa nas costas!”. Da mesma forma, ele sentia a compulsão de se dirigir aos outros passageiros e gritar: “Vocês nem desconfiam, mas eu acabo de perder dois dos meus três filhos e minha irmã mais nova!”.

De repente, sentiu que sua coragem se esvaía. Se ao menos seus filhos estivessem bem! Talvez o telegrama estivesse mal redigido, talvez o DESAPARECIDOS do texto quisesse apenas dizer que eles tinham se perdido por alguns minutos, talvez Tomoko tivesse ficado de tal maneira perturbada com o incidente que se atrapalhara na escolha das palavras? Naquele mesmo instante, um novo telegrama desdizendo o anterior poderia estar sendo entregue em sua residência, onde não havia ninguém para recebê-lo. Assoberbado pelo que estava sentindo, Masaru não conseguia pensar no incidente em si, e sim nas suas reações diante do incidente. Arrependia-se com irritação de não ter telefonado para a pousada logo depois de receber a notícia.

A luz do sol inundava o largo em frente à estação de Ito. Havia uma casinha de compensado, pequena como uma guarita policial, onde se podia solicitar um carro de praça. O sol alvejava impiedosamente as paredes da cabine, e os velhos papéis presos nas paredes com as escalas dos motoristas começavam a se descolar nas bordas.

— Quanto é até A.? — perguntou Masaru.

— Dois mil ienes — respondeu um homem com uma toalha enrolada no pescoço e um boné de motorista na cabeça.

O homem acrescentou, talvez por gentileza, talvez por preguiça:

— Se o senhor não estiver com pressa, é bem mais em conta ir de ônibus. Tem um saindo em cinco minutos.

— Estou com pressa. Me avisaram que uma pessoa da minha família morreu.

— Nossa! Acabei de ficar sabendo dessa história. O senhor é o chefe da família dos afogados? Que tristeza, dizem que foi uma mulher e duas crianças... Três mortos de uma vez só...

Masaru estava tonto com a claridade. Foi até A. sem dizer uma palavra ao motorista.

Não se pode dizer que a estrada que vai de Ito até a praia de A. tenha sido agraciada com beleza cênica. O carro serpenteava por um terreno montanhoso e poeirento, e quase nunca se avistava o mar. Ao passarem por um ônibus de linha em uma parte na qual a estrada era mais estreita, o carro desviou e o galho de uma árvore se chocou contra a janela de trás, que se achava entreaberta. O atrito das folhas contra o vidro lembrou o ruflar de asas de pássaros em revoada, e uma nuvem de poeira e areia se lançou sem cerimônia sobre os vincos impecáveis das calças cuidadosamente passadas de Masaru.

Ele tentava decidir que tom adotar com a mulher quando a encontrasse. Nada do que estava sentindo lhe parecia apropriado. Duvidava que houvesse, em um caso como aquele, uma “atitude natural” a se assumir. Talvez o normal naquela situação fosse uma atitude fora do normal.

Aproximavam-se do destino. Um velho pescador, com o samburá cheio de cavalas, subiu na relva empoeirada do acostamento para deixar o carro passar. O pescador tinha a testa manchada de muitos verões e um dos olhos turvo de uma catarata. O motorista explicou tratar-se de um pescador da colônia da ponta leste da praia de Chuma. No verão, o mar das redondezas dava muito peixe e frutos do mar — cavalas, roncadores, lula, linguado —, e os agricultores colhiam tangerinas, cogumelos shiitake e laranja-azedá.

O carro passou pelo pórtico de madeira escura da pousada. O gerente, batendo os tamancos, veio acudir. Masaru sacou instintivamente a carteira do bolso.

— Meu nome é Ikuta.

— Meus mais sinceros pêsames, senhor — disse o gerente, com uma profunda reverência.

Masaru pagou o motorista. Em seguida, agradeceu ao gerente e lhe deu uma gorjeta de mil ienes.

Tomoko e Katsuo estavam na sala ao lado daquela onde se encontrava o caixão. Coberto de gelo-seco que alguém mandara trazer de Ito, o corpo de

Yasue aguardava a chegada de Masaru para ser cremado.

Masaru passou à frente do gerente e abriu a porta de correr. Tomoko estava recostada, mas se ergueu de um salto. Não estava dormindo. Estava descabelada e com seu *yukata* amassado. Parecia uma presidiária. Ajoelhou-se no chão diante do marido com uma rapidez surpreendente, como que ensaiada. Olhou brevemente o marido nos olhos e desatou a chorar.

Masaru detestava a ideia de pousar uma mão consoladora sobre o ombro da esposa com o gerente assistindo. Era uma repulsa maior do que a que sentiria se fosse flagrado na cama. Tirou o paletó e com os olhos procurou um cabide. Tomoko, compreendendo o que ele queria, pegou a roupa cheirando a suor do marido e a pendurou em um gancho metálico pintado de azul que havia na viga de madeira da parede. Masaru se agachou ao lado de Katsuo, que tinha acordado com o choro da mãe. Pegou-o no colo e sentiu que a criança não reagia, como uma boneca inanimada. Levou um susto com a leveza daquele corpo infantil. Era como abraçar um brinquedo.

Ajoelhada num canto, Tomoko disse as palavras que ele passara o dia querendo ouvir.

— Me perdoe!

O gerente, tomado de tristeza emprestada, interferiu, aos prantos:

— Eu sei que não é da minha conta, mas me permita, meu senhor, pedir que não fique bravo com a senhora sua esposa. Tudo aconteceu quando ela estava dormindo depois do almoço, não foi por culpa dela que se deu a tragédia.

Masaru tinha a impressão de já ter lido algo semelhante ou assistido àquela cena em algum lugar.

— Claro, eu sei disso.

Com a criança no colo, como que seguindo uma direção de cena, caminhou até a mulher e a tocou no ombro. O movimento não lhe pareceu forçado. Tomoko voltou a soluçar violentamente.

No dia seguinte, ao cabo de buscas exaustivas em toda a extensão da praia envolvendo todos os membros da polícia local na operação de mergulho, os corpos das duas crianças foram encontrados perto da base submersa do monte Manzo. Os cadáveres haviam sido mordidos aqui e ali por pequenas criaturas marinhas, e das diminutas narinas saíam dois ou três bichinhos do mar.

Quando ocorre um desastre como esse, que transcende o que prevê qualquer costume consagrado, é aí que as pessoas sentem maior necessidade de se agarrarem ao que dita a tradição. O casal se organizou para desempenhar todas as funções funerárias que a sociedade japonesa exige, escrevendo cartões de agradecimento pelas mensagens de pêsames, realizando visitas aos conhecidos e parentes etc., sem esquecer nenhuma obrigação. Toda morte é uma espécie de processo administrativo. Os dois se viram envolvidos em um redemoinho de tarefas. Mesmo dividindo o trabalho com Tomoko, não seria exagero dizer que Masaru, na qualidade de chefe de família e cabeça do ramo familiar, tinha tantas responsabilidades que não lhe sobrava tempo para o luto. Na perspectiva de Katsuo, tudo parecia um festival interminável, em que os adultos desempenhavam papéis, como em uma peça de teatro.

No fim, a família conseguiu desempenhar sua função a contento. O dinheiro de condolências que receberam chegou a uma soma formidável. Em geral, as pessoas dão contribuições maiores quando o chefe de família ainda é vivo do que quando é ele que morreu — ainda que, pela lógica, é quando morre aquele que provia o sustento da casa que a família teria mais necessidade de ajuda financeira.

Tanto Masaru como Tomoko se dispuseram a “aguentar firme” a situação. Tomoko não entendia como uma dor tão insana podia coexistir com a minuciosidade e a diligência que a assaltaram. Sucederam-se muitas refeições em que ela sentava à mesa com o semblante sombrio, sem reparar no gosto da comida. O que mais a angustiava era o prospecto de encontrar os sogros, que conseguiram chegar a Tóquio a tempo de participar do funeral. Foi com repulsa que se obrigou a pedir-lhes perdão, como se a culpa fosse dela. Revoltada com a violência que ela mesma se impusera, descontou a raiva nos próprios pais.

— Quem vocês acham que é a maior prejudicada pelo que aconteceu? Não sou eu, por acaso? Eu perdi dois filhos! Mas não, ninguém sente pena de mim, todo mundo só me olha com olhos de acusação. Todos acham que eu sou a culpada, que eu é que preciso pedir perdão. As pessoas acham que eu sou a ama de leite daquela história, que se distraiu e deixou a criança cair no rio. Mas a desmiolada que se distraiu, por acaso, não foi a Yasue? Ela tem sorte de estar morta. Eu sou a maior prejudicada nessa história, mas ninguém

entende isso! Sou eu a mãe de duas crianças pequenas que morreram!

— Você está vendo coisa onde não tem. Quem foi que te olhou com esses olhos de acusação, criatura? O senhor e a senhora Ikuta é que não foram, só diziam “Coitadinha da Tomoko, foi a que mais sofreu”, choraram e tudo.

— Ah, foi da boca pra fora.

Tomoko sentia uma frustração indizível. Considerava-se humilhada e ignorada, achava que não reconheciam seu valor, tinha a sensação de que fora vítima de uma grande injustiça. Achava que a catástrofe que lhe ocorrera deveria gerar privilégios compensatórios. Também sentia revolta contra si mesma, por ter se forçado a pedir perdão aos sogros. Era dessa raiva egoísta e impaciente, uma coceira insuportável que lhe irritava todo o corpo, que ela buscava consolo junto à sua mãe.

Ainda que não se desse conta, o que a afligia era um desencanto com a falta de repertório dos sentimentos humanos. Não é estranho que a morte de uma pessoa e a morte de dez produzam a mesma *performance* de lágrimas? As lágrimas e o choro humanos se referem a que critério mínimo de sofrimento? Quem era a Tomoko que os outros viam? Mas se, pelo contrário, dirigia o olhar a si mesma, se desencantava ainda mais ao perceber que a real natureza da dor inigualável que sentia era obscura e inapreensível.

Na cerimônia de cremação, Tomoko custava mesmo a crer que ainda não tivesse sofrido um colapso, que estivesse havia uma hora de pé, vestindo luto, sob o sol a pino do verão, sem desmaiar. Vez ou outra, quando achava que ia desmoronar, o que a trazia de volta à posição de sentido era um renovado medo da morte que a emudecia. Virou-se para a mãe e comentou, chorosa:

— No fim, acho que eu tinha mais força do que imaginava.

Deu-se conta de que não sentia mais tristeza nenhuma pela morte de Yasue. Tomoko era uma boa pessoa, e não lhe passou pela cabeça que a ausência de luto se devesse a um suposto ódio pela falecida cunhada; no entanto, fora a morte de Yasue que, por mais de quatro horas, a impedira de pensar na segurança de seus filhos — e, nisso, a falta de tristeza de Tomoko se aproximava do ódio por Yasue.

Masaru, conversando com os pais, chorou ao mencionar Yasue.

— Coitadinha, morreu solteirona.

Ao ouvir isso, também pelo marido Tomoko sentiu algo próximo do ódio. *Afinal, ele está mais triste pelos filhos ou pela irmã?*

Na verdade, Tomoko estava por um fio. Não conseguia pegar no sono nem mesmo após uma noite inteira em claro. Não sentia nem dor de cabeça; pelo contrário, sua cabeça estava firme e lúcida. Nas visitas de pêsames, as pessoas manifestavam preocupação com a saúde dela. Às vezes, irritada, exclamava:

— Mas parem de se preocupar com a minha saúde! Me deixem! Não veem que tanto faz eu estar viva ou morta?

Transcorrido algum tempo, não pensava mais estar enlouquecendo e deixou de cogitar o suicídio. Katsuo passou a ser, ao menos por ora, o motivo adequado para a sua sobrevivência. Mas, às vezes, enquanto observava uma das mulheres de luto lendo um livro para o filho, Tomoko achava que era por covardia ou desânimo que ficava repetindo para si mesma: “Ainda bem que não me matei”.

Nessas noites, ela repousava a cabeça no peito do marido, sob o círculo de luz do abajur, e, com os olhos límpidos de um coelho, ficava repetindo para si mesma, como um promotor diante do júri: “A culpa foi minha. Eu fui irresponsável. Eu devia ter sabido que não dava para deixar três crianças com a Yasue”. Mas a sua voz era vazia como o eco de um grito lançado às montanhas.

Masaru sabia muito bem por que a mulher insistia em se sentir responsável. Ela queria ser punida de alguma forma. Era quase uma gula pelo castigo.

Depois do serviço do 14º dia,³ o entorno da família finalmente voltou ao normal. As pessoas próximas aconselhavam que o casal fosse viajar levando a criança, que pensassem na saúde, buscassem relaxar; mas Tomoko não podia nem cogitar ir ao mar, nem à montanha, nem às estações termais. Tinha medo. Dizia que desgraça nunca vem só.

Em um entardecer de fim de verão, Tomoko foi com Katsuo a Ginza, onde ficam as lojas mais chiques. Iam se encontrar com Masaru na saída do serviço, para irem juntos jantar. Katsuo podia pedir qualquer coisa a Tomoko, ela fazia todas as suas vontades. Tanto ela como Masaru passaram a mimar o menino a ponto de causar desconforto a quem assistia de fora. Em compensação, não deixavam que ele fizesse nada sozinho, tratavam-no como se fosse de vidro, e coisas simples como a travessia de uma rua por onde passasse a linha do bonde eram encaradas como uma grande aventura. Tomoko inspecionava os carros e caminhões enfileirados na linha do

semáforo com o olhar desafiador de quem reconhece o inimigo e apressadamente puxava rua afora a criança pela mão, que segurava com toda a força.

Das vitrines, os trajés de banho que haviam sobrado da coleção de verão ameaçavam Tomoko. Ela cobriu os olhos e passou correndo por um manequim em específico que vestia um maiô verde quase igual àquele em que Yasue morrera. De relance, teve a impressão de que era um manequim sem cabeça. Em seguida, pensou ter avistado no pescoço do boneco a cabeça de Yasue morta, com os olhos fechados que se entreviam pelos cabelos revoltos da água do mar. Pensou em seguida que todos os manequins da vitrine eram cadáveres de afogados. *Não vejo a hora de o verão acabar*, pensou. A própria palavra “verão” lhe trazia associações de morte e putrefação. A luz do pôr do sol estival tinha o lustro das pústulas.

Como ainda havia tempo antes do horário do encontro, Tomoko entrou com Katsuo em uma loja de departamentos. Faltava cerca de meia hora para o fim do expediente. Como Katsuo queria ver os brinquedos, Tomoko se dirigiu ao terceiro andar. Passou correndo pela seção de roupas de banho infantis, onde várias mães disputavam os saldos com sangue nos olhos. Uma delas pegou um pequeno calção azul-marinho e o aproximou da janela, para ver melhor. A fivela dourada do calção refletiu os raios do poente e feriu os olhos de Tomoko. *Ela está procurando uma mortalha*, pensou.

Katsuo ganhou uns bloquinhos de madeira e disse que queria subir no terraço. Lá em cima, no parque, o ar estava fresco. Os toldos tremulavam sob o forte vento marinho. Pela tela de proteção, podiam-se ver as pontes Kachidoki e Tsukishima e os navios cargueiros ancorados no porto.

Katsuo largou a mão da mãe e se pôs diante da jaula dos macacos. Quando se deu conta, Tomoko correu até ele e o abraçou por trás. Talvez por causa do sentido do vento, sentia-se o pungente fedor dos macacos. Um deles enrugou a testa e ficou observando-os com atenção. Pulou para outro galho, com uma mão cuidadosamente posicionada no traseiro, e Tomoko avistou sua orelhinha, suja e cheia de veias. Ela nunca tinha olhado os bichos do parque com tamanha atenção. Ao lado da jaula havia um laguinho com um chafariz no meio.

Em torno do muro de tijolo do lago havia um canteiro com onze-horas floridas. Por cima do muro, caminhava, equilibrando-se, um menino mais ou

menos da mesma idade de Katsuo. Não havia nem sinal dos pais da criança. *Tomara que escorregue. Tomara que se afogue. Tomara que morra*, pensou Tomoko, enquanto observava febril as pernas incertas do moleque. O menino não caiu. Deu uma volta completa no muro e percebeu o olhar intenso de Tomoko. Olhou de volta, atrevido, e riu. Tomoko não riu. Era como se ele estivesse fazendo troça dela. Pegou Katsuo pela mão e desceu do terraço às pressas.

Em um momento do jantar, Tomoko rompeu uma pausa silenciosa que se prolongara demais.

— Você até parece que está se divertindo. Não está mais triste, né?

Masaru se assustou e olhou em torno, constrangido.

— Mas não vê que eu faço essas coisas para animar você? Estou me esforçando.

— Não precisa fazer nada por mim.

— Você está sendo egoísta. E se o Katsuo tiver algum problema psicológico por causa disso?

— Ah, eu não tenho capacidade de ser mãe, mesmo!

E, assim, estragou-se completamente o jantar.

Com o passar do tempo, Masaru adotava uma atitude cada vez mais passiva diante do luto da esposa. Tentava se distrair com o trabalho. Enquanto isso, Tomoko cuidava da sua dor como de uma criança. Todas as noites, ao voltar para casa, ele se deparava com a tristeza monótona dela. E assim, começou a chegar cada vez mais tarde.

Tomoko chamou à sua casa uma antiga empregada e lhe deu todas as roupas e brinquedos que encontrou de Kiyoo e de Keiko, que eram da mesma idade do filhinho e da filhinha da mulher. Certa manhã de verão, Tomoko acordou um pouco mais tarde que de costume. Do outro lado da cama, Masaru dormia encolhido um sono pesado de quem chegara tarde e bêbado em casa.

O quarto cheirava aos vapores estagnados do seu bafo de álcool. Masaru se virou e as molas do colchão rangeram. Agora que Katsuo era filho único, Tomoko, mesmo sabendo que isso não se faz, havia instalado a caminha da criança no quarto junto com eles. De onde estava, ela podia ver, através dos dois mosquiteiros brancos, o rosto do filho dormindo. Katsuo sempre fazia um beicinho quando dormia.

Ela esticou o braço, afastou o mosquiteiro e puxou a corda da cortina. A textura de linho do pano em torno da corda era agradável em sua mão suada. Abriu uma fresta na cortina. A luz vertical atingia as folhas das palóvnias diante da janela, criando uma sobreposição de sombras que dava um aspecto suave às copas das árvores. Os pardais, como de costume, haviam acordado e davam a impressão de passear em fila, chilreando pelas calhas dos telhados. O barulho atrapalhado das patinhas dos pássaros caminhando pelo zinco de um lado para outro trouxe-lhe um sorriso involuntário ao rosto.

Era uma manhã abençoada. Não havia nenhum motivo especial para que Tomoko se sentisse assim; mas era inevitável. Descansou a cabeça no travesseiro e ficou ali, muito quieta. Uma sensação de felicidade se espalhou por todo o seu corpo. De repente, com um sobressalto, compreendeu por que estava tão alegre. Essa era a primeira manhã, desde a morte dos filhos, em que não sonhara com eles. Até então, sonhara todas as noites com Kiyoo e Keiko. Mas parece que naquele dia, não. Tivera um sonho bobo e agradável qualquer. À compreensão se sucedeu o remorso. Como podia ter esquecido tão cedo? Como podia ser tão insensível? Chorou lágrimas arrependidas e pediu perdão aos espíritos dos filhos. Masaru acordou e a viu chorando; mas, no lugar da profunda angústia que ela sempre transmitia quando chorava, desta vez ele viu em seu rosto algo de plácido.

— Estava pensando neles?

— Estava... — mentiu, para não ter de explicar.

Mas, depois que mentiu, ficou irritada porque o marido não chorou junto com ela. Se ele tivesse chorado, talvez ela conseguisse acreditar na própria mentira.

Tomoko começou a duvidar que ela e o marido tivessem a capacidade necessária para enfrentar a tragédia que lhes ocorrera. Aquilo fora uma fatalidade, mas justamente porque fora uma fatalidade não lhe parecia justo que tivesse ocorrido com eles. Para preservar intacta a memória do incidente, era necessário um excesso de esforço. Não seria melhor aceitar que a memória do ocorrido fosse ficando mais distante, como é normal acontecer com todo mundo?

Ao sentir que sua determinação fraquejava, Tomoko se armou de toda a força que tinha e, pensando, como as pessoas mais velhas dizem quando querem se consolar, que “foi o destino que quis assim”, buscou relembrar a

fúria que sentira no passado. Talvez o que Tomoko temesse, no fundo, fosse o processo de aceitação da perda. Todos nós temos dívidas não pagas para com os mortos. O remorso é uma tolice, mas todo mundo, inevitavelmente, fica imaginando o que poderia ter feito de diferente, como um último gesto pelos mortos. Desejamos manter a morte no âmbito dos dramas humanos o tanto quanto possível.

Tomoko provaria à exaustão o gosto do remorso e da dor, e se decepcionara com a inexpressividade da tristeza e do pranto humanos; mas ainda não se dera por satisfeita. Ao mesmo tempo, uma dúvida profunda nascera em outro lugar em seu coração. Às vezes, achava que a morte dos filhos não passara de uma encenação. Alguns detalhes lhe pareciam muito suspeitos. Era como a conspurcação da vida familiar calma e simples que eles haviam vivido até aquele momento — como se alguém tivesse querido se vingar deles, destruindo toda a sua felicidade de uma só vez. Ao contrário de outras mortes e assassinatos, o que acontecera naquele dia fora um ato essencialmente cruel, essencialmente desumano. Desde o início até o desfecho, o incidente preservara uma inevitabilidade, uma impossibilidade de controle ou intervenção, que o excluía do plano das coisas humanas. Ao pensar nisso, ela teve medo de que toda a dor e todo o luto por que passara tivessem sido desprovidos de significado.

O verão chegava ao fim; e ela, que tanto desejara esse fim, naquele instante teve medo de que o verão terminasse. Ela então teria de esperar um ano inteiro até a volta do verão. Como se o verão fosse deixar de existir. E sem o verão, era possível que a realidade mesma da tragédia deixasse de existir, como se nada daquilo tivesse ocorrido.

Masaru, por sua vez, era o tipo de pessoa que achava que não havia nada em sua própria psicologia que ele não pudesse entender. A única vez em sua vida em que sentira algo incompreensível fora no caminho de carro até a pousada da praia de A. Depois disso, quando o jornal publicou a notícia da tragédia familiar, ele achou que, tirando a idade de Yasue, que o repórter errara em dois anos, o artigo estava bastante fidedigno e conseguira transmitir a ideia geral do ocorrido. Não acreditava que a dor precisasse de explicações. Era um homem saudável, que sentia tristeza como quem sente vontade de comer. Quando se tem fome, basta comer que a fome passa. Quando se está triste, igualmente, basta chorar que a tristeza passa.

Masaru era muito mais vaidoso do que Tomoko e gostava de desempenhar o papel de pai enlutado. Para um homem bem-sucedido como ele, uma tragédia pessoal tinha o efeito de defletir a inveja alheia; além disso, um traço de fragilidade traz um charme romanesco a um homem forte e capaz. Ao perceber que a esposa tinha privilégio e precedência sobre o luto, Masaru se distanciou e adquiriu o hábito de ir beber até tarde antes de voltar para casa. Mas nenhum saquê de nenhum bar lhe parecia saboroso. O fato de que ele não sentia prazer em beber, por outro lado, tranquilizava a sua consciência. O álcool que ele consumia não embriagava, mas tinha o doce gosto do sacrifício e da renúncia.

Sempre trazia presentes para o filho. Katsuo se tornou uma criança mimada e caprichosa, mas, como lhe davam tudo o que queria, às vezes parecia um pouco perdido, sem saber o que mais desejar. Um dia, finalmente, disse que não queria nada. E Tomoko e Masaru, ignorando a própria inadequação parental, se perguntaram se Katsuo não estaria doente.

Depois do serviço do 49º dia, o casal comprou um jazigo no cemitério de Tama. Era o primeiro jazigo do ramo familiar de Masaru, e aqueles seriam os seus primeiros sepultamentos. Yasue desempenharia o papel de guardião das crianças no mundo dos mortos. Masaru obtivera permissão do ramo principal da família para enterrá-la com eles.

Depois de muito tempo juntos, todo casal perde a solenidade dos primeiros anos. No entanto, o luto restabelecera a seriedade de Masaru e Tomoko, ainda que de maneiras distintas. Quando saíam juntos, isso ficava ainda mais claro. Aos olhos dos outros, eles pareciam muito conectados, como se pensassem e sentissem as mesmas coisas; era como se a seriedade dos dois os unisse.

Era um belo dia do início do outono, e o calor já se dissipava no céu, quando foram ao cemitério conhecer o jazigo da família. A memória seguidamente faz com que o tempo pareça correr em linhas simultâneas, ou ainda em realidades sobrepostas. Nesse dia, Tomoko pôde verificar esse efeito em duas ocasiões — talvez porque o ar estivesse tão claro e transparente, até mesmo o seu inconsciente se banhara de sol, tornando-se translúcido.

Uns dois meses antes das três mortes, Masaru se envolvera em um acidente

de carro. Ninguém se ferira, mas, desde então, se Katsuo estivesse junto, Tomoko não entrava mais no carro do marido. Naquele dia, os três foram de trem ao cemitério.

O primeiro episódio ocorreu quando eles desceram na estação M. a fim de fazer a baldeação para a pequena locomotiva que levava ao cemitério. Masaru desceu na frente, com Katsuo no colo, e Tomoko veio logo atrás. Como muita gente descia naquela parada, Tomoko só conseguiu sair instantes antes de a porta se fechar. Ela olhou para a porta automática que, com um sinal agudo, se fechara atrás dela. Quase gritando, tentou reabri-la com as duas mãos. Tinha a nítida impressão de que Kiyoo e Keiko haviam ficado para trás, dentro do vagão.

Com uma expressão incrédula, o marido agarrou-a pelo braço. Ela o encarou de volta desafiadoramente, como uma ladra que tivesse sido capturada por um policial. No instante seguinte, seu rosto voltou ao normal e ela se pôs a explicar minuciosamente a alucinação que tivera. Mas Masaru achou a coisa toda meio forçada, como se ela estivesse exagerando. No contexto das ações cotidianas, uma manifestação emocional e impulsiva como aquela, em busca de uma memória do passado, lhe pareceu artificial. Será que Masaru tinha razão em suas suspeitas? Era como se Tomoko não soubesse representar a irritação que sentia com a vida.

Katsuo adorou o trenzinho antiquado que os levou ao cemitério. Tinha uma enorme chaminé em forma de trombeta, grande como se usasse tamancos altos. O maquinista se apoiava em um parapeito de madeira que, de tão sujo de fuligem, parecia feito de carvão. A locomotiva balbuciou, suspirou, rangeu os dentes por um bom tempo, e então se pôs a percorrer a modorrenta paisagem suburbana de hortas e lavouras.

Tomoko, que nunca tinha ido ao cemitério de Tama, ficou surpresa com a paisagem alegre. *Nossa, que espaçoso esse lugar para os mortos! Tem um lindo gramado e uma larga avenida flanqueada de árvores verdes!* A vista ia longe no ar claro sob um céu azul. A cidade dos mortos era mais ordeira e higiênica do que a dos vivos. Ela vivera até aquele dia sem saber da existência de um lugar assim, mas não achou nada de mórbido em pensar que ainda iria muitas vezes visitá-lo.

Nem Masaru nem Tomoko eram muito fervorosos em sua fé, mas o período em que tiveram de observar os ritos funerários, sombrios e tristes,

trouxera-lhes uma forma de paz. A vida de luto lhes trouxera uma placidez, uma ausência de constrangimento, uma espécie de conforto. À semelhança do que ocorre com os que levam uma vida dissoluta, depois de tanto tempo em convivência íntima com a morte, tinham a sensação de que nada de mau voltaria a ocorrer a eles.

O jazigo que Masaru comprara ficava longe da entrada. Os três caminharam um bom trecho, e ao fim estavam bastante suados. No caminho, observaram com curiosidade a lápide do almirante T. e sorriram ao passar por um túmulo cafona, decorado com espelhos. Tomoko escutou o vago canto das cigarras de outono e sentiu o cheiro das folhas caídas à sombra das árvores misturado ao perfume do incenso.

— É um lugar muito bom. Tem bastante espaço para Kiyoo e Keiko brincarem. Assim, não vão se chatear. Acho que vai fazer bem para a saúde deles. Nossa, que coisa estranha de se pensar...

Katsuo estava com sede. A meio caminho avistava-se uma torre alta e escura. Os degraus circulares em torno da construção estavam molhados; é que na torre havia um bebedouro que estava vazando. Algumas crianças, exaustas de caçar libélulas, haviam descansado as redes contra a torre. Uma bebia água, outra tentava tapar o buraco do bebedouro com o dedo, ainda outra corria atrás das demais, e todas faziam uma imensa algazarra. Às vezes, a água saltava longe, e os respingos desenhavam no ar um suave arco-íris. Katsuo era uma criança que falava pouco, mas muito ativa. Ao ver as outras crianças, ficou louco de vontade de ir beber água com elas. Tomoko largou sua mão por um instante e lá foi ele em direção à torre.

— Aonde você pensa que vai? — gritou Tomoko, estridente.

— Vou beber água — ele respondeu, sem interromper a corrida.

Tomoko logo o alcançou.

— Ai, me larga, tá doendo.

Katsuo estava assustado. Tomoko o havia agarrado com força por trás, como uma criatura que dá o bote. Ela se ajoelhou nos pedriscos do caminho e virou Katsuo em sua direção. Ele olhou para o pai, que assistia à cena atônito, de longe, na frente de uma cerca viva.

— Não pode beber aquela água. Bebe essa aqui que eu trouxe.

Tirou uma garrafa térmica da sacola de pano que trouxera, prendeu-a entre os joelhos e desenroscou a tampa.

Os três chegaram à sua pequena propriedade. Ficava em um lote novo, atrás de umas tantas lápides. Havia vários pés de buxo, um pouco sem vida, mas que ao olho mais atento formavam um padrão regular. As cinzas de Yasue e das crianças ainda não haviam sido transferidas do templo familiar, e não havia nenhuma tabuleta com os nomes dos mortos. O jazigo se resumia a um retângulo de terra de quinze metros quadrados, isolado por uma corda.

— Então é aqui que os três vão vir descansar... — disse Masaru.

Tomoko não se comoveu com as palavras do marido. *A realidade transcende a verossimilhança*, pensou, surpresa. *Se uma criança se afoga no mar, é possível aceitar o ocorrido como algo que realmente ocorre no mundo. Mas quando três pessoas morrem de uma vez só, fica um pouco ridículo. Se dez mil morrerem, daí o incidente volta a ser verossímil. É ridículo quando algo acontece em excesso, mas não há nada de ridículo em uma catástrofe natural, ou ainda em uma guerra. A morte de uma pessoa é algo sério, solene; um milhão de mortes também é um acontecimento sério, solene. O problema é quando há apenas um pequeno excesso de mortos.*

Tomoko ainda não conseguira compreender a verdadeira dimensão de sua dor. Por isso, às vezes excluía Yasue ao pensar na tragédia; ou ainda, juntava Kiyoo e Keiko em uma só unidade, como se fossem gêmeos. Esses exercícios mecânicos voltaram a ocupá-la diante daquele jazigo. Era como se ela temesse que a sua dor fosse adúltera. Tomoko, que até então nunca tivera nenhum favoritismo em relação a um filho em detrimento dos outros, encontrava-se agora presa em um dilema moral. Enquanto todos estavam vivos, ela acreditou amá-los de forma igualitária; agora que dois estavam mortos, a situação era mais complicada. A perda é o mais egoísta de todos os sentimentos. Assim, ela se forçava a pensar em Kiyoo e Keiko como um único aglomerado de sofrimento, o que de nada adiantava — apenas servia para transformar a sua dor em algo cada vez mais abstrato.

— Três de uma vez só! Que estupidez! Três mortos! — ela exclamou.

Era um número grande demais para uma família e pequeno demais para a sociedade. Não tinham relevância social, como as mortes em batalha ou no cumprimento do dever; eram mortes solitárias, individuais. Em seu egoísmo feminino, Tomoko não conseguia resolver o enigma do número três. Masaru, que era mais social do que ela, entendeu com o tempo que era mais fácil pensar nas três mortes do ponto de vista da sociedade — ou seja, que era

melhor assim, pois não fora a própria sociedade que os matara, e sim um incidente, um infortúnio.

A segunda vez naquele dia em que Tomoko viu suas memórias se sobreporem ao tempo foi na volta, quando chegaram diante da estação. Faltavam ainda uns vinte minutos para a chegada do trem. Katsuo pediu que lhe comprassem um *tanuki* de brinquedo que estava à venda na entrada do prédio. O cão-guaxinim era feito de um pedaço de feltro chamuscado para parecer a pelagem do bicho, ao qual se dava forma com enchimento e se colavam orelhas, olhos e um rabo. O boneco vinha pendurado em uma varinha.

— Nossa, ainda fazem esse brinquedo antigo!

— Será que as crianças de hoje ainda acham graça no cão-guaxinim?

— Existe desde que eu era pequena.

Tomoko comprou o brinquedo da velhinha da estação e o deu a Katsuo. Então olhou ao redor para procurar outros presentes. Precisava levar algo para Kiyoo e Keiko, que haviam ficado em casa.

— O que foi? — perguntou Masaru.

— Não sei o que me deu hoje... estava procurando algum presente para levar para Kiyoo e Keiko...

Ela ergueu os braços brancos e roliços e fez um gesto de esfregar os olhos. Suas narinas tremiam, como se prestes a chorar.

— Claro, pode comprar — disse Masaru, ao mesmo tempo gentil e assustado. — Podemos colocar no altar de casa.

— Não, mas aí não vale! Eu quero comprar para eles vivos!

Tomoko escondeu o nariz no lenço. Eles estavam vivos, mas Kiyoo e Keiko estavam mortos. Ela achava isso perverso. Estar vivo é muito cruel. Ela olhou de novo para as bandeiras vermelhas dos restaurantes diante da estação, para a brancura das lápides de granito empilhadas bem alto à frente das marmorarias, para o papel envelhecido das janelas do andar superior das lojas, para as telhas das casas, para o azul de porcelana do céu que começava a escurecer. Vê-se tudo tão nitidamente, pensou. Diante de toda a crueldade da vida, ela sentiu uma placidez tão profunda que achou que ia desmaiar.

Com o avanço do outono, a vida da família ganhou em calma e paz. É claro que o casal ainda sofria com a perda. Mas Tomoko estava menos nervosa, e Masaru voltou a chegar mais cedo em casa — onde se sentia

novamente confortável e onde estava Katsuo, o filho que amava. Mesmo quando, depois que Katsuo ia dormir, um deles tocava no assunto triste de que não queriam mais falar, eles encontravam algum consolo em conversar sobre essa dor. O fato de que algo terrível como a tragédia que haviam sofrido pudesse ir aos poucos se dissolvendo e se mesclando à vida cotidiana dava-lhes a sensação de ter cometido um crime que nunca seria descoberto, um novo medo misturado com vergonha. O sentimento constante de ausência dos três mortos trazia consigo, surpreendentemente, uma sensação de plenitude. Ninguém na família enlouqueceu, ninguém na família se matou. Ninguém sequer adoeceu. Era como se a catástrofe não os tivesse atingido, fortalecendo sua convicção de que nada mais de ruim aconteceria. Foi então que Tomoko começou a se sentir entediada, como se estivesse sempre esperando que algo fosse ocorrer.

Até então, tinham evitado ir ao teatro ou buscar outras formas de entretenimento; mas Tomoko, cansada da rotina morosa, criou para si a desculpa de que as pessoas a quem ocorrera uma desgraça necessitavam ainda mais de distração. Nessa época, um famoso violinista americano fazia turnê pelo Japão, e eles decidiram comprar ingressos. Katsuo ficaria em casa — Tomoko ainda tinha medo de andar com o filho no carro do marido, mas queria andar de carro com ele.

Levou um bom tempo se maquiando. O cabelo, depois de meses sem cuidado, deu trabalho. O rosto no espelho foi o suficiente para lembrá-la dos prazeres de outras épocas. O êxtase de ver o próprio rosto era incomparável. Havia muito tempo não sentia a alegria de se olhar no espelho. A persistência egoísta do luto a distanciara do deleite de se admirar. Experimentou diversos quimonos até encontrar o certo: um traje de gala de um roxo opulento em seda *hittashibori* tingida à mão, que fechou com uma cinta obi de brocado. Sentiu que estava vestida com extremo luxo. Masaru, que esperava ao volante, se espantou com a beleza da esposa quando ela saiu pela porta da frente.

Por onde eles andavam no teatro, Tomoko fazia todos pararem para olhar. Masaru ficou mais contente que de costume. Mas Tomoko não se sentia satisfeita, não importava quão bonita se sentisse. Em outras épocas, ela teria voltado para casa feliz de ter sido alvo de tantos olhares. Agora, tinha a impressão de que o ambiente brilhante e animado do teatro só servia para

sublinhar o fato de que ela ainda não havia se curado de sua dor.

No entanto, havia um motivo mais profundo ainda para a insatisfação de Tomoko. Ela continuava sentindo que não recebera do mundo o tratamento digno de uma mãe vítima de uma desgraça.

Comovida com o recital, Tomoko emergiu da sala de concerto com o olhar triste. Cumprimentou uma conhecida no saguão, e a melancolia de seus olhos combinava com as palavras de consolo que a mulher lhe ofereceu. A conhecida estava acompanhada por um rapaz que nada sabia de sua desgraça. Ele não lhe ofereceu condolências, falou de coisas corriqueiras e ainda ousou fazer dois ou três comentários críticos sobre o violinista. *Mas que pessoa grosseira*, pensou Tomoko, enquanto observava o lustroso cabelo do jovem se distanciar na multidão. *Não me ofereceu uma única palavra de condolência, como todo mundo. Então ele não viu a tristeza no meu rosto?*

O jovem era alto. Podia-se ver a sua cabeça acima da multidão. A cabeça se virou e ela viu os olhos e as sobrancelhas se moverem com uma risada. Uma mecha da franja se equilibrava perigosamente em sua testa. Via-se a ponta da cabeça de alguém falando com ele. Era uma mulher.

Ela sentiu ciúmes. Talvez não fossem palavras de consolo o que ela queria ouvir do jovem. Ao pensar isso, sua alma virtuosa sentiu um arrepio. Tentou se convencer de que não era um pensamento racional. Afinal, ela nunca se sentira insatisfeita com o marido.

— Está com sede? — perguntou Masaru, que até então estava falando com outro conhecido. — Tem refrigerante de laranja para vender ali.

Na frente de um balcão, havia várias pessoas inclinadas segurando garrafas, das quais sugavam com canudo um líquido alaranjado. Tomoko observou-as com o cenho franzido e o olhar duvidoso dos míopes. Não estava com sede alguma. Lembrou-se da tarde em que foram ao cemitério, em que ela proibira a Katsuo a água do bebedouro e lhe dissera para beber a água fervida que ela havia levado. Mas não era apenas Katsuo quem corria perigo. Também naquele líquido laranja poderia haver uma discreta quantidade de veneno.

O concerto foi um divisor de águas para Tomoko. Ela passou a sentir uma quase insana sede de prazer. A urgência com que sentia a necessidade de se divertir era semelhante a um febril desejo de vingança. Não que ela desejasse cometer adultério, ou algo do gênero. Fazia questão de carregar Masaru com

ela a todos os lugares. A sua consciência continuava, ainda assim, muito envolvida com os mortos.

Quando chegava em casa de algum divertimento, ela ia conferir se Katsuo, que dormia sob os cuidados da babá, estava bem, e ao ver o seu rosto adormecido, lembrava-se dos rostos dos outros dois filhos quando dormiam, e então era invadida por um desejo de se martirizar por ter buscado o prazer com tanto abandono. O prazer virou um método infalível de acelerar a fermentação de seu remorso.

Devido ao seu trabalho, Masaru às vezes precisava levar algum convidado estrangeiro para jantar ou para algum evento. A rotina de antes das mortes se restabeleceu, e Tomoko passou a acompanhá-lo nesses compromissos. Devotava-se intensamente ao papel de esposa do chefe, exibindo sempre uma atitude estudada de alegria e contentamento — mais ainda do que quando, no passado, tivera uma vida despreocupada. Sua presença brilhante sempre arrebatava os convidados.

— Você se tornou uma exímia anfitriã! — observou Masaru.

— O segredo para a vida em sociedade é imaginar que tudo é uma encenação. Antigamente, quando me divertia de verdade, talvez eu passasse uma imagem mais sombria — respondeu.

No domingo, decidiram levar Katsuo a um piquenique no zoológico. De tanto ser mimado, o menino estava cada vez mais egoísta. Mas os pais não davam atenção a isso e, como presas de uma alucinação, achavam que podiam comprar uma vida longa para o filho e que as expectativas para o futuro dele compensavam qualquer sacrifício. A racionalidade dos pedagogos lhes parecia uma estultícia.

Tomoko desenvolveu uma obsessão por roupas, modas e quimonos. Masaru, um pouco amedrontado com o frenético entusiasmo da esposa, supôs que em seguida ela se interessaria por alguma arte tradicional japonesa. Mas o *modus operandi* de Tomoko era outro — uma espécie de vulgaridade que ela usava para enganar a si mesma, buscando sempre algo novo, sob o pretexto de esquecer a tristeza. A sua busca pelo prazer não era uma paixão, e sim um vazio. O que a movia em seu desejo era o vazio.

Quando o marido não podia acompanhá-la na rápida sucessão de espetáculos e atividades de que participava, Tomoko escolhia entre as amigas do tempo de colégio uma mais quieta para levar com ela. Uma de suas

amigas era louca por uma atriz que fazia papéis masculinos no teatro de revista *shojo*,⁴ que Tomoko achava de mau gosto. Em um jantar, a amiga revelou que vivia dando presentes à atriz. Tomoko gostava de ouvir esse tipo de relato de depravações inocentes, como se a amiga estivesse lhe confessando o maior dos segredos.

Certa vez, foram ao camarim encontrar a tal atriz. Ela estava sentada em um *zabuton* de seda, vestindo uma casaca masculina. Contra as paredes, encontravam-se pendurados os trajes espanhóis do segundo ato, e a certa distância uma multidão de fãs aguardava em fila. As fãs não diziam uma palavra — quase não respiravam, embevecidas com cada gesto da atriz.

Tomoko não gostava de teatro *shojo* porque tanto as atrizes quanto as fãs eram mulheres jovens e virginais — ainda que houvesse exceções, como a sua amiga, casada e mais velha. Ao menos as atrizes, Tomoko tinha certeza, eram todas virgens. Esta atriz, vestida de casaca branca, era virgem. Ela não ganhava nada e também não perdia nada. Tomoko a observou enquanto ela empunhava um espelho e retocava o batom com os dedos finos. O que a levava a tomar emprestado um corpo de homem?

A atriz, como a turba de suas fãs, imaginava o masculino. Era algo que ia além da ilusão de óptica — o seu papel se realizava no palco pela força da imaginação, compartilhada com a plateia, de um corpo de homem. Era a esse fenômeno psicológico que o panfleto da peça se referia, em síntese, como um “sonho”. E a Tomoko de agora não sentia nada além de irritação diante do complexo amálgama de experiências e sonhos que é a vida. Não porque, como outra mulher qualquer, ela tivesse decidido renunciar aos próprios sonhos, e sim porque os seus sonhos tinham mais substância do que aqueles sonhos de virgens — uma força capaz de subjugar a sua realidade. Na verdade, Tomoko era ainda mais romântica do que aquelas atrizes e fãs de teatro. *O meu corpo gerou filhos, pensou ela, e depois os perdeu. Não há sonho mais poderoso e indestrutível do que esse. Nenhuma destas mulheres aqui reunidas tem a mínima ideia do que isso significa.*

De repente, Tomoko sentiu em si o desejo de ter mais um filho — uma filha. Não havia ainda, no entanto, nenhum sinal de que estivesse grávida. Lembrou-se de como fora divertido brincar de maquiagem com Keiko, diante do espelho. Assim como os gatos já nascem gostando de peixe seco, as meninas já nascem gostando de pó de arroz e de batom. Keiko tentava imitar

os gestos da mãe. Franzia a boca, passava o batom e depois lambia os lábios.

— Que gosto ruim! — dizia a menina.

Keiko aprendeu a dizer “loção hidratante”. Uma vez, na escola, a professora mostrou um cravo e perguntou como se chamava aquela flor. Keiko respondeu “loção hidratante”, porque as duas palavras rimam em japonês. Estava na fase em que as crianças confundem palavras semelhantes. Outra feita, a professora desenhara um *koto* no quadro, e ela respondera, depois de pensar um pouco, que o instrumento se chamava “corredor”, pelo mesmo motivo.

Na mesma época, seu tio, que era da Marinha, lhe ensinou algumas canções de caserna, que ela aprendeu pela metade e vinha cantar orgulhosa para a mãe, que se divertia muito com as palavras trocadas. Enquanto relembrava essas experiências, Tomoko se indagou apreensiva se uma criança que ainda não nasceu existe apenas na imaginação da mãe. Depois da perda de dois filhos, Tomoko não tinha mais muita confiança em uma atitude despreocupada e inocente diante do que estava por vir. Ter um filho era uma decisão muito séria para a pessoa que ela se tornara, e ela assim permaneceria enquanto não houvesse superado o luto.

Sua amiga a chamou. Havia uma algazarra no ambiente. Era hora de ir embora. Como tinham de contornar o fundo do palco, acabaram se atrasando para voltar aos assentos. Um grupo de bailarinas seminuas atravessou o seu caminho e por um momento elas se perderam de vista. Assoberbada pelo cheiro de maquiagem e pelo farfalhar das sedas, Tomoko compreendeu em um instante a contradição e a falta de sentido do cotidiano de prazeres que ela vivia.

As bailarinas se afastaram em direção ao palco, conversando animadamente no dialeto de Osaka. Um remendo cerzido na tanga de seda negra de uma das bailarinas chamou a sua atenção. A simplicidade daquela costura calou fundo no coração simples de Tomoko. De repente, lembrou-se de Yasue, que gostava de costurar e morrera virgem, e pensou em como ela fora importante para a família. Yasue fora como uma nota de rodapé na vida deles. Em meio à felicidade incompreensível do casal e dos filhos, aquela solteirona fora, mesmo sem saber, a explicação que faltava.

Os quadris que trajavam a tanga remendada misturaram-se a outros tantos quadris de seda negra e desapareceram na escuridão atrás do pano de fundo.

Avistou a amiga que, deixando-a para trás, se apressava de volta ao assento antes que começasse o segundo ato. A amiga fez um gesto com a bolsa, chamando-a.

Logo que chegou em casa, contou ao marido sobre a tanga remendada. Masaru sentiu certa excitação erótica ao ouvir o relato, mas como não fazia ideia do que a esposa queria dizer com aquela história, deu uma risadinha e escutou em silêncio. Levou um susto quando Tomoko em seguida disse que queria aprender corte e costura. Não era a primeira vez que ele achava difícil de engolir o raciocínio errático das mulheres.

Tomoko entrou no curso de corte e costura. Não saía mais com tanta frequência. Dedicou-se com renovada fúria a ser uma mulher do lar. Inspecionava a casa inteira como se estivesse “encarando a vida de frente”. A casa apresentava claros indícios de que havia sido deixada de lado. Era como se ela estivesse voltando de uma longa viagem. Passava um dia inteiro fazendo faxina, e o seguinte lavando roupa. Perplexa, a empregada de meia-idade de repente se viu subtraída de suas tarefas.

Foi arrumar a sapateira e de lá emergiu um par de sapatos de Kiyoo. Havia também um par de sapatinhos de feltro azul-claro de Keiko. A triste mãe se viu mergulhada em um mar de memórias e de lágrimas, mas logo pensou que era de mau agouro guardar esse tipo de recordação; então, muito satisfeita com o próprio gesto de grandeza, chamou uma amiga que estava sempre às voltas com instituições de caridade e doou tudo o que fora dos filhos mortos a um orfanato, incluindo na pilha até roupas que serviriam em Katsuo.

Cada vez que Tomoko se punha a pedalar a máquina de costura, Katsuo ganhava uma roupinha nova. Sentiu vontade de confeccionar para si mesma os chapéus que estavam na moda, mas o afã de fazer roupas não permitia distração. Enquanto costurava, Tomoko esquecia o luto. O som e o movimento monótonos da máquina cancelavam as ondulações irregulares de seus sentimentos e o ritmo descompassado de sua dor.

Era como uma espécie de exercício espiritual: ela enterrava suas emoções naquela máquina. Por que não tinha pensado nisso antes? É verdade que ela havia descoberto o efeito calmante da costura em um momento em que

diminuía a resistência de seu coração. Um dia, espetou-se com a agulha da máquina. Após a dor, o sangue começou a sair hesitante do furo, formando gotas vermelhas. Tomoko teve medo. Pensou que aquela dor estava ligada à morte.

Em seguida, foi tomada de uma sentimentalidade diversa: se aquela pequena ferida estava chamando a morte, isso podia ser uma prece aos deuses para que fosse se reunir com os filhos no além; e ela pisou com força e vontade renovadas no pedal da máquina, que no entanto era muito segura e nunca mais a espetou — muito menos a ameaçou de morte. Mesmo enquanto costurava, não se sentia satisfeita. Ela aguardava alguma coisa. Às vezes dirigia ao marido essa expectativa sem nome, à qual ele dava as costas, e os dois passavam um dia inteiro sem se falar ou acabavam discutindo.

O inverno se aproximava. O jazigo da família ficou pronto. O processo burocrático do sepultamento se resolveu. A desolação do inverno dá saudades do calor, o que trazia ao casal amargas lembranças do verão; mas essas lembranças começaram a se tingir de um tom ficcional. É difícil não pensar que tudo é faz de conta quando se está com as pernas sob a mesa aquecida, diante do braseiro, no inverno. Tomoko começou a achar que todo o sofrimento por que passara era uma espécie de melodrama, de ficção — como uma espécie de preguiça emocional. Começou a enxergar distintamente a extraordinária imprevisibilidade da catástrofe, o que a aproximava do fictício. No entanto, não tinha coragem suficiente para guardar em uma pintura de ficção as memórias das duas crianças e de Yasue. Ainda achava que a felicidade que sentira antes da tragédia era mais real do que toda a realidade do que veio depois.

O inverno já ia pelo meio quando Tomoko descobriu que estava grávida. Na mesma época, o esquecimento visitou pela primeira vez os corações do casal como um direito que lhes assistia. Nunca haviam esperado nada com tanta ansiedade quanto aquele bebê. Parecia-lhes estranho que viesse a nascer e natural que fosse perdido.

Tudo ia bem com a gravidez. As novas circunstâncias ergueram uma divisória entre o presente e as antigas memórias. O luto já fora de fato superado; faltava-lhes apenas a coragem de reconhecer que a cura ocorrera.

Tomoko se apoiou na gravidez para criar essa coragem. Até então, Tomoko e Masaru não tinham tido o distanciamento necessário para compreender o que a tragédia representara em sua vida — ou talvez não tivessem sentido necessidade de compreender.

A desesperança que Tomoko sentira desde então não era algo simples. Era uma desesperança que não a levava à loucura — e o fato de que mantivera sua sanidade era prova suficiente da força que tem a mente humana. Qual é o limite do coração humano? Quanta dor é necessária para levar alguém à loucura, à morte por desespero? Ou seria a loucura um traço específico de algumas pessoas? Talvez a propensão à loucura não fosse uma característica essencial da maioria dos seres humanos. O que nos salva da loucura? A força da vida? O egoísmo? A esperteza? Os limites da sensibilidade humana? Talvez a única força que nos salva da loucura seja a nossa impossibilidade de entendê-la. Talvez a infelicidade humana seja sempre uma medida individual — não importa o quão violentos sejam os golpes que a vida nos reserva. Talvez essa violência varie de acordo com a capacidade de resistência de cada um. A dor não seria, então, como um teste a que somos submetidos? Talvez a nossa incompreensão da dor individual se deva ao fato de que muitas vezes nos convencemos de que ela ultrapassa a compreensão.

Ao compreender melhor o que se passara, Tomoko sentia-se frustrada. Mas é difícil enfrentar uma catástrofe como aquela e, enquanto se a enfrenta, compreendê-la. A compreensão, em geral, vem depois, quando se consegue analisar as emoções, deduzir a partir da reflexão, e se tenta explicar o ocorrido a si mesmo. Tomoko sentia-se insatisfeita com suas reações e emoções da época em que se dera a tragédia. Essa frustração durou ainda mais do que o luto, sedimentada em seu coração. Mas não havia maneira de voltar ao passado e corrigir o que fizera ou sentira. Ela não tinha dúvidas de que seus sentimentos eram adequados. Afinal, era mãe. Ao mesmo tempo, não tinha como não achar que seus sentimentos fossem inadequados. Ainda que a realidade seja consolo insuficiente, havia dentro dela, dentro de seu corpo, um broto de nova realidade, que em tempo derrotaria aquela que subestimava a sua força. Essa realidade crescia e se agitava.

A vida emocional que viceja a partir dessa realidade interna da mulher é inacessível aos homens, que não podem conceber. Talvez apenas os homens que abraçam um ideal estejam próximos de compreendê-la. Não era o

esquecimento total, e sim um olvido, semelhante à fina camada de gelo sobre um lago no inverno, cobrindo a sua memória do luto. Às vezes, o gelo quebrava; mas bastava uma noite para se formar novamente, escondendo a superfície da água. O esquecimento adquiriu força sem que Masaru nem Tomoko se dessem conta, e foi se infiltrando cada vez mais. Encontrava as menores fendas e as ia penetrando. Era como o mais diminuto e invisível micróbio ao atacar um organismo, persistente e constante. Assim como o inconsciente resiste e luta contra um sonho, o inconsciente de Tomoko ia progredindo, sem que ela soubesse, em direção ao esquecimento.

Tomoko acreditava que a força de seu esquecimento vinha da força da criança que crescia dentro dela, mas isso era só em parte verdade. A força vinha de outro lugar. Os contornos da desgraça aos poucos iam se deteriorando, ficando vagos, ambíguos, carcomidos, desintegrados. Certa vez, no céu azul de verão, surgira uma gigantesca estátua de mármore, de contornos nítidos e expressão medonha. Essa escultura fora aos poucos perdendo a definição, como uma nuvem. Caíram-lhe os braços e, de sua mão, a espada que empunhava em riste. A expressão do rosto, terrível e arrepiante, aos poucos passara a ser suave, indistinta.

A vida nem sempre desperta nossos sentidos; ela também os adormece. As pessoas mais vivas nem sempre são as mais despertas; muitas vezes, são as mais convictas em seu sono. Assim como a morte mergulha em um sono irresistível aquele que está morrendo de frio, também a vida tenta adormecer os vivos. Nesses momentos, o desejo de vida vem da resistência ao desejo. Essa era a sonolência que assomava Tomoko. A vida a ultrapassava calmamente, deixando para trás sua fidelidade aos sentimentos passados que ela não conseguia mais sustentar, sua integridade que ela buscava em vão fortalecer. Mas o que ela queria de fato proteger não era a sua integridade. Ela não sabia se, algum dia, o instante de intensa emoção que lhe trouxera a morte havia realmente se cristalizado em seu coração. Essa dúvida se instalara, sem que ela soubesse, porque a morte nada mais é do que um episódio em nossa vida. Talvez ela já tivesse começado a trair a memória dos filhos mortos no instante em que conhecera a imensa dor de os perder. Mas o coração puro e simples de Tomoko não se adequava muito a esse tipo de análise. Sua expressão ganhou um quê de tolice — a expressão tola de quem sempre duvida de tudo. A Tomoko jovem de antes da desgraça, ainda que

mais ignorante, tinha uma expressão mais inteligente do que a de agora.

Certa vez, estava ouvindo uma radionovela e teve de desligar o aparelho logo que entendeu que a história era sobre uma mãe que havia perdido o filho. Ela mesma se surpreendeu diante da agilidade com que se movera para impedir que as recordações a assoberbassem. A Tomoko que esperava o quarto filho tinha uma espécie de desprezo moral por quem se deixa mergulhar na dor, como os depravados se deixam mergulhar no prazer. Em poucos meses, ela havia mudado muito. Pelo bebê, ela precisava evitar essas emoções violentas e escuras. Precisava manter o equilíbrio emocional. Gostava mais dos impedimentos e ditames da higiene mental do que da lerda viscosidade do olvido. Sentiu-se livre. Dentro de todas as proibições, sentia liberdade. Tudo isso, claro, era indício da força do esquecimento. Tomoko se espantou com a facilidade com que ela mesma controlava seu coração.

Em algum momento, perdera o hábito de relembrar; e não se espantava mais quando não chorava ao recitar os sutras em uma data memorial ou ao ir ao cemitério. Pensava ter se tornado uma pessoa mais tolerante, capaz de perdoar qualquer coisa. Certa vez, indo à praça com Katsuo, ficou a observar as crianças brincando na caixa de areia e se surpreendeu quando não sentiu, mesmo se esforçando para sentir, nenhum traço do ódio ou da inveja que a invadiam, desde a tragédia, quando via as crianças dos outros.

O esquecimento veio para Masaru antes de Tomoko, mas isso não quer dizer que ele fosse insensível. Pelo contrário, era mais sentimental do que ela e se permitira afundar por completo na tristeza. Os homens, com toda a sua inconstância, são em geral mais sentimentais do que as mulheres. Masaru não conseguiu manter a intensidade de suas emoções por muito tempo e, ao constatar que sua tristeza já não o perseguia tanto quanto antes, começou a se sentir só e, escondido da esposa, teve um breve caso extraconjugal, do qual logo se cansou. Tomoko engravidou. Masaru voltou para ela como uma criança volta para a mãe.

A tragédia ia se desprendendo da vida da família como um naufrago abandona um navio que afunda. Com o passar do tempo, um dia a tragédia pareceu a eles como para um leitor qualquer que abrisse o jornal daquele dia na página dos acontecimentos locais. Chegaram mesmo a duvidar que fossem partes envolvidas no desastre. Talvez fossem apenas testemunhas de algo que não lhes dizia respeito. As partes envolvidas no acidente estavam

todas mortas e permaneceriam envolvidas com a tragédia para sempre. Para que se considerassem participantes de um dado evento histórico, eles precisariam primeiro estar de alguma forma implicados no incidente. Mas que implicação haveria, no caso de Masaru e Tomoko? Por acaso foi-lhes dado tempo para se implicarem no ocorrido?

O incidente brilhava longínquo, como a luz de um farol no pontal da praia. Piscava regularmente, como o farol rotativo do promontório de Tsumeki, ao sul da praia de A. De inofensivo passara a ser de certa forma benéfico, como uma lição aprendida; e de uma realidade concreta se transfigurara em uma metáfora, em um conceito. Deixara de ser propriedade privada da família Ikuta e passara a ser um bem público, lançando sua luz sobre as complexidades da vida em sociedade, como a luz do farol ilumina os arrecifes da costa, as ondas que dia e noite mordem com seus dentes brancos as rochas da praia e as matas em torno do promontório.

Havia uma lição a ser aprendida com tudo isso — uma lição simples e antiga, que todos os pais e mães deviam ter sempre em mente: “Se levores teus filhos ao mar, não desprende os olhos deles. Há sempre alguém se afogando, onde menos se espera, na praia”. Não que Masaru e Tomoko tivessem oferecido em sacrifício dois filhos e uma solteirona para ensinar ao mundo uma lição de senso comum — no entanto, as três mortes não serviram a mais nenhum propósito além desse. Na história do mundo, muitas mortes heroicas também foram de pouca serventia.

Tomoko teve uma menina. Nasceu no fim do verão. A família toda ficou muito feliz. Os pais de Masaru, ao saberem das boas novas, vieram de Kanazawa a Tóquio para conhecer a netinha. Masaru levou-os também ao cemitério de Tama. A menininha recebeu o nome de Momoko. Mãe e filha passavam bem de saúde. Tomoko já tinha bastante experiência com bebês. Katsuo estava muito contente com a nova irmãzinha.

Um belo dia, no verão do ano seguinte — dois anos depois do acidente e um ano depois do nascimento da menininha —, do nada, Tomoko disse a Masaru que queria ir à praia de A. Ele levou um susto.

— Mas o que te deu? Você não disse que não queria nunca mais pôr os pés em A.?

- É que eu fiquei com vontade...
- Você é mesmo estranha. Eu que não quero ir.
- Tá bom, então não se fala mais nisso.

Por dois ou três dias, Tomoko não tocou mais no assunto. Então:

- É que eu queria ir...
- Se está com tanta vontade, pode ir sozinha.
- Sozinha, eu não!
- Por que não?
- Ai, sozinha tenho medo.
- Tá, e por que você quer ir a um lugar que te dá medo?
- Quero ir com vocês. Se você estivesse conosco da outra vez, eu não

teria passado por tudo aquilo. Quero ir com você.

— Eu não tenho como tirar uma folga mais longa, e sabe-se lá o que pode acontecer se você ficar muito tempo na praia.

- Pode ser só uma noite.
- É complicado ir lá.

Masaru perguntou novamente por que Tomoko queria ir para a praia. Ela respondia que não sabia o motivo, só sabia que queria ir. Ele se lembrou da fórmula que sempre repetiam os detetives das histórias que gostava de ler: “O assassino sempre volta ao local do crime”. Talvez Tomoko fosse movida por um impulso semelhante.

Tomoko voltou a pedir, uma terceira vez, sem urgência, na mesma voz monótona dos pedidos anteriores. Masaru se deu por vencido e, para evitar as multidões de fim de semana, tirou uma folga de dois dias. Em A., a única pousada era a Eiraku. Ele reservou o quarto mais distante daquele em que Tomoko estava quando ocorrera a desgraça. Ela continuava se recusando a levar as crianças no carro se Masaru estivesse dirigindo. Os quatro foram até Ito de trem e de lá contrataram um carro de praça.

Era o ápice do verão. Nos pátios das casas, os girassóis floriam, descabelados como júbas de leões. O carro levantava poeira nas flores por onde passava, mas os girassóis não pareciam lhe dar importância. Do lado esquerdo do carro, via-se o mar. Katsuo, que não ia à praia havia dois anos, deu um grito de alegria. Contava então cinco anos.

O casal não falou no caminho. O carro chacoalhava muito, não dava para conversar. Às vezes, Momoko pronunciava alguma palavra inteligível. Katsuo

ensinou-lhe a palavra “mar”, e ela, olhando para o outro lado do carro, apontou para uma montanha de terra vermelha sem vegetação e chamou-a de mar. Masaru pensou que era de mau agouro a palavra que Katsuo ensinara à irmãzinha.

Chegaram à pousada Eiraku. Veio o mesmo gerente recebê-los. Masaru deu-lhe uma gorjeta. Lembrou-se vividamente de uma outra nota de mil ienes que lhe entregara, com as mãos tremendo. A pousada passava por dificuldades. Estava vazia. Chegando ao quarto, Masaru começou a ter diversas lembranças desagradáveis e ficou de mau humor.

— Não tinha nada que ter vindo aqui. Por que você inventou de vir? Tudo aqui traz lembranças ruins. Coisas que eu me esforcei por esquecer... É a primeira viagem de Momoko. Tem tanto lugar melhor para ir. Estou cheio de coisa para fazer no trabalho e tive que tirar folga para vir neste lugar idiota.

— Você concordou em vir.

— Você ficou me enchendo o saco para vir.

Lá fora, o gramado torrava na luz da tarde. Tudo estava como da outra vez. Roupas de banho azul-marinho, verdes e vermelhas secavam ao sol, penduradas no balanço branco. Duas ou três argolas estavam caídas no chão, afundadas pela metade na grama. A um canto do jardim, avistava-se a árvore sob a qual fora largado o corpo de Yasue. A relva, manchada pelo sol que a copa da árvore filtrava, lembrava as ondulações do maiô verde de Yasue. O vento incessante criava essa ilusão, movendo as folhas e o desenho da luz sobre o solo. Masaru não tinha visto a irmã ali caída. Apenas Tomoko teve a impressão de ver a cunhada. O acidente, para Masaru, só existiu a partir do momento em que ficara sabendo do ocorrido; e aquele ponto do gramado, em sua percepção, seria para sempre apenas um canto do jardim, tranquilo sob a sombra das árvores. Não apenas para ele — para todos os outros hóspedes, pensou Tomoko.

Como Tomoko não dissesse nada, Masaru se cansou de censurá-la. Katsuo desceu do alpendre para o jardim e pegou uma das argolas do chão. Colocou-a para rolar na grama e ficou observando atentamente o seu trajeto. A argola foi rodando pela sombra, desajeitada no solo irregular. De repente, pareceu saltar e caiu de lado, sobre a própria sombra. Katsuo a olhava sem se mover, como se achasse que ela fosse se erguer de novo. No silêncio da tarde, as cigarras cantavam. Masaru sentiu o suor no colarinho. Lembrando-se de

seu dever como pai, levantou-se e chamou o filho.

— Vamos lá ver, Katsuo!

Tomoko foi atrás com Momoko no colo. Passaram pelo portão da cerca viva e adentraram a floresta de pinheiros. Dali se via o mar, as ondas rápidas que se lançavam sobre a areia brilhavam e se esparramavam.

Era a hora da maré baixa, quando era possível contornar a rocha e sair direto na praia. Masaru pegou a mão de Katsuo e atravessou a areia quente, calçando os tamancos da pousada.

Tinha pouca gente na praia. Não havia um guarda-sol à vista. Passando a rocha, já era a água, mas havia menos de vinte banhistas. Os quatro pararam à beira d'água. Sobre o alto-mar, como da outra vez, havia um sem-número de grandes nuvens estivais. Nuvens sobre nuvens sobre nuvens. Parecia estranho que aquelas figuras, cheias de uma luz pesada, pairassem no ar. Sobre as grandes massas brancas, outras nuvens menores se esparramavam alegremente, como que varridas pelo céu azul. As de cima pareciam olhar com desdém para as de baixo, que se acumulavam sobre o horizonte, como que amontoadas contra alguma coisa. Excessos de claridade e de sombra cobriam os volumes, como um vago e escuro anelo que, imbuído de uma vontade estrutural, formasse no ar uma música de luz.

O mar, mais abrangente que o solo, não parecia se deixar deter pela baía. Naquela costa de mar aberto, tinha-se ainda mais a impressão de que era o oceano que atacava a terra. As vagas subiam. Ameaçavam rebentar. Rebentavam. O brilho de sua superfície era um com o silêncio severo do sol de verão. Quase não havia som. O silêncio era ensurdecedor. Aos pés deles quatro operava-se a lírica transformação das ondas, se aproximando como uma leve risada, se espalhando na areia e se retirando.

Masaru olhou para Tomoko a seu lado. Ela fitava o mar, imóvel. Seu cabelo tremulava na brisa marinha. Ela não parecia ter medo do sol inclemente. Seus olhos úmidos reluziam com soberba intensidade. Os lábios estavam firmemente cerrados. Em seus braços, segurava a filha de um ano, Momoko, que levava na cabeça um chapeuzinho de palha.

Ele pensou já ter visto outras vezes aquela expressão no rosto da esposa. Desde a catástrofe, às vezes a via assim, parada, com os olhos ausentes. Era o rosto de alguém à espera. Pensou em perguntar, como quem não quer nada, o que é que ela estava esperando — mas não teve coragem. No mesmo

instante, porém, teve a impressão de saber a resposta e, apavorado, apertou com mais força a mão de Katsuo.

15 de agosto de 1952

O biscoito de um milhão de ienes

— A gente marcou com a mulher às nove, né? — perguntou Kenzo.

— Isso, às nove. Ela disse que ia esperar perto da seção de brinquedos do térreo, mas ali não dá muito para conversar, então falei pra ela que tinha um café com música ao vivo no terceiro andar que era mais tranquilo — disse Kiyoko.

— Melhor.

Enquanto conversavam, o jovem casal se aproximou dos fundos do Edifício Novo Mundo. Ergueram os olhos e admiraram o pagode de neon do topo do edifício. Na noite abafada e quente da estação das chuvas, o neon tingia as nuvens baixas de cores fortes. O delicado pagode, de filamentos de tons claros, piscava magnífico na noite. Era ainda mais impressionante quando todos os neons se apagavam ao mesmo tempo e, antes que a imagem persistente das luzes se desfizesse na retina, tornavam a se acender. A torre de neon era visível de qualquer ponto do sexto distrito de Asakusa, e sucedera o lago Hyotan, que fora aterrado, como marco de referência da noite do bairro.

Kiyoko e Kenzo, subitamente tomados pela sensação de que a luz do pagode representava o sonho de uma vida de luxos e riqueza, inacessível para eles, debruçaram-se na cerca do estacionamento e se demoraram um pouco, pensativos, admirando as alturas.

Kenzo vestia uma regata e calças simples e levava nos pés um par de *geta*. Tinha a pele muito clara, os ombros e o peito possantes, e do corpo reluzente brotava, debaixo dos braços, uma profusão de pelos lustrosos. Kiyoko estava com um vestido de alças que revelava suas axilas — sempre raspadas, por insistência de Kenzo. Quando voltavam a crescer, os pelos machucavam, e ela adquirira o hábito nervoso de raspá-los constantemente, razão pela qual a sua pele, de hábito tão branca, estava um pouco avermelhada naquela região.

As feições delicadas de Kiyoko pareciam costuradas uma a uma com linha

em seu rosto oval e pequeno. Lembrava um animalzinho muito sério e que não ria nunca, com uma expressão que inspirava imediata confiança. Mas, se por um lado tinha uma aparência confiável, por outro era um rosto que não permitia a leitura de nenhum pensamento. No mesmo braço em que levava uma grande bolsa de vinil cor-de-rosa, carregava também a camisa azul-clara que Kenzo despira. Ele não gostava de carregar nada.

A maquiagem e o cabelo de Kiyoko revelavam a simplicidade de sua vida. Tinha olhos pequenos e claros, que nunca dirigia a outro homem que não Kenzo.

Saindo do estacionamento mal iluminado, os dois atravessaram a rua e entraram no térreo do prédio comercial. O amplo espaço, cheio de estandes, exibia em todas as partes pilhas e pilhas multicoloridas de reluzentes produtos, baratos e magníficos. Nas frestas entre as montanhas de coisas se podiam ver as balconistas sob a fria luz fluorescente. Atrás de uma floresta de minitorres de Tóquio feitas de metal barato, enfileiravam-se vistas da cidade pintadas em espelhos de parede, cujo reflexo deformado devolvia aos passantes uma sucessão de gravatas, camisas de verão e outros itens amontoados.

— Eu nunca conseguiria viver num lugar coberto de espelhos assim. Acho que morreria de vergonha.

— Vergonha de quê? Não tem do que se envergonhar.

Kenzo era meio grosseiro ao falar, mas nunca ignorava as observações da esposa, às quais, em geral, reagia com cuidado. Quando se deram conta, estavam diante da loja de brinquedos.

— A mulher sabe que você gosta de brinquedos. Por isso é que ela disse para a gente se encontrar aqui.

Kenzo riu. Ele gostava de brinquedos como foguetes, trens, carros... mesmo sem intenção de comprar nada, ouvia compenetrado a explicação das atendentes, mexia as rodinhas com a mão, e prestava tanta atenção aos produtos que Kiyoko começou a ficar constrangida. Ela interrompeu a conversa, puxou Kenzo pelo braço e se afastou um pouco das prateleiras.

— Só de olhar para os brinquedos que você escolhe, dá para ver que quer um filho homem.

— Eu? Eu não. Por mim, pode ser mulher. Mas queria ter logo um filho ou uma filha...

— Acho que vamos ter que esperar mais um ou dois anos...

— É... melhor seguir o plano à risca...

Kenzo e Kiyoko tinham diversas cadernetas de poupança, nas quais depositavam assiduamente suas economias. Cada conta tinha uma letra: “plano X”, “plano Y”, “plano Z”... e assim por diante. Com relação ao “plano X”, que era ter um filho, haviam decidido resistir à tentação de realizar o sonho antes de acumularem o valor combinado. No começo, tinham tido más experiências com crediários, então passaram a economizar para comprar à vista a máquina de lavar, a televisão, a geladeira e outros itens. Com o tempo, os planos “A”, “B” e “C” já tinham sido realizados. O plano “D” era comprar um guarda-roupas que, ainda que não tão caro, acabava sempre deixado para depois, pois era considerado de baixa prioridade. Até então, o armário embutido onde guardavam a roupa de cama fora suficiente para abrigar também as peças do casal. Nem ele nem ela davam muita importância para o vestuário — o mínimo para não passar frio no inverno era o que bastava.

Quando tinham de comprar algo mais caro, eram extremamente cautelosos. Muniam-se de catálogos, comparavam os produtos de diferentes empresas, faziam inúmeras perguntas a pessoas que já haviam comprado e, quando chegava o momento, iam até a rua dos atacadistas de Okachimachi para realizar a aquisição.

Mas quando o assunto era o filho que iam ter, a coisa mudava. Achavam que, para ter um filho, era necessária uma vida mais estável financeiramente, com uma poupança considerável, de forma que a criança, ao menos até a adolescência, pudesse crescer em condições que não os envergonhassem. Kenzo já sabia, de ouvir de seus amigos com filhos, que o preço do leite em pó para bebês estava pela hora da morte.

Como haviam adotado esse projeto ideal, os dois passaram a desprezar a vida dos pobres, que vivem sem previsão, ao deus-dará. Achavam que uma criança precisaria vir ao mundo em um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, de uma gravidez planejada, e que isso asseguraria uma vida mais feliz. Tomavam também o cuidado de não sonhar alto demais e mantinham sempre a luz de seu objetivo diante dos olhos.

Nada irritava tanto Kenzo quanto ouvir dos jovens que o Japão de sua época não tinha mais esperança. Ele não era do tipo de pensar muito, mas

acreditava, com um fervor quase religioso, que, se as pessoas respeitassem a natureza, se fossem leais a ela, se vivessem e trabalhassem com dedicação e esforço, a vida lhes abriria caminhos. Antes de mais nada, pensava que era preciso venerar a natureza e que, para isso, o mais fundamental era a boa relação entre homem e mulher; e que se um casal consegue viver confiando um no outro, essa confiança se torna uma força contra as decepções do mundo.

Por sorte, Kenzo amava Kiyoko; e acreditava que bastava seguir as condições impostas pela natureza para garantir um futuro de esperança. Às vezes ele era objeto da atenção de outras mulheres, mas achava que ia contra a natureza a busca da diversão pela diversão. Preferia ficar reclamando com Kiyoko do preço absurdo das verduras e do peixe.

Quando perceberam, tinham dado uma volta completa no andar térreo e se encontravam de novo na frente da seção de brinquedos.

Diante dos olhos fascinados de Kenzo apresentava-se uma estação espacial de discos voadores. Era feita de latão e, do lado contrário, havia uma janelinha pela qual se podia ver o interior pintado com diversos aparelhos. A torre de comando tinha luzes que piscavam e giravam. O disco voador era de plástico azul-marinho e funcionava como aquele brinquedo antigo de bambu em forma de libélula, que alça voo quando posto em rotação. Na base da estação espacial, o latão estava pintado com um céu cheio de nuvens e estrelas, o que criava a impressão de que o disco voador flutuava no espaço. Entre os astros, podia-se ver Saturno com seus anéis.

Era muito lindo aquele chão de estrelas de verão, piscando reluzentes. A superfície de latão pintado era muito fria. Era como se ela promettesse refrescar o corpo de quem ali se deitasse, naquela noite quente e abafada.

Antes que Kiyoko pudesse impedir, Kenzo apertou com força uma mola da ponta do brinquedo. O disco voador azul-marinho rodopiou e saiu voando rápido por cima dos estandes de produtos. A atendente esticou o braço e deu um grito involuntário. O disco voador começou a perder impulso e foi girando mais devagar até o balcão de doces, caindo bem em cima dos “biscoitos do milhão”.

— Bem na mosca! — gritou Kenzo, ingenuamente, enquanto se dirigia à

seção de doces.

— Bem na mosca do quê? — perguntou Kiyoko, que virou as costas para a atendente dos brinquedos e foi atrás de Kenzo, constrangida.

— Não está vendo? Ele aterrissou aqui. Significa que a gente vai ter sorte.

Os grandes *senbei* de arroz em que o disco voador pousara tinham a forma retangular de uma grande cédula de dinheiro. Vinham embrulhados em celofane, em pacotes de três, cobertos com um papel em que se viam impressos os dizeres “um milhão de ienes”, com a cabeça careca do dono da loja no lugar da efígie do príncipe Shotoku.

Para não dar azar, Kenzo insistiu em comprar um pacote, a despeito dos protestos de Kiyoko, para quem era um absurdo pagar cinquenta ienes por três biscoitos. Em seguida, ele abriu o celofane, deu um *senbei* para Kiyoko, pegou um para mastigar e guardou o terceiro na bolsa dela.

Kenzo quebrou o biscoito com seus dentes fortes e sentiu na boca o gosto doce com um fundo amargo. Kiyoko também, sem pensar, se pôs a roer um canto do “*senbei* do milhão”. O biscoito era maior do que sua mão.

Kenzo recolheu o disco voador que pousara nos biscoitos e foi devolvê-lo à balconista da seção de brinquedos, que, irritada, estendeu o braço para pegar o objeto sem olhar para ele.

Kiyoko tinha os seios firmes como um arco retesado e, ainda que pequena, tinha um corpo proporcional. Quando caminhava ao lado de Kenzo, parecia se esconder em sua sombra. Quando iam atravessar a rua, ele a segurava pelos dois braços com firmeza, antes de olhar nas duas direções e guiá-la até o outro lado, sentindo orgulho daquela carne firme em suas mãos. Gostava de pensar que Kiyoko, ainda que fosse capaz de cuidar de si mesma, preferia se entregar às mãos do marido. Parecia-lhe algo que expressava força de caráter. Kiyoko nunca lera um jornal, mas ainda assim tinha um conhecimento de mundo surpreendentemente correto. Quando ela segurava um pente, virava a página do calendário, dobrava um *yukata*, o gesto não parecia mecânico, decorrente de um hábito; parecia antes que ela, cheia de vitalidade, estava em comunhão espiritual e corporal com as coisas ao seu redor, e que o pente, o calendário, o *yukata* lhe faziam companhia. Era como se ela estivesse submersa no mundo das coisas, da mesma maneira que ficava submersa na água do ofurô.

— Vamos no quarto andar? Tem um parque de diversão coberto. Para

matar o tempo — propôs Kenzo.

Kiyoko não disse nada até entrarem no elevador. Então ela o puxou pelo cinto e disse:

— Melhor não. É jogar dinheiro fora. Parece barato quando a gente compra só um bilhete, mas depois a gente vai comprando, comprando, sem se dar conta, e quando vê já gastou um monte.

— Deixe disso, a noite está tão divertida! É como a estreia de um filme.

— Que estreia o quê. É só não ir na estreia. Quando o filme reprisa, é mais barato.

A severidade de Kiyoko com relação a dinheiro era comovente. Algumas migalhas do biscoito estavam presas em seus lábios.

— Olha só, limpa aí, tá sujo. Tem farelo de biscoito.

Kiyoko se dirigiu a uma pilastra coberta de espelhos e tirou as migalhas com a unha do dedo mindinho. Ainda tinha dois terços do *senbei* na mão.

Eles se achavam em frente a uma porta em que estava escrito “Vinte mil léguas submarinas”. Havia pedras pontiagudas empilhadas até o teto e uma bilheteria redonda, imitando a janela de uma embarcação. Um cartaz anunciava: “ADULTOS ¥40 CRIANÇAS ¥20”.

— Quarenta ienes? Que caro! — disse Kiyoko, se virando do espelho. — Quarenta ienes para ver uns peixes de mentira que não matam a fome de ninguém. Me dá quarenta ienes que eu compro cem gramas de pargo ou de merluza, peixe da melhor qualidade.

— É verdade... ontem o filé de pargo estava a quarenta ienes... Mas o que é que tem de mais? Você não tem moral para dizer nada, com a boca cheia de *senbei*.

A discussão durou ainda alguns instantes, e ao final Kenzo comprou os bilhetes.

— Está me dando um nojo esse biscoito. Foi só começar a comer que você se pôs a gastar dinheiro.

— Mas não é gostoso? A gente estava ficando com fome.

— Nem faz tanto tempo assim que a gente comeu.

Ao entrarem, se viram em um lugar semelhante a uma plataforma de trem. Cinco ou seis pequenos vagões de dois lugares estavam enfileirados sobre os trilhos. Havia uns três ou quatro outros casais aguardando, mas Kenzo e Kiyoko foram diretamente sentar no primeiro vagão. Ao se sentar,

perceberam que o vagão era mais estreito do que parecia. Kenzo teve de passar o braço por trás dos ombros da esposa.

Um homem com cara de poucos amigos, talvez o condutor, soou um apito. O suor já secara dos braços musculosos de Kenzo, que estavam colados às costas nuas de Kiyoko. Pele se uniu com pele, formando uma superfície como as asas de um grande inseto, dobradas de forma convoluta.

O vagão começou a trepidar intensamente.

— Ai, que medo! — disse Kiyoko, com uma cara que não expressava nenhum temor.

Os vagõezinhos, a certa distância uns dos outros, iam um a um entrando no escuro túnel de pedras. Mal entraram, passaram por uma curva fechada. O barulho estridente do vagão contra os trilhos reverberava nas paredes da gruta e parecia que ia furar os ouvidos.

— Ah! — disse Kiyoko, abaixando-se.

Um enorme tubarão azul fosforescente passara de raspão por sua cabeça. Ela se agarrou a Kenzo, e ele na mesma hora a beijou. Depois que o tubarão desapareceu, o túnel voltou à escuridão. Só se ouvia o barulho dos vagões nos trilhos. Mas ele sabia exatamente onde estavam os lábios de Kiyoko. Era como um arpão nas trevas perfurando o corpo de um peixe pequeno.

O peixe saltou, se debateu e depois se acalmou.

A escuridão provocava em Kiyoko uma peculiar timidez. Seria a trepidação ou o barulho estrondoso que provocavam nela esse acanhamento? Nos braços do marido, nas profundezas do túnel, ela sentia como se a escuridão roçasse em seu corpo. Ficou com o rosto muito vermelho. Era como se as trevas profundas tivessem o poder de tornar inútil tudo o que a cobria. Ela se lembrou da escuridão de um armário embutido em que se escondia quando criança.

De repente, como a explosão de uma flor carmesim, um raio de luz vermelha se acendeu diante de seus olhos, e de novo ela não conseguiu conter um gritinho. Um medonho tamboril, grotesco peixe das profundezas, saltou de seu esconderijo e abriu sua imensa bocarra. Em torno do monstro, competiam por atenção as cores doentias dos corais berrantes e das algas verde-escuras.

Kenzo colou o rosto no de Kiyoko, que se agarrava a ele. Com os dedos da mão que estava no ombro dela, ele começou a acariciar-lhe os cabelos.

Movia os dedos lentamente pelos cabelos de Kiyoko, o que a fez pensar que Kenzo estava se divertindo com a situação e com o medo que ela sentia.

— Ainda falta muito? Já estou apavorada — disse Kiyoko, mas a sua voz foi abafada pelo estrondo das rodas nos trilhos.

Voltaram a passar pelo túnel. Kiyoko se sentia assustada, mas com coragem. Nos braços de Kenzo, vinha-lhe a certeza de que seria capaz de suportar qualquer medo, qualquer constrangimento. Os dois ainda não tinham perdido suas esperanças, e a felicidade era, para eles, quase sempre um estado como aquele, de muita tensão.

Um polvo enorme, azul como a noite, apareceu diante de seus olhos. Kiyoko deixou novamente um grito escapar. Kenzo aproveitou para beijar-lhe a nuca. O polvo espalhou seus tentáculos pela parede da caverna e lançou raios agudos de luz pelos olhos.

Na próxima curva, o cadáver tristonho de um afogado flutuava verticalmente por entre a selva de algas. Por fim, avistou-se luz no fim do trajeto, e o vagão começou aos poucos a perder velocidade. O barulho ensurdecedor cessou; e eles se encontraram na plataforma de desembarque assim que saíram do túnel. O homem vestido de condutor freou com a mão o embalo do vagão.

— Acabou? — perguntou Kenzo.

— Sim, senhor — respondeu o condutor.

Kiyoko curvou-se para descer à plataforma e murmurou no ouvido de Kenzo:

— Quarenta ienes por isso! Acham que a gente é palhaço.

Quando saíram, olharam para os biscoitos que tinham na mão. O de Kiyoko continuava só um terço comido. O de Kenzo estava pela metade.

— Viu só? Do mesmo jeito que quando entramos. Quer dizer, a gente nem teve tempo de comer os biscoitos, de tão emocionante que foi o circuito.

— Desisto de falar com você.

Mas a essa altura os olhos de Kenzo já estavam mirando outro letreiro multicolorido na entrada de outra atração. A placa era emoldurada por lâmpadas incandescentes e dizia MAGIC LAND. Pintado na parede, um grupo de anões com luzinhas piscantes vermelhas e verdes no lugar dos olhos vestiam dominós estampados e salpicados de purpurina dourada e prateada. Sem coragem para dizer que queria entrar, Kenzo encostou na parede dos

anões e disse, enquanto roía o *senbei*:

— Quando a gente estava chegando aqui, lembra?, a gente atravessou o estacionamento. A luz vinha de trás e à nossa frente dava para enxergar as nossas sombras. Pensei uma coisa estranha. Entre a minha sombra e a sua, havia um espaço de uns cinco centímetros. Fiquei imaginando como seria se, nesse espaço entre nós, houvesse uma criança pequena, levada pela mão por nós dois. Nesse instante, apareceu realmente uma sombra entre nós, a sombra de uma criança pequena.

— Credo, que horror!

— Claro que logo em seguida eu vi que era a sombra de uma pessoa que passou atrás da gente. Os motoristas da loja estavam brincando de queimada no estacionamento, a bola escapou e um deles foi correndo pegar.

— É mesmo? Mas logo, logo vai chegar a nossa vez de andar pela rua de mãos dadas com nosso filho...

— Vamos vir aqui, também, com ele! — disse Kenzo, apontando para o letreiro — Temos que conhecer como é por dentro, para saber se podemos trazê-lo.

Kiyoko viu Kenzo pegar o dinheiro e se dirigir à bilheteria, e não disse uma palavra.

Talvez porque fosse um horário de menor movimento, a Magic Land estava bem vazia. Entraram por um caminho flanqueado de flores artificiais que acendiam e apagavam. Ouvia-se o som de um realejo.

— Quando a gente tiver a nossa casa, a entrada podia ser assim...

— Essa coisa cafona?

Como seria ter a sua própria casa, entrar na sua própria casa? Dentre as poupanças que eles alimentavam, a da casa ainda não fizera sua aparição... mas, mais dia menos dia, teriam de criar uma conta para isso... No futuro, conquistariam com grande naturalidade coisas com que no momento nem ousavam sonhar. E os dois, normalmente tão cautelosos — talvez porque o “*senbei* do milhão” lhes tivesse subido à cabeça, como sugerira Kiyoko —, naquela noite não conseguiram deixar de sonhar com coisas ainda muito distantes.

Sobre as flores artificiais, estavam pousadas grandes borboletas artificiais, como se sugassem seu néctar. Algumas eram do tamanho de uma carteira de couro. As asas translúcidas eram vermelhas com manchas amarelas e pretas, e

os olhos eram lampadinhas que piscavam. A iluminação era projetada de baixo para cima, o que envolvia as flores e a grama de plástico em uma neblina crepuscular. Ou talvez não fosse neblina, e sim poeira levantada do chão.

Foram seguindo as setas que apontavam o circuito. A primeira atração era o “quarto inclinado”. A começar pelo chão, passando pelos móveis, até os eletrodomésticos, tudo ali era oblíquo. Se alguém tentava caminhar direito, era acometido de um sentimento de inadequação.

— Eu que não morava num lugar assim! — disse Kenzo, enquanto se apoiava em uma mesa em cima da qual havia uma tulipa de madeira pintada de amarelo à guisa de decoração. As palavras de Kenzo tinham uma sonoridade de realeza. Ele não se dava conta, mas sua voz naquele momento soava como um aviso de que ele não permitiria interferência alheia no privilégio de suas esperanças e de sua felicidade.

Era previsível que a sua esperança tivesse um elemento de desprezo pela esperança alheia. Ele jamais permitiria que os outros maculassem a sua esperança.

No entanto, Kiyoko não pôde conter o riso diante da atitude pomposa do marido ali, apoiado em uma mesa inclinada, vestindo uma regata. Era uma imagem de extrema domesticidade. Ele parecia um adolescente que, aos domingos, tivesse decidido construir uma peça a mais para a casa com as próprias mãos, mas houvesse se enganado nas medidas, por fim produzindo janelas e portas fora de prumo e, irritado consigo mesmo, estivesse ali, parado e atordoado.

— Se a gente fizer assim, dá para morar, olhe — disse Kiyoko e, a título de demonstração, abriu os braços como uma boneca mecânica e se posicionou enviesada, no mesmo ângulo do cômodo. Aproximou-se de Kenzo, e, ao lado de seus ombros largos, podia-se ver que estava na mesma inclinação que as flores do vaso em cima da mesa.

Kenzo, ainda de testa franzida como um adolescente, começou a rir. Beijou o rosto oblíquo da esposa e em seguida mordeu selvagememente o “*senbei* do milhão”...

Seguiram pela Magic Land, equilibrando-se na escada molenga, no corredor que balança, desviando dos ogros que colocavam a cabeça para fora na ponte de troncos. Acabaram saindo para se refrescar, pois lá dentro estava

muito abafado. Kenzo, que havia terminado o seu biscoito, pegou o resto de *senbei* que Kiyoko não estava dando conta de comer e o enfiou na boca. Foram em busca de um lugar mais fresco.

Passando os cavalinhos de pau havia uma saída para a rua.

— Que horas são? — perguntou Kiyoko.

— Quinze para as nove. Vamos sair e esfriar o corpo até às nove.

— Estou com sede! Ainda inventei de comer aquele biscoito seco... — disse Kiyoko, enquanto abanava o colo branco, coberto de suor, com a camisa de Kenzo.

— Só mais um pouquinho, já vamos para um lugar que serve bebidas geladas.

Ali fora, o vento da noite era refrescante. Kenzo soltou um grande bocejo. Os dois puseram a mão sobre o corrimão da grade. Os braços jovens e nus se colavam cruamente no negro aço do corrimão, coberto de orvalho.

— Ah, que bom! Esfriou bastante desde a hora que a gente entrou...

— Esfriou, nada. É que aqui é mais alto, não tá vendo?

Dali do alto se viam diversas máquinas como que dormindo no escuro — as atrações ao ar livre do parque de diversões. O carrossel, um pouco inclinado e vacante, se banhava no sereno da noite. As cadeirinhas da rodagigante parada balançavam com o vento.

Em gritante contraste, o restaurante à esquerda estava movimentado e cheio de gente. De onde se achavam, em um lugar mais alto, podiam ver claramente todas as mesas. Era como o palco de um teatro: algumas cabanas privadas, o caminho de madeira que ia de uma cabana a outra, o chafariz do jardim, a lanterna de pedra, o interior das cabanas, onde os clientes se sentavam no tatame... em um dos aposentos, viam-se atendentes com quimonos presos por faixas vermelhas recolhendo a louça; em outro, uma gueixa dançava. Conseguiram ver tudo em detalhes. Era bonito ver a fileira de lanternas de papel vermelho, decoradas com caracteres vazados, acesas no beiral de cada cabana.

Talvez por obra do vento, dali de onde estavam não se ouvia nenhum som. Era como se a atmosfera da noite de verão tivesse se depositado no fundo de um lago em que estivessem submersas as coisas lá de baixo. A vista era silenciosa e quase mística. Foi nesse clima que Kiyoko voltou ao “assunto romântico” de sua obsessão.

— Deve ser caro esse lugar.

— Óbvio. É lugar pra trouxa.

— Devem servir uma saladinha de pepino com missô, chamar de um nome chique e cobrar uma fortuna. Quanto será que cobram?

— Duzentos cada.

Kenzo pegou a camisa da mão de Kiyoko e a vestiu. Kiyoko fechou, um por um, os botões para ele.

— Eles devem achar que os clientes são trouxas, mesmo. Isso é mais de dez vezes o preço de um pepino. Dá para comprar três pepinos da melhor qualidade por vinte ienes.

— Ué, baixou?

— Da semana passada para cá está mais barato.

Já eram cinco para as nove. Foram em busca da escada para descer ao terceiro andar, onde ficava o café musical. Dois dos biscoitos de um milhão de ienes já tinham ido. O biscoito que restava era tão grande que ficava um pouco para fora da bolsa de Kiyoko, que não era pequena.

A “velha”, que era impaciente, tinha vindo mais cedo e já estava lá esperando. Os assentos perto do palco onde se apresentava um barulhento grupo de jazz estavam todos ocupados, mas havia lugares em um canto de onde não se enxergavam os músicos, ao lado de um grande vaso com uma palmeira alugada. Sentada em pleno bar de jazz vestida de *yukata*, a “velha” destoava totalmente do entorno. Era uma jovem senhora, de pequena estatura, com a cara lavada das tokiotas da Cidade Baixa. Falava com minúcia e fazia pequenos gestos precisos. Orgulhava-se de levar jeito para falar com jovens.

— Vocês que vão pagar, né? Pedi uma coisa cara.

Enquanto ela falava, chegou seu pedido. Era um *parfait* de salada de frutas.

— Minha nossa! Pra nós não precisa, pode ser duas águas com gás mesmo.

A velha, com o dedo mindinho levantado, enterrou a colher comprida no doce e puxou com destreza o caldo do fundo, sem parar um minuto de falar.

— Aqui é bom porque tem barulho e não ouvem o que a gente está falando. É como eu disse pra vocês no telefone, hoje é em Nakano. Na casa de uma grã-fina. É de cair o queixo. A festinha é um reencontro de colegas de escola, vê se eu posso com isso. Hoje em dia não dá mais pra saber, né.

Essas senhoras dos bairros chiques de Yamanote são da pá virada... aposto que depois saem por aí com cara de santinhas. A mulher tinha ouvido falar de vocês e pediu expressamente pelo seu nome! Não queria que fosse ninguém mais velhusco, ela disse. Bom, nisso ela tem razão. Daí eu aproveitei e botei o preço lá em cima. E sabe o que ela respondeu? Que tava barato! Que se vocês fizerem um bom serviço tem um a mais pra vocês! Claro, ela não faz ideia de quanto se cobra em geral, né. Mas então vocês me façam a coisa direito, hein. Pra valer. Eu sei que não preciso ficar dizendo, mas se elas gostarem, vai ter mais desses trabalhos em casa de gente rica. Tem poucos casais assim que nem vocês, entrosados, sei que vão fazer direito, mas não me façam passar vergonha. A madame lá que está organizando a festinha disse que vai esperar num café em frente à estação de Nakano. Daí vocês já sabem, né. Vão dar voltas e voltas de táxi para a gente não saber onde fica a casa, acho que não vão chegar a nos vendar os olhos nem nada, mas sabe-se lá, né. Entramos pelos fundos, para não ver o número da frente. Não é muito agradável, mas a dona também tem um nome a zelar. Então desconsiderem esse inconveniente. Eu? Eu vou fazer o de sempre. Vou ficar na entrada montando guarda. Se vier alguém me perguntar alguma coisa, eu me faço de louca, que é o que sempre faço. Então, vamos? E não me decepcionem, hein? Desculpa ficar repetindo.

Já era madrugada quando Kenzo e Kiyoko se despediram da velha e voltaram para casa em Asakusa. Passando o sexto distrito, os cartazes tinham uma cor escura e doentia sob o céu coberto de nuvens.

Os dois olharam para cima e viram o topo do Edifício Novo Mundo. O pagode de neon estava desligado.

— Minha nossa, que gente nojenta. Nunca tinha visto clientes tão metidos e nojentos.

Kiyoko não respondeu. Caminhava em silêncio, com a cabeça baixa. Ele continuou:

— Já tinha visto umas velhas tão prepotentes?

— É, horrível. Mas pagam bem, né.

— Se divertindo com o dinheiro que tiram dos maridos. Você não me invente de virar uma mulher assim, quando tiver dinheiro!

— Não diz besteira.

Kiyoko sorriu, sem graça, um sorriso muito branco.

— Que gente repulsiva. — Kenzo deu uma cusparada. O cuspe fez uma curva branca e caiu no chão. — Quanto foi, no fim?

— Deu isso daqui — respondeu ela, tirando umas notas soltas de dentro da bolsa.

— Nossa, cinco mil ienes! Nunca recebemos tanto. E a velha ficou com três mil. Merda. Dá vontade é de rasgar esse dinheiro.

Apavorada, Kiyoko pegou de volta o dinheiro das mãos do marido e o enfiou na bolsa. Nisso, ela viu o biscoito de um milhão de ienes. Então, com uma voz gentil, como que para consolá-lo, disse:

— Rasga isso aqui no lugar.

Ele pegou o biscoito. Amassou a embalagem de celofane e jogou no chão. No silêncio da madrugada, ouviu-se distintamente o som do celofane amassado. Kenzo pegou o enorme biscoito com as duas mãos e tentou quebrá-lo, mas estava molengo. O biscoito entortou, mas não quebrou. A massa úmida grudou em suas mãos. Quanto mais tentava quebrá-lo, mais o biscoito resistia.

A garrafa mágica

1

Depois de seis meses em Los Angeles a serviço, Kawase não quis voltar direto ao Japão e decidiu ficar uns dois ou três dias em San Francisco, a passeio. De manhã, no hotel, enquanto lia o *San Francisco Chronicle*, sentiu uma vontade repentina de ler algo em japonês e retomou uma carta que sua esposa lhe enviara algum tempo antes:

O Shigeru, de vez em quando, se lembra de você e, sem motivo aparente, com uma cara ansiosa, me pergunta: “E o papai?”. Quando ele faz alguma coisa errada, o método da “garrafa mágica” ainda funciona. Esses dias a sua irmã de Setagaya veio nos visitar e ficou rindo da cena. “Nossa, nunca tinha visto isso, criança que tem medo de garrafa térmica.” A nossa térmica já está velha e mesmo com a tampa fechada deixa sair um pouco de ar. O som do escape parece um velho rabugento resmungando. O Shigeru, quando ouve o barulho, fica quietinho na mesma hora. Ele tem muito mais medo da “garrafa mágica” do que de você. Você o mima demais.

Relida a carta pela enésima vez, Kawase ficou sem o que fazer. Na rua, o céu de outubro estava limpo; mas ali, no lobby do hotel, os lustres de cristal estavam todos acesos, e a atmosfera tinha algo de lúgubre. Os hóspedes, na maioria idosos exageradamente bem-vestidos para aquela hora do dia, se moviam de forma hesitante, como algas no fundo do mar. Reluzia o monóculo de um senhor afundado em uma poltrona lendo o jornal.

Kawase desviou de uma multicolorida montanha de malas de uma excursão que havia acabado de chegar, deixou a chave no balcão, que como de costume se encontrava em polvorosa, empurrou a pesada porta de vidro e saiu para a rua.

Ofuscado pela luz do outono, cruzou a Geary Street e foi descendo pela Powell Street, com suas tabacarias, lojas de presentes e boates baratas. Passou pela fachada de um restaurante de frutos do mar decorada com a proa de um veleiro. Ao levantar o olhar, viu no meio da multidão que vinha em sentido

contrário um rosto que lhe chamou a atenção.

Mesmo de longe, um olhar bastou-lhe para saber que era uma mulher japonesa. Não era nissei nem sansei — uma mulher nascida e criada no Japão. Não que estivesse com roupas japonesas; estava arrumada com cuidado à maneira da conservadora cidade em que se encontrava, de chapéu, colar de pérolas e um magnífico casaco de vison prateado. Ainda assim, a maquiagem do rosto era um pouco branca demais, e ainda que caminhasse com postura impecável, ela tinha uma determinação levemente forçada na maneira como se movia. Seu passo era rápido demais para a menininha de três ou quatro anos que ela levava pela mão, que de longe parecia vir meio pendurada na manga de seu casaco.

— Mas não é possível! — disse a mulher, tão alto que alguns dos transeuntes se viraram para ver o que era. Apressou os passinhos curtos em direção a ele. Era como se as pontas de seus sapatos de salto se dirigissem a ele em disparada. — Tinha certeza de que era você! Homem japonês a gente vê de longe, né. Caminha como se tivesse uma espada na cintura...

Kawase até se esqueceu de fazer um cumprimento mais formal e já foi respondendo à altura:

— E você, acha que não dá para ver que é japonesa? Logo soube — disse Kawase.

Ele não observara a distância que um japonês guarda com outro que conheceu no passado e que não vê há tempos. Era como se de um impulso eles tivessem se aproximado mais do que o esperado. Ele pensou que essa intimidade forçada se devia ao fato de estarem no exterior. Quando fora do Japão, os costumes dos japoneses ficam bagunçados. Muitos se arrependem da forma acalorada com que tratam os conterrâneos no estrangeiro, pois a distância formal, uma vez rompida, nunca mais se restabelece totalmente. E isso não se limita a amizades com mulheres — muitas vezes, ocorre entre homens até então não muito próximos.

A mulher recebera, no último ano ou dois, um treinamento a toque de caixa de como se portar no exterior. Via-se claramente que sabia se maquiar como uma ocidental, se vestir como uma ocidental, caminhar como uma ocidental; no entanto, a forma demasiado correta com que empoara o rosto mostrava um zelo excessivo de principiante. As mulheres ocidentais não fazem cerimônia quando precisam retocar a maquiagem:¹ já vão tirando o pó

compacto da bolsa e, na frente de todo mundo, se miram no espelho e golpeiam o rosto com tanta força que erguem uma nuvem de pó em torno de si, mas de maneira tão desleixada que seguidamente deixam a descoberto o sulco em torno das narinas. Faltava àquela mulher japonesa esse desleixo.

Ficaram de pé conversando por algum tempo. O primeiro assunto foi o motivo de estarem ali. Ela contou que viera a mando do seu benfeitor, que trabalhava com comércio exterior e estava a toda hora nos Estados Unidos a trabalho. Ele decidira abrir em San Francisco um restaurante japonês de estilo moderno, e a enviara na frente para fazer a prospecção. No futuro, provavelmente, ela seria a gerente do restaurante. Não se tratava, no entanto, de uma daquelas situações em que o homem, para se livrar da amante, a envia para um lugar longínquo. Era mais como se ele estivesse abrindo para ela uma pousada nas termas de Atami, ou em outro ponto turístico próximo de Tóquio. O benfeitor era um homem de visão, envolvido em operações de grande escala.

Lá pelas tantas, a menininha que ela segurava pela mão começou a dar sinais de impaciência.

— Que tal um chá? — ela propôs, displicente, como se estivessem em Tóquio, passeando por Ginza.

Kawase, que não tinha nada para fazer, aceitou. Sentia-se um pouco constrangido, pois não sabia como deveria chamar a mulher. Tinha receio de que Asaka, o nome que ela usava cinco anos antes, não fosse mais apropriado.

2

A lanchonete em que acabaram entrando não era nenhuma casa de chá de Ginza. Estava mais para um grande refeitório, barulhento e bem iluminado, com um longo balcão serpenteante ao centro e uma lojinha que vendia presentes e cigarros. Os três se instalaram no balcão. Ele precisou erguer a menininha e depositá-la no assento alto. O único arranjo que lhe pareceu natural foi colocando a menina entre os dois, que se viram forçados a conversar por cima da pequena cabecinha. Era uma garota calada. Ao erguê-la, Kawase sentiu nos braços o seu peso ínfimo e o seu calor, e depois de soltá-la, permaneceu com a suave, hesitante impressão de sua doçura.

Em todo o salão cheio de gente não se avistava nenhum outro rosto

asiático. Do outro lado do balcão, a superfície das prateleiras de aço inoxidável se embaçava com o vapor da cozinha e logo voltava a clarear, refletindo o branco dos aventais das garçonetes que iam e vinham. Eram todas mulheres de meia-idade com maquiagem carregada. Tirando um ou outro cliente conhecido, com quem conversavam mais um pouquinho, as garçonetes eram no geral econômicas com os sorrisos.

Uma mulher loura, sentada ao lado de Kawase, conversava com uma amiga.

— A viúva de Clark Gable está em San Francisco. Falei com ela ontem numa festa.

— Nossa, é mesmo? Ela já deve estar bem velha...

Asaka se interessou pela conversa. Despiu os ombros do casaco de pele, deixando-o cair em torno da cintura. O cabelo estava preso, deixando entrever a nuca, que não estava maquiada, como é de esperar na sua profissão. Ela se permitira voltar à condição de mulher “à paisana”, não mais uma gueixa. Kawase se espantou com a tez morena do pescoço.²

— Essas garçonetes não são nada graciosas, mas são muito trabalhadeiras — disse ela, em voz alta.

Kawase observou satisfeito como Asaka tingia tudo ao seu redor com o entusiasmo pelo novo emprego. *Que mulher bonita*, pensou Kawase, *sempre foi bonita assim, quando se a admira como o fogo à distância*.

Asaka não parava de falar de tudo o que tivera de fazer para se preparar antes de vir aos Estados Unidos. Estava contente de ter alguém a quem contar a história em japonês.

Primeiro, o benfeitor lhe dera aulas de inglês. Ela trocara a *nagauta* e as canções japonesas da moda pelos discos do curso Linguaphone. Até então, só usara roupas ocidentais quando fazia muito calor no verão. Abandonou os quimonos e passou a frequentar diariamente uma das melhores costureiras de Tóquio. O benfeitor se envolvia com cada detalhe, desde o design das roupas até a escolha dos tecidos... De ouvir o seu relato, Kawase ficou com a impressão de que o benfeitor de Asaka não sabia distinguir o ardor pedagógico do erótico. E não havia matéria-prima mais adequada do que Asaka para a criação da sua mulher desejada. Ela podia até já ter dançado um mambo ou dois de quimono na boate, mas até então nunca encontrara um homem como aquele, apaixonadamente determinado a ensinar-lhe “o

Ocidente”; e nem na vida de seu benfeitor houvera, antes de Asaka, uma mulher tão disposta a se moldar às suas determinações.

A conversa já estava se alongando quando finalmente chegaram os pedidos. Com um sorriso amável, a garçonete largou de qualquer jeito na frente da menininha de olhos arregalados um milk-shake de baunilha coberto de espuma servido em uma taça enorme na qual caberiam com folga três copos quadrados de saquê.

Com certo atraso, Asaka resolveu apresentar a filha e, fazendo-se passar por ela, disse:

— Permita-me que me apresente. Me chamo Hamako. Prazer em conhecê-lo.

Asaka tentou fazer com que a menina se curvasse, empurrando-lhe a cabeça, mas, muito tímida, Hamako não fez saudação nenhuma e, ajoelhando-se sobre o banco para alcançar o milk-shake, mordeu com toda a força o canudo.

Kawase gostou da menina pouco afeita a cerimônias. Enquanto ela bebia o milk-shake e arrumava o cabelo com os dedos da mão espalmados, ele observou seu nariz reto, como o da mãe, e seu perfil bonito e harmonioso. Era muito comportada, deixando a conversa para os adultos, sem se meter.

— As pessoas debocham de mim, perguntam a troco de quê eu tenho uma filha tão calada — disse Asaka, e logo abandonou o assunto, passando a temas mais adultos.

A lanchonete tinha aquele cheiro de Estados Unidos, metade desinfetante, metade um cheiro pungente e doce de suor. A maioria da clientela era de senhoras de meia-idade ou já idosas, que com muito batom na boca e um olhar despótico se atracavam com doces gigantescos ou travessas de sanduíche. Em meio à barulheira da lanchonete, o apetite de cada uma daquelas mulheres solitárias e muito arrumadas tinha algo de muito contido. Era como o contido e triste ritual de muitos aparelhos digestivos.

— Quero andar de bonde! — exclamou Hamako, que havia tomado metade do milk-shake.

Sem responder à menina, Asaka disse a Kawase:

— Todo dia é isso. Já encheu essa história de bonde. A gente não é pobre, tem dinheiro pro táxi.

— Ué, mas os bondes de San Francisco não estão cheios de turistas

riças? Não precisa se preocupar, você não vai se rebaixar se pegar um bonde.

— Mas que sarcástico! Sempre tem uma alfinetadinha para dar, né. Como nos velhos tempos.

Aquela foi a primeira vez que Asaka se referiu aos “velhos tempos”.

— Venha, Hamako, deixa que o tio te leva para andar de bonde.

Kawase, ágil, colocou uma moeda de vinte e cinco *cents* debaixo do prato, pegou a comanda e se levantou. Sacudiu de leve a cabeça. Não chegava a ser dor de cabeça o que sentia, e sim uma espécie de cansaço acumulado da temporada no exterior, que agora se aproximava do fim. Talvez o passeio de bonde lhe fizesse bem.

Asaka se atrapalhou ao descer Hamako do banco, mas Kawase veio ajudá-la a vestir o vison.

— Que cavalheiro! Eu me esqueço dessas delicadezas, sou pobre.³

— Ora essa, tenha mais dignidade.

— Não adianta, sou muito desligada.

Ainda sentada no banco redondo, Asaka arrumou a postura. Seus seios dentro do *tailleur* subiram, firmes e vigorosos a ponto de causar inveja nas clientes à sua volta. Kawase lembrou-se de como, nos velhos tempos, ela apurava as costas para que ele viesse por trás e lhe apertasse o obi do quimono. Comparado à rigidez estruturada do obi, o casaco de vison, forrado de cetim, parecia prestes a escorregar das mãos e sair correndo a qualquer minuto. Era uma comparação esquisita, mas a Kawase pareceu como se a magnífica porta coberta de tachas pretas de uma mansão japonesa tivesse se transformado em uma lépida porta giratória.

3

Como alguém que, após a chuva, desviasse com destreza das poças d'água, os dois se esforçavam por manter o fluxo natural da conversa ao mesmo tempo que evitavam falar do passado. No entanto, tirando o passado, o único aqui e agora que tinham como tema era San Francisco, onde os dois se encontravam como viajantes, não como residentes.

Quanto mais a observava, mais Kawase percebia, refletida nas costas orgulhosas de Asaka vestindo com perfeição as roupas do Ocidente, a figura

dedicada e pedagógica de seu benfeitor. Nos velhos tempos, quando ria, se assustava ou ouvia algo que não lhe agradava, Asaka, que dominava a arte das danças tradicionais do Japão, levava a palma da mão à boca com a graça de uma coreografia. Ela não fazia mais isso; no entanto, ainda que agora suas maneiras tivessem se ocidentalizado, havia ali no fundo um resquício do estilo japonês, o que emprestava certa linearidade aos seus gestos. Kawase imaginou o homem incansável que havia corrigido, um por um, aqueles maneirismos. Asaka fora enviada para os Estados Unidos com o corpo coberto pelas impressões digitais de seu benfeitor. Trazia o rosto ainda muito branco de pó, como um lembrete de quem fora outrora, mas isso poderia ser atribuído a uma pequena birra que ela decidira manifestar ao se encontrar sozinha ali. Ainda assim, seu novo rosto não era nem de longe tão empoado e branco quanto nos velhos tempos.

Ali na esquina, enquanto aguardavam o bonde, Kawase se pegou observando minuciosamente a roupa de Asaka, que segurava a filha pela mão. Tentava descobrir onde ela poderia esconder o lenço de papel *washi* que sempre carregava no obi antigamente. Talvez no casaco de vison? Nos encontros que tiveram, os lenços de papel de Asaka cumpriram várias tarefas muito simbólicas. Quando dançavam, Kawase tinha a mania de enfiar a mão no nó do obi, em cujo quente recôndito se encontrava o lenço, e o fazia farfalhar enquanto se moviam juntos. Ela sorria um tênue sorriso que ninguém mais via, só ele — uma mostra de sua intimidade sexual. Lembrou-se ainda de que, quando ia se recostar de lado, lânguida, com o obi desfeito, Asaka primeiro lançava com um gesto delicado o lenço sobre o tatame. Pelo peso que se deduzia do gesto, podia-se ver que o lenço estava levemente úmido da noite anterior, devido à estação das chuvas. Em noites como essas, se, ao dançar com Asaka, Kawase enfiava a mão no nó do obi, sentia uma umidade abafada como a de um recinto fechado de um palácio, e era difícil imaginar como, mais tarde, quando o nó fosse desfeito, a seda do obi poderia fazer um som tão fresco e puro ao deslizar sobre o tecido do quimono. Ou ainda, quando pela porta de vidro fosco do quarto entrava a primeira luz da manhã, o papel caído no tatame se iluminava primeiro, um quadrado branco no qual se podia contemplar a noite se tornar dia... Ou como Asaka sempre se lembrava de tirar o lenço ao desfazer o nó do quimono, mas na manhã seguinte, no momento de fechar o obi, acontecia de esquecê-lo... Ou como

quando os dois brigavam, o lenço caído entre os dois parecia muito branco, gélido e nítido sobre o tatame... Enquanto era invadido por essa sucessão de memórias, Kawase pensou que a Asaka de então não tinha lugar em seu casaco de vison para colocar algo volumoso como um lenço de papel *washi*, e que aquela pequena janela quadrada e branca de seu passado fora escondida sob uma camada de pintura.

O *cable car* parou diante deles. Os três embarcaram. Por um instante, pareceu que estavam em um trem municipal da Tóquio dos velhos tempos: ouviu-se o som antiquado e nostálgico de um sininho, seguido das portas que se fecharam com um ruído semelhante ao do deslizar da gaveta de uma velha cômoda. E lá se foi o bonde ladeira acima pela Powell Street.

Era um daqueles antigos modelos de bonde em que havia janelas e assentos individuais na metade de trás, e na parte da frente, aberta dos lados, apenas uma cobertura. À esquerda e à direita do motoneiro, que empunhava com gestos largos duas enormes alavancas de ferro, havia alguns bancos e barras verticais para os passageiros que iam em pé. As janelas dos prédios desfilavam diante dos olhos deles. Hamako não cabia em si de felicidade. De repente, deu um gritinho:

— Obaaaaa! Não é bom andar de bonde? — perguntou várias vezes.

— É muito bom mesmo! — disse Asaka, meio voltada para Kawase.

Na sua maneira de falar, ele notou que havia um pouco de constrangimento, como se ela tivesse vergonha de estar se divertindo. Sentiu também nela o cuidado da amizade, como se buscasse não passar a impressão de que se tratava de um diálogo normal entre mãe e filha.

Ao chegarem ao fim da subida, desceram do *cable car* e, como não tinham nada para fazer ali, pegaram o bonde que ia de volta ladeira abaixo. A descida íngreme tinha novos encantos. Cinco ou seis mulheres de meia-idade, prováveis turistas, davam gritos e risadas, como em um parque de diversões, e encaravam os carrancudos passageiros locais como se quisessem arrancar deles alguma reação à algazarra. Todas tinham buço, eram corpulentas e trajavam casacos chamativos de cores vivas como vermelho ou verde. De volta à praça de onde haviam saído, Asaka agradeceu cortesmente a companhia e comunicou que precisava ir, pois tinha um *lunch* marcado. Em seguida, perguntou se ele não queria jantar com ela. Foram com Kawase até a entrada do hotel dele, que ficava perto da praça. Kawase segurava a mão de

Hamako.

No caminho, pararam na frente de uma vitrine em que se enfileiravam magníficos artigos para piquenique e entabularam uma conversa. O conjunto de piquenique era todo no mesmo xadrez espalhafatoso, mas o contraste com o verde da grama artificial criava um efeito agradável. A decoração era bem-feita: os objetos se espalhavam em estudado descuido pelo chão como se os participantes tivessem se ausentado para lavar as mãos no rio e deixado tudo assim como estava. Tinha-se a impressão de que a qualquer momento as vozes e risadas alegres dos convivas ecoariam da ribeira.

— Nunca que no Japão ia ter um conjunto inteiro todo igual a esse — disse Asaka, que observava tudo detalhadamente, o nariz quase enfiado no vidro da loja.

Kawase era capaz de apostar que Asaka fora criada sem nunca ter ouvido falar em piqueniques. Lembrou-se de que ela tinha extrema fascinação por coisas ligadas à infância, e de que certa vez ficara parada em frente a uma vitrine em que estavam expostas as bonecas do Dia das Meninas,⁴ recusando-se a sair dali por um bom tempo. O seu benfeitor provavelmente não tivera tempo de dissuadi-la dessa mania, atarefado que se encontrara ensinando-lhe “o Ocidente”; ou talvez houvesse decidido que isso não importava muito. Kawase ficou muito satisfeito consigo mesmo ao constatar que tinha uma sensibilidade fina a ponto de perceber esses detalhes mínimos.

Asaka parecia ter se esquecido da existência de Kawase. Com os olhos ainda colados na vitrine, de repente apontou para uma garrafa térmica, xadrez como o resto dos objetos, e disse:

— Olha ali, Hama-chan, agora que você já é mais crescidinha, não tem mais medo daquilo ali, né.

— Não, não tenho mais medo.

— Tá, mas você se lembra de quando tinha?

— Eu? Eu não.

— Mas que atrevida. Responda direito à sua mãe.

Asaka se virou para Kawase com um sorriso, como que solicitando sua cumplicidade. Kawase, que contemplava distraído a forte luz do sol refletida na calçada, quando se voltou para ela, ainda ofuscado, enxergou no sorriso e no rosto que o continha a estranha imagem de uma máscara fundida às manchas brilhantes em sua visão. Não estava prestando atenção ao diálogo

entre mãe e filha, mas naquele momento sentiu como se o seu peito se enrijecesse pesadamente. Deu-se conta em seguida de que deveria se comportar como se não tivesse entendido a críptica conversa entre as duas. Então, carregando a voz de displicência, perguntou como quem não quer nada:

— Que assunto é esse de que vocês estão falando?

— Ah, não é nada de mais. É que a Hamako, quando tinha por volta de um ano e meio, morria de medo de “garrafas mágicas”, você sabe, aquele tipo de garrafa térmica? Acho que é porque, quando a gente botava o chá quente, a rolha da tampa ficava borbulhando e fazendo um chiado esquisito. Ela tinha muito medo, ficava apavorada. Se ela fazia alguma travessura, era só trazer a garrafa térmica que ela se aquietava. Mas depois perdeu o medo... — e completou, como se estivesse se gabando de alguma habilidade especial da própria filha: — Criança tem medo de cada coisa! Mas eu nunca tinha ouvido falar de medo de “garrafa mágica”. A avó dela também achava engraçadíssimo. Dizia que se um dia o dono de uma fábrica de garrafas térmicas a pedisse em casamento, ela teria um treco!

4

Asaka foi sem a filha jantar com ele.

Contou-lhe que a deixara no hotel com uma babá negra, por quem a menina, por sorte, se afeiçoara muito.

Os dois foram a um velho restaurante francês chamado Old Poodle Dog. Comeram ostras frescas e caranguejo sauté, e arremataram com uma taça *jubilee* de cerejas flambadas à mesa.

Kawase tivera tempo de se restabelecer do choque que tivera pela manhã, ao ouvir a história da “garrafa mágica”. Fora tudo uma boba ilusão, concluiu, um trote de sua fértil imaginação. Ainda assim, quando se lembrou do tom melancólico da carta de sua mulher — mesmo que não houvesse razão para isso —, Kawase se pôs a pensar que Asaka e Hamako eram muito mais felizes do que a sua esposa e o seu filho. Ele tentou afastar esse pensamento tolo e sem motivo, mas sem sucesso. Pegou carona na embriaguez do vinho e, aos poucos, foi se aproximando do tema proibido — o passado. Queria fugir do Kawase de agora.

— Você se lembra da vez que teve uma convulsão estomacal? Foi uma confusão, precisou chamar médico e tudo. Acho que era na estação das chuvas... Que horror, aquilo.

— Nossa, lembro sim. Achei que ia morrer. Mas o que era aquele médico, aquela grosseria toda? Que pessoa desagradável. Quase pior do que a dor de estômago.

— E cobrou bem caro!

— Eu me lembro exatamente do quimono que estava vestindo. Claro, com aquele calor todo era uma peça sem forro. Era de seda *habutae* listrada. Ah, eu adorava aquele quimono! Tinha uma listra sépia de uns dez centímetros, que ia em degradê até virar cinza, e na parte de cima ele tinha uma listra branca! Você lembra?

— Lembro, sim — mentiu ele. Tinha apenas uma vaga memória do quimono.

— O obi era lindo também! Era tingido de vermelho-cinábrio, com um desenho de dois bambus na cor natural da seda. Mas, desde aquele dia, nunca mais usei. Fico achando que vai me dar dor de estômago...

A cena de uma mulher vestindo um elegante traje social preto, com um broche de pedras preciosas na lapela, descrevendo um quimono e um obi enquanto bebericava seu rosê de uma taça suja de batom, era um tanto bizarra. Kawase estava a um passo de, como quem não quer nada, puxar a seguinte conversa: *Mas, falando de tudo um pouco, sabe, quando você me contou hoje de manhã aquela história da “garrafa mágica”, eu levei um susto. Cheguei a pensar que, depois de cinco anos, você estava se vingando de mim! A verdade é que meu filho...* Mas, antes de botar tudo a perder, ele caiu em si e ficou quieto.

A separação dos dois, cinco anos antes, tivera um motivo bastante ridículo. Tudo começou quando Kikuchiyo, uma gueixa amiga de Asaka, veio fazer fofoca para Kawase. Ela lhe contou que, havia alguns meses, Asaka andava envolvida com um novo benfeitor, presidente de uma empresa de comércio internacional, e que ele havia prometido pagar a sua dívida de gueixa e liberá-la das obrigações que tinha com a sua casa. Eles até já haviam ido algumas vezes a Hakone⁵ juntos. O sr. Kawase estava ciente desses fatos?

Kikuchiyo achou por bem informá-lo, caso não soubesse... Para ele, a notícia foi um raio que caiu do céu. Ficou muito exaltado e, sem esperar a noite, chamou Asaka ao bar em que sempre se encontravam e que ficava em cima de uma sapataria chique de Ginza.

O acesso de fúria de Kawase era bastante incoerente. Para começar, não era claro se, naquele momento, o que ele sentia por Asaka justificava um ataque de ciúmes. Além disso, ele fazia questão de avisar às mulheres com quem se envolvia que o casamento estava fora de questão. Para reforçar a advertência, às vezes debochava com cinismo da mentalidade comum dos que tinham o casamento como ideal, e esperava que as namoradas rissem junto com ele.

Preparado assim o terreno, a namorada também, para se proteger, acabava evitando as grandes manifestações de paixão. As suas relações com mulheres, ele acreditava, eram muito elegantes e sofisticadas, e ele buscava mantê-las sempre assim. Um pouco por praticidade, um pouco por gosto pessoal, Kawase desejara desde o início que o seu relacionamento com Asaka tivesse esse tipo de distanciamento elegante. No entanto, essa elegância passou a ser o centro da vaidade dos dois, e, antes que soubessem, se encontraram presas de uma desesperança alegre e rasa. As brincadeiras que faziam um com o outro, as piadas que diziam, começaram, com o tempo, a se esvaziar de sentido, e eles se convenceram, por fim, de que eram invulneráveis, de que nada os podia atingir.

Foi então que Kawase ouviu a fofoca de Kikuchiyo. Não importava muito se o que ela dissera correspondia ou não à realidade; a semente do que aconteceu em seguida já estava plantada havia algum tempo. Por acaso, foi Kikuchiyo que desencadeou a crise, mas poderia ter sido outro elemento qualquer.

Kawase sabia perfeitamente que sua fúria era risível, mas viu-se presa do ímpeto de levar a emoção às últimas consequências, curioso por saber aonde ela o levaria. De certa forma, encontrava prazer em pensar que essa era a primeira paixão real que sentia em muito tempo.

No entanto, a maneira como Asaka reagiu à sua raiva foi muito diferente do que ele esperava. No seu egocentrismo, Kawase acreditava que, assim como Asaka respondera com cinismo ao cínico jogo que ele jogara até então, agora, diante de uma rodada de paixão, ela cobriria a aposta com uma

sequência do mesmo naípe. Ele era o tipo de homem que se recusava mortalmente a ser ridículo sozinho, e estava pagando para ver uma cartada sentimental.

Mas Asaka conservava a postura ereta e um silêncio obstinado, sentada junto à janela do bar vazio na tarde. A atitude dela pareceu-lhe de uma extrema falta de sensibilidade. O acesso de fúria que ele tivera fora como uma primeira declaração de amor, mas ela fora incapaz de compreender o significado da situação. Isso o irritou ainda mais. Ele esperava ver nos olhos dela um brilho de satisfação diante das infundáveis acusações que ele lhe fazia. A pesada carga de seu orgulho de homem dependia apenas desse sinal — se ela demonstrasse algum prazer com a situação, ele seria capaz de tudo perdoar.

Ao cabo de uma hora, Kawase não sabia mais o que dizer, e os dois caíram em um silêncio desconfortável, evitando o olhar um do outro. Era uma tarde nublada de outono, e da janela se via a multidão lá embaixo ir e vir. Do outro lado da rua, via-se nítida a poeira que cobria o neon de um cabaré.

Asaka desviou, teimosa, o olhar para fora. Passado algum tempo, e sem que nada em sua expressão mudasse, uma lágrima escorreu de seu olho. Então, quase sem mover os lábios, disse:

— Eu acho que estou grávida de você.

Kawase, que até aquele momento não estava pensando em terminar com Asaka, ao ouvir aquela notícia decidiu que iria. Que golpe baixo! Aquelas palavras anulavam todas as elegantes memórias de seu sofisticado relacionamento e o despejavam na sujeira das barganhas e pechinchas. Kawase não tinha sequer vontade de fazer a pergunta mais comum nessa situação, *E você lá sabe quem é o pai?*, mas, pensando em complicações futuras, acabou decidindo perguntar mesmo assim. Afinal, se ela estava decidida a se rebaixar à mais vil das rinhas na lama, ele também sabia responder à altura. Pela primeira vez sentiu repulsa pelos gestos contidos que Asaka aprendera nos bailados e pela grossa camada de pó de arroz que ela aplicava com exímia técnica no rosto. Esses sinais de refinamento lhe pareciam agora o cúmulo da ignorância e da cafonice. Chegou a se sentir feliz com as palavras desonestas de Asaka, pois assim a ruptura seria mais fácil.

— Na verdade, meu filho também... — disse Kawase, e mais adiante não foi.

Asaka não sabia o que ele ia dizer, mas compreendeu o perigo daquilo que não fora dito. Para impedi-lo de falar, deu uma piscadela à moda ocidental, meio bêbada. A piscada veio no momento exato. Ele não precisou fazer o sacrifício de calar — ele fora calado por ela. Pensou que o gesto de Asaka tinha uma força reconciliadora, como se ela o estivesse mimando, ao dispensá-lo de falar.

— Que tal estavam as cerejas? — perguntou o garçom.

Kawase, que ia dar uma gorjeta de 15%, mudou de ideia e deixou 20%.

5

Durante as doze horas de voo entre San Francisco e Tóquio, Kawase, entediado, se levantou diversas vezes para ir fumar enquanto pensava na luz da manhã banhando o quarto de hotel em que ele e Asaka haviam passado a noite anterior.

Em hotéis como aquele, de primeira classe, a regra em geral é de que não se pode levar mulheres para passar a noite, mas, fora do Japão, a verdade é que essa norma não é muito observada, pois a mão de obra é insuficiente para fiscalizar todas as centenas de quartos. Saindo do elevador, os infundáveis corredores se encontram mergulhados no mais absoluto silêncio, e não havia por que temer os olhares de estranhos. O carpete fixado por antiquados varões de latão era alto e abafava o som dos passos. Bêbado, Kawase apostou cinco dólares com Asaka que seria capaz de lhe dar uma dúzia de beijos no trajeto — um pouco longo — entre o elevador e o quarto. Ele ganhou a aposta.

Ao fim de um breve sono, abriram as cortinas e contemplaram o amanhecer na baía de San Francisco por entre os edifícios.

Na manhã anterior, Kawase deixara farelo de pão no peitoril, atraindo duas ou três pombas, que retornaram quando ele abriu a janela. Mas, como eles não tiveram coragem de pedir o café da manhã no quarto, dessa vez não havia migalhas para lhes oferecer. As pombas, desiludidas, foram pousar no beiral inferior, de onde podiam ser vistas mexendo a cabecinha em todas as direções. Seus inquietos pescoços tinham magníficos desenhos em azul, cinza e verde. Lá embaixo, os bondes já haviam começado a soar estridentes.

De anágua preta, Asaka se encontrava com os opulentos ombros expostos. Kawase estava acostumado a ver aquela pele, mas ali, longe de casa, ela tinha um aroma forte e distinto, puro e inocente como os campos, oposto ao cheiro artificial de quimono e de maquiagem que exalava em sua terra. Ele precisou sair do Japão para apreciar a rusticidade daquela pele da mesma cor que a sua, a pele de seus antepassados, banhada na luz do sol por gerações e gerações.

A manhã agradável dissolveu por completo as vergonhas e inibições que Kawase tivera até a noite anterior. Sentindo a brisa gelada que entrava pela janela e acariciava seu peito sob o pijama, ele perguntou, alegremente:

— Tá, e se agora você engravidar, o que vai fazer?

Sentada à penteadeira, de costas para ele, Asaka parecia uma prostituta americana. O espelho refletia com intensidade o sol da manhã, recortando sua silhueta de ombros suavemente arredondados. A resposta foi imediata.

— Me deixa em paz. Se eu tiver um filho, vai ser do Sonoda — ela disse alegremente, revelando o nome de seu benfeitor.

No entanto, à medida que o Japão se aproximava, sua memória desses acontecimentos ia se dissipando, e tornava-se mais intensa para ele a melancólica imagem de sua mulher e de seu filho. Kawase não entendia por que a imagem da esposa e do filho sempre se tingia de cores tristonhas e sentimentais. Haveria uma razão para ele pensar nos dois com tanta tristeza? Sua mulher escrevera todas as semanas enquanto ele estivera nos Estados Unidos, e as cartas indicavam que eles estavam bem.

O avião deslizava sobre o oceano. Ao se aproximar de Tóquio, o piloto apagou a iluminação interna, para que os passageiros pudessem contemplar as luzes da cidade, e pôs para tocar uma música suave. Eles sobrevoavam o mar de Yokohama em direção ao aeroporto de Haneda. Aos poucos, avistaram-se agrupamentos de luzes, irradiando a patética constatação de que quanto mais pessoas se encontravam aglomeradas em um mesmo lugar, mais tristes e solitárias eram suas vidas.

Com o peito povoado de angústias após tanto tempo longe de casa, Kawase sentiu-se submergir em uma inquietação desordenada e se deixou levar pelo fluxo regular e exasperante do tempo e do espaço enquanto observava a

rápida sucessão das luzes azuis da pista de pouso. Por fim, com um profundo suspiro, o avião aterrissou.

A isso se seguiram as tarefas derradeiras do exausto viajante — a confusão da alfândega, a irritação pela demora da bagagem... Então, ao subir as escadas, após uma passarela de carpete vermelho por onde transitava uma multidão, deparou-se com a sua mulher, que trazia o filho nos braços.

Ela vestia um blusão verde-claro. Havia engordado no intervalo em que não tinham se visto. Seu rosto estava mais arredondado e menos definido, o que por algum motivo a tornava ainda mais adorável. O menino, talvez por causa do cansaço de esperar no meio da multidão, estava agarrado ao pescoço da mãe, com uma cara sem expressão.

— Olha ali ó, é o papai!

Quase a contragosto, a criança franziu o nariz e sorriu um pouco. Nada indicava que eles tinham experimentado tristezas ou infortúnios em sua ausência; pelo contrário, os dois pareciam ter tido uma vida bastante satisfatória nesse meio-tempo. Kawase ficou um pouco decepcionado com a grande alegria da mulher.

Quatro ou cinco subalternos da empresa haviam vindo vê-lo e o acompanharam até a sua casa. A noite terminou com festa e bebedeira, e ele não teve um segundo livre para conversar melhor com a esposa.

O menino, sentado no seu colo, foi ficando com o corpo mole e estava quase pegando no sono.

— Não é melhor levá-lo para a cama? — perguntou um dos empregados da empresa.

De volta à casa, rodeado por pisos de tatame, portas de correr, nichos decorativos, janelas redondas, incontáveis pratinhos de louça espalhados sobre a mesa baixa, garrafinhas de saquê e outras coisas nipônicas, Kawase metamorfoseara-se de novo em um típico “macho japonês”, do tipo que não admite que sua masculinidade seja posta em dúvida e está disposto a qualquer tolice para prová-la.

— Que nada, é só trazer uma garrafa mágica que ele acorda na hora!

— Como assim, “garrafa mágica”?

— Só um pouquinho que eu já te mostro. Kimiko, traz a garrafa térmica!
— gritou Kawase.

A esposa não respondeu em seguida — talvez porque concordasse com o

empregado e achasse que era melhor botar a criança para dormir. Já passava das onze. Mas Kawase ficou furioso com a hesitação dela. Estava tão exaltado que era como se ele só tivesse voltado ao Japão porque queria ver a cara do filho com medo da garrafa térmica. Era como se só aquele prazer — ou seria pavor? — fosse capaz de dissipar a angústia que, combinada ao imenso cansaço da viagem, ele começara a sentir no avião de volta.

Não deu cinco minutos, ele chamou a esposa de novo. A sua embriaguez não estava funcionando como ele esperava, e era como se o álcool se recusasse a circular por todo o corpo, concentrando-se, frio, na parte de trás da cabeça.

— Ô Kimiko, cadê a garrafa térmica?

— Já vai.

— Chefe... não precisa trazer a garrafa térmica... deixe o menino... coitadinho... ele está quase pegando no sono... — disse Komiya, o mesmo subalterno de antes, encorajado pelo álcool.

Kawase encarou Komiya por um instante. Era um dos empregados mais competentes da empresa, um jovem bem esperto. Tinha um rosto diferente, com sobrancelhas grossas que quase se uniam no centro, acima do nariz. Ao olhar nos olhos do empregado, sentiu uma pontada fria na parte posterior da cabeça, e pensou: *Esse cara sabe, ele sabe que o menino tem medo de garrafa térmica*. Em vez de perguntar ao jovem por que ele sabia disso, Kawase passou grosseiramente a criança para os braços dele, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Komiya apanhou o menino com a presteza de um jogador de rúgbi e lançou um olhar inocente e espantado ao chefe.

— Então leva você ele pra dormir — ordenou Kawase.

Os outros empregados, sentindo que o clima se fechara, resolveram ficar ainda mais alegres e barulhentos. A esposa de Kawase apareceu rapidamente e, no meio da confusão, tirou o menino dos braços de Komiya e o levou para o quarto. A criança já estava adormecida e não acordou com toda a baderna. Kawase ficou ainda mais irritado ao ver que a mulher resolvera o problema com aquela rapidez e naturalidade.

Os convivas foram embora à uma da madrugada.

Kawase se pôs a ajudar a mulher, carregando os pratinhos de louça para a cozinha. Estava exausto, mas não tinha sono nenhum e não se sentia nem um pouco bêbado. A esposa compreendeu que ele estava emburrado e,

enquanto durou a delicada tarefa cooperativa, só abriu a boca para dizer o estritamente necessário.

— Você não está cansado? Deixa que eu termino aqui. Obrigada pela ajuda — disse ela, de costas para ele, abrindo a torneira da pia.

Kawase não respondeu. No balcão da cozinha, empilhavam-se os pratos com restos de comida, sobrenaturalmente brancos sob a luz fluorescente. Depois de algum tempo, Kawase disse:

— Por que você não trouxe a garrafa térmica? Eu sei que o Shigeru estava com sono, mas poxa, era meu primeiro dia de volta para casa, você não podia fazer minha vontade uma única vez?

Sem se virar nem fechar a torneira, a mulher respondeu, com uma voz artificialmente aguda e alegre:

— É que ela quebrou...

Ao ouvir isso, Kawase não se surpreendeu. Era como se ele já esperasse essa resposta.

— Quem quebrou? Foi o Shigeru?

Ela fez que não, sem dizer palavra. As ondas duras de laquê do penteado que ela fizera para recebê-lo balançaram de leve com o movimento da cabeça.

— Mas então quem quebrou?

Ao ouvir isso, a mulher parou de lavar a louça e se apoiou contra a pia de inox. Pela rigidez das costas, podia-se ver que ela estava aplicando muita força nas mãos. O blusão verde-claro começou a tremer discretamente.

— Mas por que você está chorando? O que houve? Eu só perguntei quem quebrou.

— Fui eu — disse ela, aos soluços.

Kawase não teve coragem de colocar a mão em seu ombro para consolá-la. É que ele tinha medo de garrafas mágicas.

O amor do santo homem de Shiga

1

Tenho consciência de que posso ser alvo de críticas ao contar esta história sem buscar mais fontes e evidências. No momento, só posso me basear em uma muito breve menção ao “amor do santo homem do templo de Shiga” que encontrei em um dos relatos lendários registrados no tomo xxxvii do *Taiheiki*.¹ Nessa passagem, como é de conhecimento de todos, o santo homem japonês é citado em comparação com a figura de Ikkaku Sennin, um dos Seres Iluminados da Índia.

O que despertou meu interesse por esse relato, na verdade, não foi o seu peculiar aspecto sentimental, e sim sua mais simples realidade psicológica. A narrativa trata da rivalidade entre o amor romântico e a fé. No Ocidente, há muitos exemplos desse tipo de história, mas é muito raro encontrar esse tema na literatura japonesa. A vida após a morte é um fator importante da questão amorosa — não apenas para o homem religioso, mas também para a mulher que se envolve com ele; pois dentro dela também ocorre uma disputa entre o reino deste mundo e o do além. Exagerando, seria como se a história de amor dos dois nascesse no limite entre a manutenção e a destruição da estrutura geral do mundo por eles concebido. Nesse sentido, creio poder afirmar que a Escola da Terra Pura, introduzida no Japão em meados da Era Heian, antes de ser uma vertente do budismo, foi na verdade a descoberta de um imenso universo conceitual.

Em suas *Notas essenciais sobre o ir-nascer*, o patriarca Genshin afirma que as Dez Alegrias são um mero pelo de boi perdido em um grande rebanho no grande júbilo da Terra Pura. As Dez Alegrias são: (1) ao morrer, ser guiado à Terra Pura por uma escolta de *bodhisattvas*; (2) sentir a alegria de renascer na Terra Pura; (3) ser agraciado com as marcas da iluminação; (4) apreciar a

beleza da Terra Pura; (5) sentir a alegria de estar na Terra Pura; (6) poder passar aos familiares e amigos os ensinamentos da Terra Pura; (7) poder encontrar as *bodhisattvas* da Terra Pura; (8) poder encontrar o próprio Buda e receber dele os ensinamentos da Terra Pura; (9) poder conhecer outros lugares sagrados que se encontram na Terra Pura; e (10) se tornar um ser iluminado.

O solo da Terra Pura é de lápis-lazúli e os seus caminhos são ladeados por cordões de ouro. O relevo é todo plano e as terras não têm fim. Em cada um de seus territórios, há cinquenta bilhões de torres palacianas feitas com as Sete Pedras de Buda — ouro, prata, pérolas, ágata, cristal, coral e lápis-lazúli — e o chão é ladrilhado com joias e coberto com os mais ricos panos. Nos palácios e nas torres, inumeráveis seres celestiais estão sempre tocando instrumentos e cantando em louvor do Buda Tatagata. Nos jardins dos grandes pavilhões, dos monastérios, dos palácios e dos pagodes há lagos para abluções: a areia do fundo dos lagos de ouro é de prata e a areia do fundo dos lagos de lápis-lazúli é de cristais. A superfície dos lagos é coberta de lótus de incomparável brilho e variado colorido, e a leve brisa espalha por toda parte as flores de luz. Dia e noite se ouve o canto de miríades de pássaros preciosos, patos, gansos selvagens, patos-mandarins, grou, pavões, papagaios, kalavinkas (pássaros místicos de voz maviosa e rosto de belas mulheres) e muitos outros seres alados entoando louvores ao Buda. Por mais que seus cantos sejam suaves, ao se unirem, certamente devem ser muito ruidosos.

As margens dos rios e lagos são cobertas de bosques de árvores preciosas. Refletem-se nas águas seus ramos do mais puro ouro, galhos de prata e flores de coral. Flutuam no ar cordões com sinos de joias preciosas que entoam o Sutra do Lótus, e maravilhosos instrumentos musicais que se tocam sozinhos.

Se alguém quer comer alguma coisa, surge uma mesa feita com as Sete Pedras de Buda, coberta com tigelas feitas com as Sete Pedras de Buda, repletas das mais sublimes delícias. No entanto, não há necessidade de se pegar a comida nem de se levá-la à boca. Ao contemplar suas cores, ao inalar seus aromas, a barriga se sacia, o corpo se nutre e o coração e a mente permanecem puros. Finda a refeição em que ninguém comeu nada, somem as tigelas e desaparece a mesa.

A roupa veste o corpo sem que seja preciso costurar, lavar, tingir ou remendar. Não são necessárias lâmpadas, pois a luz é onipresente. Não é

preciso se aquecer nem se refrescar, pois a temperatura é adequada ao longo de todo o ano. Centenas de milhares de sutis perfumes enchem o ar, e do céu cai, incessante, uma chuva de pétalas de flores de lótus.

Em suas *Notas essenciais sobre o ir-nascer*, na parte em que descreve o Portão de Observação, o patriarca Genshin afirma ainda que, como os não iniciados não podem ir muito adiante na Terra Pura, eles são instruídos a se dedicar à expansão de sua imaginação. Uma forma de se contemplar o Buda, estando na Terra, é pelo uso da imaginação. O poder infinito da imaginação pode ser atingido concentrando-se em uma única flor de lótus e expandindo-se a consciência a partir daí.

A observação microscópica da flor de lótus e a sua dedução em escala astronômica são a base de uma teoria do universo e uma forma de se atingir a iluminação. Cada pétala da flor tem 84 mil nervuras e cada nervura tem 84 mil luzes. A menor dessas flores possui 250 *yojana* de diâmetro. Se cada *yojana* corresponde a trinta léguas japonesas, uma flor de lótus das pequenas teria mais ou menos 7500 léguas.²

Cada flor de lótus tem 84 mil pétalas, e entre cada uma das pétalas há dez bilhões de pedras preciosas emitindo, cada uma delas, mil raios de luz. Sobre o pedestal finamente decorado em que se encontra cada flor, há quatro pilares de joias preciosas, e cada um desses pilares é como centenas de milhares de milhões de bilhões de montes Meru.³ O toldo sobre os pilares é feito de cinquenta bilhões de joias; cada uma emite 84 mil tons de luz dourada e cada tom de dourado se transmuta em muitas outras cores.

Chama-se a esse exercício espiritual de “meditação sobre o trono do Buda”. O universo conceitual que serve como pano de fundo para esta história de amor é algo nessa escala.

2

O santo homem do templo de Shiga era um monge da mais eminente virtude.

Tinha sobancelhas brancas e mal conseguia sustentar os velhos ossos com o cajado.

Aos santos olhos desse sábio asceta, o reino deste mundo se apresentava como lixo inútil. O pinheiro que ele plantara com as próprias mãos ao ir viver

em retiro cresceu e se tornou uma imensa árvore cujos galhos o vento enfunava. Abandonara havia tanto tempo o mundo flutuante que seu coração certamente já não se preocupava mais com as coisas terrenas.

Sorria apiedado dos ricos e bem-nascidos e se admirava de que não percebessem que suas alegrias e prazeres eram vazios como sonhos. Quando encontrava uma bela mulher, tinha pena dos homens presos pelo desejo carnal ao infinito ciclo de sofrimento deste mundo. Para aqueles que se libertaram totalmente das razões e desejos que põem a vida em movimento, o mundo em que vivemos entra em súbito e total repouso. Os olhos do homem santo só enxergavam esse estado de repouso, e este mundo se apresentava a ele como um mero desenho no papel, como um mapa de uma terra estrangeira. Esse estado mental de isolamento dos desejos e dores do mundo o levaram também a esquecer o medo. Não entendia mais por que o inferno precisava existir. Achava óbvio que o mundo não tinha nenhum efeito sobre ele; mas, como não era soberbo, não considerava que a sua eminente virtude fosse a causa de sua serenidade.

O santo monge, pode-se quase dizer, fora abandonado pelo seu corpo. Nas ocasiões em que tinha consciência da própria carne — por exemplo, quando tomava banho —, ele se alegrava ao ver que seu corpo era apenas um amontoado de ossos salientes que a pele envelhecida mal conseguia cobrir. Ele tolerava esse corpo como se fosse de outra pessoa. Acreditava que sua carne já estava mais adequada para os alimentos da Terra Pura.

Quando dormia, todas as noites, sonhava apenas com a Terra Pura. Ao acordar, se entristecia ao constatar que ainda se encontrava preso a este mundo, o mundo da impermanência — este sim, um mundo irreal como um sonho triste e passageiro.

Com a chegada da primavera e da temporada do *hanami*,⁴ a aldeia de Shiga ficava repleta de visitantes da capital. O homem santo, em sua serenidade, não se incomodava com nada. No estado mental em que se encontrava, o barulho e a confusão dos homens não o atingiam. Um dia, pegou seu cajado, saiu da cabana e foi caminhar às margens do lago. Entardecia, e as ondas do lago haviam se acalmado. Ele se pôs a contemplar a superfície da água e a meditar.

Nesse momento, uma carruagem pertencente a alguém da nobreza veio contornando o lago e se postou em proximidade ao homem santo, que estava

de pé às margens da água.

Quem estava na carruagem era a sra. Kyogoku, Consorte do Imperador. Ela viera a Shiga para ver as floradas, e já ia retornar à capital quando decidiu dar um último adeus à vista do lago. Mandou que parassem ali, ergueu a cortina e ficou apreciando a paisagem de dentro do carro.

O homem santo, sem pensar, olhou em sua direção e foi atingido por sua beleza. Os olhos da dama e do monge se encontraram por alguns instantes e, como ele não baixou a vista, ela também sustentou o olhar. Normalmente, a Consorte não toleraria que alguém a encarasse daquele jeito; mas, como se tratava de um venerável ancião, ela hesitou por um momento, sem compreender o motivo da mirada.

Em seguida, ela baixou a cortina. A carruagem partiu pela estrada do passo de Shiga em direção à capital — entraria na cidade já de noite, pelo caminho do Pavilhão Prateado. O homem santo permaneceu ali, de pé, até a carruagem desaparecer por entre as árvores.

Em um instante, o reino deste mundo se vingava do monge, com força temível. Tudo o que ele acreditava que fosse seguro entrou em colapso.

De volta ao retiro, diante da estátua do Buda, pôs-se a entoar o seu santo nome. No entanto, imagens de ilusão se interpunham em sua mente. Tentou se convencer de que aquela beleza que vira era efêmera — uma manifestação temporária de um corpo; no entanto, aquele instante, que atingira o seu coração com uma beleza indizível, pareceu-lhe de uma força única e eterna. Sabia que a carne era uma ilusão, pois já não era mais, em nenhum sentido, um homem jovem; ao mesmo tempo, sabia que o corpo não se transfigurava assim, em um instante. O mais correto seria dizer que o seu espírito se modificara subitamente em contato com algo tóxico.

Ele nunca cometera o pecado da mulher. À força de lutar contra o desejo na juventude, passara a ver a mulher como uma mera existência carnal. A única carne pura, para ele, era a carne da imaginação. Assim, dominou essa carne, a carne em abstrato, valendo-se apenas de sua força espiritual — e não havia ninguém que o conhecesse que duvidasse desse sucesso.

No entanto, mesmo sendo só de carne, o rosto daquela mulher que erguera a cortina para contemplar o lago era de uma existência tão real, de uma completude tão resplendente, que o homem santo não sabia que nome lhe dar. Talvez fosse a manifestação de alguma coisa que por muito tempo

estivesse escondida dentro dele, aguardando à espreita para criar aquele raro instante. Era o mundo real, que até então se encontrava em repouso, saltando súbito de dentro da ilustração estática e entrando em movimento.

Era como se ele estivesse em uma das grandes avenidas da capital, no meio do vaivém das carroças e carruagens, cobrindo os dois ouvidos com as mãos e, de repente, tirasse as mãos dos ouvidos. Nesse instante, seria como se o seu corpo fosse atacado por uma multidão de sons e ruídos.

Quando se entra em contato com o mundo real em permanente transformação, deixando-se invadir pelos seus sons, é que já se está no domínio desse mundo real; e para ele, que rompera toda relação com o mundo exterior, era como se se recolocasse em uma relação com esse mundo.

Dava suspiros profundos, que não conseguia controlar, enquanto lia os sutras. Esperando encontrar consolo na natureza, contemplava as nuvens sobre as serras tingidas pelo pôr do sol, mas sua mente se dispersava, como aquelas nuvens, em um turbilhão de formas. A mesma coisa acontecia se decidia contemplar a lua; e quando se punha diante da estátua do Buda, na esperança de clarear o seu pensamento, a cara do Buda se transfigurava no rosto da Consorte Imperial. O seu mundo se resumia agora a um pequeno círculo, em que de um lado estava ele, e do outro, a Consorte.

3

A sra. Kyogoku logo esqueceu que encontrara um velho monge à beira do lago de Shiga e que ele a ficara olhando atentamente.

Algum tempo passou e ela ouviu um boato que a fez lembrar o incidente. Um membro da Corte fora a Shiga contemplar as cerejeiras e ouvira de um aldeão que havia testemunhado o encontro dos dois que, desde aquele dia, o santo homem passara a se comportar como se estivesse louco.

É claro que a Consorte Imperial fingiu não acreditar no boato. No entanto, se a história fosse verdadeira, sabendo-se da eminente virtude do santo homem, havia algo ali que poderia cativar a sua vaidade. É que ela já não tinha mais nenhum interesse pelo amor dos homens deste mundo.

Ela sabia muito bem que era bela; no entanto, tinha certa tendência a se sentir atraída por forças que tratassem o seu alto lugar no mundo e a sua

beleza como coisas sem valor — forças como as que moviam aquele santo monge. Como resultado, era muito devota da Terra Pura — talvez porque uma fé que considerasse corrupta e impura a beleza e a alegria deste mundo e pregasse a renúncia e o retiro como salvação fosse um consolo para ela, tão farta se encontrava da pompa e da glória da Corte.

Os galantes da Corte veneravam a Consorte como a própria encarnação da elegância cortês. Na verdade, ela era assim venerada porque nunca se apaixonara por ninguém. Ninguém achava que ela amasse o Imperador. Ela sonhava com o parceiro ideal, com uma paixão para além da fronteira do possível. O homem santo de Shiga era de uma virtude eminente. Além do que, era muito velho. Na capital, todos sabiam que ele havia renunciado a este mundo. Se o boato fosse verdade, isso equivaleria a dizer que o monge, cativado pela beleza da Consorte, estaria disposto a sacrificar a vida eterna por causa dela. Não havia, para ela, sacrifício maior — nem maior oferenda.

A Consorte não sentia atração nem pelos homens mais ardentes nem pelos mais belos e jovens nobres da Corte. A beleza masculina não a tocava. A única coisa que a interessava era um dia encontrar um homem capaz de amá-la, com força e profundidade, mais do que ninguém jamais amou.

Em uma mulher, esse tipo de interesse a torna uma criatura temível. Se for uma mera prostituta, ela pode se contentar com as riquezas deste mundo. Mas a Consorte já tinha toda a riqueza deste mundo, e desejava um homem que lhe desse de presente a renúncia à riqueza da vida futura.

O boato do amor do homem santo de Shiga se espalhou pelo palácio, chegando mesmo aos ouvidos do Imperador, que, um pouco de brincadeira, mas também um pouco a sério, mencionou-o à Consorte. Ela, claro, não achou graça na piada, mas manteve um semblante calmo. As pessoas só se atreviam a falar livremente de um assunto tão impróprio porque, ao dizerem que um santo monge se apaixonara por ela, estavam na verdade exaltando a sua beleza; além disso, todos sabiam que, entre um ancião como ele e a Consorte, jamais haveria uma história de amor.

Quando ela pensava no rosto do velho monge, que ela avistara do interior de sua carruagem, não encontrava nenhuma semelhança com as caras dos outros homens que até então a haviam amado. É curioso que o amor brote no coração de um homem sem nenhuma qualificação para ser amado. Comparado ao amor do monge, o “amor sem esperança” tão mencionado

nos poemas que as pessoas da Corte trocavam entre si não passava de um capricho fingido de que os amantes se valiam para chamar a atenção.

Creio ter deixado claro que a Consorte não era a “própria encarnação da elegância cortês”, e sim uma mulher para quem o maior deleite era ser amada. Mesmo sendo da alta nobreza, era antes de tudo mulher, e para ela nenhum poder deste mundo suplantava o de ser amada. Enquanto os homens disputavam cargos e travavam batalhas, ela sonhava com um dia em que o mundo seria conquistado por outros meios mais puros e femininos. Ela ria das mulheres que haviam feito votos de renunciar a este mundo. Uma mulher pode dizer ter abandonado as coisas deste mundo, mas ela não consegue renunciar às coisas que são dela. Apenas os homens são capazes de renunciar a tudo o que têm.

Aquele velho monge renunciara totalmente ao mundo flutuante. Era um homem muito mais homem do que os mais nobres senhores da Corte. Ele renunciara uma vez ao reino deste mundo e também renunciara — por ela — à vida futura.

Ela visualizou com devoção a imagem da flor de lótus. Pensou na gigantesca flor de 250 *yojana* de diâmetro. Essa flor extravagante era mais de seu agrado do que as pequenas flores de lótus que se viam neste mundo. Comparado às sutis melodias que o vento da Terra Pura tira dos galhos de ouro de árvores preciosas, o som do vento nas árvores do jardim não tinha nada de interessante. Se pensava nos instrumentos que se tocavam sozinhos no céu da Terra Pura, concluía que o som das cítaras do palácio não passava de triste imitação.

4

O santo homem do templo de Shiga lutava.

Quando tivera de lutar contra seu corpo na juventude, valera-se da esperança na vida eterna. No entanto, a luta desesperançada que travava agora na velhice estava atada a um sentimento de perda irreparável.

Que, de um lado, o seu amor pela sra. Kyogoku, Consorte Imperial, era um amor sem esperança, isso estava claro como o sol, sem sombra de dúvida. Por outro lado, sabia com igual clareza que, enquanto estivesse preso a esse amor, não poderia avançar na direção da Terra Pura. Até então, na qualidade

de Grande Sacerdote do templo, ele fora um homem livre; mas em um instante fora rodeado da mais profunda escuridão. Talvez a coragem que tivera ao renunciar a este mundo na juventude, a certeza de que bastava querer para vencer essa batalha, se devessem ao orgulho de saber que era capaz de se privar de tudo. Ele se viu novamente presa do medo. Despertara em um mundo de trevas profundas, o mundo real, sem saber o que o aguardava a cada passo. Até o dia em que aquela carruagem cruzou seu caminho às margens do lago de Shiga, ele acreditara que o que o aguardava era o nirvana.

De nada adiantou meditar sobre o trono do Buda. Assim que começava a se concentrar, o belo rosto da sra. Kyogoku se apresentava à sua mente. O mesmo acontecia se ia às margens do lago meditar contemplando a superfície da água. Sob as ondas do lago, enxergava também o seu belo rosto.

Deu-se conta de que a concentração lhe era prejudicial, pois, naturalmente, ela intensificava o seu sentimento. Tentou dispersar a mente, para tornar o sentimento mais vago. A concentração o distanciava da iluminação; mas ao dispersar seus sentimentos ele apenas confirmava que eles existiam. Quando seu coração parecia não mais aguentar tanto peso, ele concluiu que era mais fácil fugir do esforço de fugir dos seus sentimentos, meditando diretamente sobre a imagem da Consorte Imperial.

Descobriu novo prazer em adornar em sua mente a imagem da Consorte. Não sabia por que sentia prazer nisso, já que, a cada adorno que acrescentava, ela se tornava mais formidável, mais distante, mais inatingível. Talvez fosse mais natural imaginá-la como uma mulher comum... pois assim, ao menos, dentro de sua ilusão, o objeto de seu amor se tornaria mais acessível.

Ele se deu conta de que a sua Consorte Imperial não era nem apenas um corpo de carne, nem apenas uma ilusão. Ele imaginava a sua real essência. Certo, é estranho buscar a essência de uma mulher por meio da meditação; mas, mesmo apaixonado, ele não havia perdido o hábito de buscar a essência das coisas por meio da abstração. E assim, a sra. Kyogoku, Consorte Imperial, se tornava uma em sua mente com a imagem da flor de lótus de 250 *yojana*. Recostada em muitas flores de lótus, ela dormia, plácida, tornada uma visão ainda maior do que o monte Sumeru, maior do que o território de um país.

Quanto mais o homem santo imaginava o seu amor como impossível,

tanto mais ele traía o Buda, pois a impossibilidade do amor estava ligada à impossibilidade da iluminação. Quanto mais ele pensava que seu amor era sem esperança, tanto mais sólida se tornava a sua ilusão, e tanto mais difícil era afastar os maus pensamentos. Se pensasse que era possível consumir o seu amor, seriam mais fáceis para ele a renúncia e a resignação; mas um amor irrealizável se acumulava como a água de um lago, que transbordava e cobria a terra.

Desejava rever a Consorte Imperial, mas temia que, ao encontrá-la, sua ilusão de que ela era a gigantesca flor de lótus se destruísse sem deixar traço. Se essa visão se desfizesse, talvez ele encontrasse salvação. Ele poderia atingir a iluminação. Mas o homem santo tinha medo de que isso acontecesse.

O amor solitário tece estranhos ardis para enganar a sua presa. Assim, quando ele finalmente se decidiu a ir ver a Consorte, convenceu-se de que já estava meio curado daquele amor que ardia em seu corpo como uma chama. O santo homem pensou, erroneamente, que a alegria incomum que sentiu ao tomar a decisão era por já ter quase se desvencilhado da paixão que o consumia.

5

Ninguém achou estranho que um monge velho, com as roupas em farrapos, trazendo à mão um cajado com um pombo de madeira pousado na ponta, estivesse de pé, calado, a um canto do jardim do palácio de Sua Alteza a Consorte Imperial. Afinal, era comum que um peregrino ou outro, ou algum mendigo, aparecesse nos jardins dos nobres para pedir esmolas. Uma das damas de companhia foi avisar a Consorte, que, movida por um capricho, foi até a cortina de bambu para ver o homem. Sob a sombra das jovens folhas do jardim, havia um velho monge, de pé, em estado deplorável. Ela ficou olhando por um tempo, por trás da cortina. Seu rosto mudou de cor quando se deu conta de que aquele certamente era o homem santo que ela vira às margens do lago de Shiga.

Hesitou um pouco, sem saber o que fazer. Por fim, disse à dama de companhia que o deixassem lá. A dama aquiesceu, e assim foi feito.

Uma inquietação nasceu no coração da Consorte. Era a primeira vez que ela sentia essa inquietação. Já vira muitas pessoas que haviam renunciado a

este mundo; mas uma pessoa que renunciara à vida eterna, era a primeira vez que via. Era uma visão agourenta e indizivelmente medonha. Todo o prazer que sentira até ali ao imaginar o amor do homem santo se desvaneceu naquele momento. Compreendia agora que, mesmo que ele tivesse renunciado ao seu futuro por causa dela, isso não significava que ele pudesse lhe oferecer impunemente a vida eterna.

A Consorte olhou para as suas roupas magníficas, para as suas mãos tão delicadas, e depois olhou para o rosto decrépito e para as roupas esfarrapadas do monge parado no seu jardim. A ligação entre os dois era tentadora como o inferno, mas não era grandiosa como ela imaginava em seus sonhos. O homem santo parecia saído do inferno. Não havia nada em sua aparência que atestasse sua eminente virtude, capaz de vibrar com a luz da Terra Pura. Todo o seu esplendor, que permitia vislumbrar a Terra Pura, havia desaparecido. Não havia dúvida de que se tratava da mesma pessoa que ela vira às margens do lago de Shiga; mas, ao mesmo tempo, era outra pessoa.

Como a maioria das pessoas da Corte, ela tinha a tendência de vigiar os próprios sentimentos. Quando algo que poderia emocioná-la se apresentava diante dela, buscava se conter. Era grande sua decepção, ao olhar para aquele monge, para a sua prova de amor, e constatar que o amor supremo com que ela sonhara podia ter uma aparência tão medíocre.

O homem santo do templo de Shiga esquecera todo o seu cansaço e esforço ao chegar à capital apoiado em seu cajado. Entrou sem ser anunciado no palácio da Consorte Imperial e, ao saber que a mulher que ele amava se encontrava atrás daquela cortina de bambu, sentiu-se despertar de todos os seus falsos sonhos.

E, ao perceber que o seu amor tomara essa forma tão inocente, o monge sentiu novamente o desejo de prosseguir ao mundo futuro. Teve mesmo a impressão de nunca haver imaginado a Terra Pura com uma pureza tão honesta. A sua devoção pela Terra Pura tomou uma forma sensorial. Agora, só faltava uma última formalidade antes de se libertar das ilusões que o impediam de prosseguir para a vida futura: ele precisava encontrar a Consorte Imperial e confessar-lhe o seu amor. Era só isso que faltava.

Era muito difícil para ele continuar ali de pé, apoiado no bastão. O forte sol de maio se derramava por entre as jovens folhas na cabeça do velho monge. Mais de uma vez, já sentira tontura; mas continuava ali, agarrado ao

bastão. Se ao menos a Consorte Imperial se desse conta da situação e o chamasse para falar com ela, ele poderia encerrar a questão com essa última formalidade. Depois disso, a Terra Pura o aguardaria de portas abertas. Esperou. Achou que ia perder a consciência com o esforço de continuar ali, apoiado em seu bastão. Finalmente, o céu se cobriu de nuvens. Depois, escureceu. E ainda assim a Consorte Imperial não mandava chamá-lo.

A Consorte não tinha como saber que o santo homem via, para além dela, a sua chegada à Terra Pura. Olhou diversas vezes pela cortina de bambu para ver se ele ainda estava lá. Anoiteceu. Ele ainda estava lá de pé.

Ela sentiu medo. Achou que estava vendo “uma persistente ilusão”, como falam os sutras, na forma de uma alma viva penada. Sentiu medo de ser lançada ao inferno. Como fora ela a tentação que abalara a retidão de um homem santo de tão eminente virtude, achava que não iria mais para a Terra Pura, e que era o inferno que viria buscá-la. A sua ilusão de um amor supremo se encontrava desfeita. Ser amada é estar no inferno. Ao contrário do monge, que via nela a salvação, ela via nele o inferno.

Mas aquela mulher de condição tão elevada era muito orgulhosa, e lutou contra o medo com toda a sua astúcia. Valeu-se da força que tirava de sua natural crueldade para se recompor. Ele vai acabar desmaiando, pensou. É só esperar até que ele desmaie. De vez em quando olhava pela cortina para ver se ele ainda estava lá. Para sua irritação, ele continuava lá.

Anoiteceu. Sob a luz do luar, o homem santo parecia um esqueleto muito branco, aguardando de pé.

De tanto medo, ela não conseguiu dormir. Não olhava mais pela cortina — mesmo de costas, sentia o olhar fixo do homem santo sobre ela. Não se tratava de um amor qualquer. No entanto, do medo que agora sentia de ser amada e de ir para o inferno, ela tirou renovada força para rezar pela Terra Pura. Queria ao menos proteger a imagem que tinha da Terra Pura ao rezar. Era uma Terra Pura sua, particular — uma Terra Pura distinta da do monge. Ela não tinha nenhuma ligação com o amor que ele sentia — fora ele quem desejara amá-la, e ela não participara da decisão; portanto, ela ainda podia ir para a Terra Pura. No entanto, conforme a noite avançava, sentiu vacilar a sua decisão pétrea de não se deixar comover pelo homem santo, nem que ele morresse.

O homem santo continuava lá, de pé. Conforme a lua se encobria, sua

estranha figura lembrava uma árvore seca.

Dentro de seu coração, ela gritou que não tinha nenhuma relação com aquela figura. Ela não conseguia entender por que estava acontecendo tudo aquilo. Enquanto pensava isso, ela se esqueceu até mesmo de sua própria beleza — algo que quase nunca acontecia. Mas talvez ela estivesse se forçando a esquecer.

Finalmente, o céu começou a clarear com a luz da manhã. Na meia escuridão, o homem santo continuava de pé no jardim.

A Consorte Imperial deu-se por vencida. Chamou uma dama de companhia e disse que trouxesse o homem santo para perto da cortina em que se encontrava.

O monge estava em transe, como se o seu corpo fosse se desintegrar. Não sabia mais se o que estava esperando era a Consorte Imperial ou a vida futura. Mesmo vendo a dama de companhia se aproximar do jardim mal iluminado pela aurora, não sentia como se aquilo por que ele tanto aguardara estivesse se concretizando.

Depois que a dama de companhia transmitiu a mensagem da Consorte, o monge soltou um urro medonho. Era um som que não parecia uma voz humana. A dama tentou pegar a sua mão, mas ele a rejeitou. Então, com uma firmeza quase sobrenatural, ele caminhou até a cortina atrás da qual se encontrava a Consorte.

De fora, não se enxergava nem a silhueta da Consorte. O homem santo ajoelhou-se diante da cortina e, cobrindo o rosto com as mãos, chorou. Por muito tempo, continuou soluçando, sem dizer palavra. Parecia que ia ficar ali, chorando para sempre.

Então, na tênue luz da manhã, por debaixo da cortina de bambu, viu-se despontar ligeiramente uma mão branca como a neve. O homem santo do templo de Shiga pegou a mão de sua amada com as suas duas mãos e a levou à testa e às faces.

A sra. Kyogoku, Consorte Imperial, sentiu aquelas mãos estranhas e frias tocarem a sua. Então, sentiu algo molhado e quente. Eram as lágrimas dele que caíam em sua mão. Ela sentiu nojo daquelas lágrimas de um desconhecido que molhavam as suas mãos.

No entanto, quando pela cortina de bambu se filtrou a pálida luz da manhã, a nobre mulher sentiu de repente voltar a sua fé, e foi atingida por

uma inspiração que lhe dizia que aquela mão desconhecida que tocava a sua era a mão do Buda.

Ela sentia voltar a seu espírito a magnífica visão da Terra Pura. O solo de lápis-lazúli, as torres de sete pedras preciosas, os seres celestiais que tocavam música, o lago de ouro com fundo de cristais, as flores de lótus que emitiam luz, a voz das kalavinkas — enxergou tudo de novo. Se ela podia de novo acreditar, com intensa fé, nessa Terra Pura, ela podia também acolher o amor do santo homem. Ela aguardou que o dono daquela mão que a tocava pedisse que a cortina fosse erguida. Supôs que ele iria pedir que a abrissem. E ela mandaria abrir. E, então, ele veria a sua figura de incomparável beleza, da mesma forma que a vira quando eles se cruzaram nas margens do lago de Shiga. E ela o convidaria a entrar. Ela esperou.

Mas o santo homem do templo de Shiga não disse nada e nada pediu. As mãos envelhecidas que seguravam com firmeza a mão da Consorte Imperial, por fim, largaram-na. A mão branca como a neve ficou ali, na luz da manhã.

O homem santo se ergueu e partiu. O coração da Consorte se enregelou.

Alguns dias depois, ouviu-se o boato de que o santo homem do templo de Shiga havia morrido em sua cabana. A Consorte Imperial se pôs a fazer belas cópias dos sutras. Dentre os abençoados sutras que copiava, estavam o Sutra da Vida Infinita, o Sutra do Lótus e o Sutra da Guirlanda de Flores.

Até a última ponte

O que eu sei da vida não encheria uma conchinha do mar. Somos jovens e inocentes. Você só tem dezenove anos... e eu, só vinte e oito. Nossas tenras vidas... terão sido como esta curta ponte... breves como um dia de outono.

Chikamatsu Monzaemon, “Monólogo da travessia da ponte de Shijimi”,
da peça *O pacto de morte de Amijima* (1721)

Na noite do dia 15 do oitavo mês do calendário lunar, Koyumi e Kanako encerraram o serviço às onze e meia e voltaram à casa de gueixas Wakekatsura, localizada na rua Itajin, no bairro de Ginza. Chegando lá, despiram rapidamente as suas roupas elaboradas e vestiram seus *yukata*. Elas queriam ter ficado mais um pouco, mas naquela noite não havia tempo para tomar banho.

Koyumi tinha quarenta e dois anos, um metro e meio de altura, era meio gordinha e vestia um *yukata* branco de crepe de algodão com flores de outono em negro. Kanako tinha vinte e dois anos e um corpo de dançarina, mas ainda não tinha benfeitor, e já quase não conseguia achar bons papéis para a sua idade nos bailados. Vestia um *yukata* branco de crepe de algodão com uma padronagem em índigo de redemoinhos estilizados.

— E de que padronagem será o *yukata* de Masako?

— Aposto que de lespedezas. Ela quer engravidar logo...

— Nossa, mas ela já...

— Não, ainda não. E nem vai tão cedo. A menos que se engravide de amor não correspondido. Continua virgem — disse Koyumi.

No “mundo de flores e salgueiros”,¹ uma superstição determina que, para engravidar, no verão se deve usar a padronagem de lespedeza, e, no inverno, a de cordilheiras estilizadas.

Bem na hora de sair, Koyumi resolveu ficar com fome. Sentia-se faminta

de uma hora para outra, nos momentos mais inconvenientes, como se a vontade de comer chovesse das alturas. Quando estava trabalhando, por mais chato que fosse o serviço, ela não costumava pensar em comida. Mas, entre um trabalho e outro, o estômago, que até então fora esquecido, começava a roncar em um ataque repentino. Como não podia prever quando isso ia acontecer, não conseguia comer com antecedência para evitar os acessos de fome. Quando ia à noite ao cabeleireiro, por exemplo, via as outras gueixas do bairro pedirem entregas de *donburi* de carne do restaurante Okahan, que comiam com gosto enquanto esperavam a sua vez. Ela não dava a mínima bola para a comida das outras; sequer lhe parecia apetitosa. Mas era só esperar uma hora mais e, de repente, a sua barriga roncava, e da base de seus pequenos e fortes dentes a saliva jorrava como de uma fonte de estação termal.

Todos os meses, Koyumi e Kanako pagavam à Wakekatsura uma taxa pelo uso da casa e outra pela comida. A taxa de alimentação de Koyumi era sempre alta, pois, além de comer muito, ela gostava de coisas caras. No entanto, desde que começara a ter os repentinos ataques de fome, a conta da comida começou a baixar, a ponto de quase ser menor do que a de Kanako. Koyumi não sabia dizer quando os acessos de fome começaram. Também não sabia quando começou o hábito de passar, antes de cada atendimento, pela cozinha dos lugares onde ia trabalhar e perguntar, ansiosa: “Não teria algo para eu comer?”. De uns tempos para cá, ela jantava na primeira casa a que ia, no início da noite, e ceava na última, depois do atendimento. Assim, seu estômago se acostumou a esses horários, e a conta da comida na Wakekatsura diminuiu.

O bairro de Ginza já estava adormecido e mergulhado em silêncio quando Koyumi e Kanako, cada uma em seu *yukata*, partiram a pé em direção à casa Yonei, de Shinbashi. Kanako apontou para uma nesga de céu que se podia ver acima do prédio de um banco com todas as venezianas fechadas e disse:

— Que bom que clareou! Dá para ver o coelho na lua.²

Mas Koyumi não prestou muita atenção, pois estava morta de fome. A primeira apresentação da noite fora na casa Yonei. A última, na Fumino. Ela devia ter ceado na Fumino, mas, como não tivera muito tempo, acabara indo

direto para casa trocar de roupa. Quando chegassem à Yonei, que era a mesma casa em que ela jantara no início da noite, teria de pedir de novo alguma coisa para comer, e isso a deixava muito constrangida.

Mas ela se curou de seus constrangimentos assim que chegou à porta dos fundos da Yonei. A filha da casa, Masako, as aguardava na cozinha — em um *yukata* de lespedezas, conforme previsto —, e já foi dizendo, gentilmente:

— Mas vocês chegaram cedo! Não precisavam ter pressa. Vamos, entrem, comam alguma coisa.

A espaçosa cozinha estava uma bagunça, com a louça da noite ainda por lavar. Sob as lâmpadas acesas, brilhava reluzente uma enorme quantidade de pratinhos e tigelas. Masako, com uma mão apoiada no pilar da cozinha, bloqueava a luz. Koyumi ficou feliz de estar no escuro — assim, Masako não vira sua expressão de alívio ao ouvir que havia comida.

Enquanto Koyumi ceava, Masako levou Kanako para o seu quarto. De todas as muitas gueixas que frequentavam a casa, Kanako era aquela com quem se dava melhor. Tinham a mesma idade, fizeram o fundamental juntas, e ambas eram bonitas. Fora isso, tinham uma simpatia inexplicável uma pela outra.

Kanako era muito quieta e, à primeira vista, parecia frágil; no entanto, já tinha acumulado muita experiência de vida, e as coisas que dizia, às vezes mesmo uma observação casual qualquer, eram de grande ajuda para Masako. Esta, por sua vez, se por um lado era muito dinâmica, por outro, quando o assunto era amor ou sexo, mostrava-se medrosa e infantil. A infantilidade de Masako dava o que falar, e mesmo a sua mãe achava que ela era muito pudica; assim, não desconfiou de nada quando a filha encomendou um *yukata* de lespedezas.

Masako fazia graduação em artes na Universidade de Waseda. Uma vez, o ator de cinema R., de quem ela era fã, veio à casa Yonei, o que fez incendiar a sua paixão. Depois disso, decorou todo o seu quarto com fotos dele. A foto que tirou com R., ela mandou gravar em um vaso de porcelana branca, que mantinha sempre cheio de flores sobre a escrivaninha.

— Saiu hoje o elenco da apresentação — disse Kanako, fazendo beicinho, enquanto sentava.

— Ah, é? — respondeu Masako, fingindo não saber, por pena da outra.

— Eu peguei um papel de menino e apareço só uma vez. Acho que vou ser sempre figurante... Já perdi a esperança. Se fosse no teatro musical, eu não passaria de corista...

— Ano que vem você consegue um papel bom, você vai ver.

— No final da história, quando eu for ver, fiquei que nem a Koyumi-san...

— Que bobagem. Ela é vinte anos mais velha que você. Ainda tem muita coisa pra acontecer na sua vida.

Elas não podiam revelar o desejo que iam fazer na travessia, mas as duas já tinham entendido o que a outra ia pedir. Masako queria ser namorada de R. e Kanako queria um benfeitor. Elas também sabiam que Koyumi queria dinheiro. Não havia dúvida de que os três pedidos, dadas as circunstâncias de cada uma, eram bastante sensatos, honestos e aceitáveis. Se a lua não quisesse concedê-los, isso era problema dela — a lua é que estaria errada. Eram desejos justos e singelos, cuja verdade se lhes via na cara, pedidos tão humanos que, assim que as visse caminhando sob o luar, a lua, mesmo que a contragosto, não teria como recusá-los.

Masako disse:

— Temos mais uma participante para a travessia.

— Ué, mas quem?

— A nova empregada daqui de casa. Veio de Tohoku, está conosco há um mês. O nome dela é Mina. Eu disse para a minha mãe que não precisava, mas ela insistiu, disse que ia ficar preocupada se não tivesse alguém junto.

— E como ela é?

— Você já vai ver. Ela é... digamos... bem crescida.

Nesse momento, abriu-se a porta de correr e apareceu a tal da Mina, de pé.

— Eu já não te falei que antes de abrir a porta você tem que se ajoelhar?

— disse Masako, com ares de patroa.

— Sim.

Mina tinha uma voz grave cujo tom não sugeria que ela desse a mínima para o que Masako dizia. Ao vê-la, Kanako teve que se segurar para não rir. Estava com um vestido feito de retalhos de quimono, o cabelo com permanente era caótico, e das mangas do vestido despontavam imponentes braços roliços. Tinha o rosto e os braços queimados de sol. Seus traços eram

como que feitos de um material espesso, que as abundantes bochechas esmagavam, e no lugar de olhos ela tinha duas frestas estreitas como um barbante. Seus dentes eram tão desalinhados que não importava a maneira como fechasse a boca, ficava sempre algum dente rebelde de fora. Naquele rosto, era difícil desvendar uma emoção que fosse.

— Já é um guarda-costas — sussurrou Kanako ao ouvido de Masako.

Kanako fez de tudo para não rir e disse a Mina, com um tom severo:

— Você já sabe, né? Mas vou repetir. Do momento que a gente sair, até o final, depois de atravessar a última das sete pontes, ninguém pode dizer uma palavra. Se você falar alguma coisa, o desejo não é atendido. Ninguém pode falar com você, também, mas como você não é daqui, não corre o risco de encontrar algum conhecido. Também não se pode passar duas vezes pelo mesmo lugar, mas isso quem vai cuidar é a Koyumi-san, que vai na frente. A gente só tem que ir seguindo ela.

Na faculdade, Masako já tinha até feito um trabalho sobre a obra de Marcel Proust, mas quando falava de assuntos domésticos, toda a educação moderna que recebera ia parar não se sabe onde. Mina respondeu com um “sim” que deixava em aberto se ela tinha ou não compreendido alguma coisa do que ouvira.

— Já que você tem que vir junto, aproveite e faça um pedido, também. Pensou em alguma coisa?

— Sim — respondeu, com um sorriso arrastado.

— Olha só que despachada! — comentou Kanako.

Nesse instante, apareceu Koyumi, dando palmadinhas de satisfação na barriga.

— Agora sim, podemos ir.

— Koyumi-san, você escolheu umas pontes boas pra gente?

— Vamos começar com a ponte Miyoshi. Como ela passa por dois rios, conta como duas travessias. Viram como eu sou esperta?

Como sabiam que depois não poderiam falar, as três amigas foram do quarto de Masako à cozinha tagarelando sem parar, como para que acumular tempo de conversa. No piso de cimento da cozinha, via-se o par de *geta* de Masako. Os tamancos eram do tipo laqueado de preto. Quando ela os calçou, suas unhas pintadas de vermelho cintilaram levemente na obscuridade do aposento. Ao vê-las, Koyumi exclamou:

— Mas que chique, Masako-san. Unhas com verniz vermelho e *geta* preto, assim a lua vai se emocionar!

— Verniz? Que palavra antiga. Está revelando a idade, hein, Koyumi-san.

— Eu sei que é esmalte. Eu também leio as revistas de manequim.

Masako e Kanako se entreolharam e não contiveram uma gargalhada.

Com Koyumi à frente, partiram as quatro em direção à avenida Showa. Passaram pelo estacionamento de uma locadora, repleta de carros vazios após um dia de serviço. A luz da lua deslizava na sua reluzente pintura negra. Ouviam-se os insetos da noite sob os automóveis. Ainda havia muitos carros circulando pela avenida Showa, mas, como a cidade já estava dormindo, mesmo o som estrondoso de um caminhão em movimento soava como que isolado e solitário, desacompanhado dos outros barulhos diurnos.

Alguns fiapos de nuvens flutuavam entre a lua e as nuvens maiores que se empilhavam no horizonte. Era noite de lua clara. Nos intervalos entre a passagem de um carro e o próximo, ouviam-se os tamancos das quatro mulheres batucando no chão. O som dos sapatos parecia ecoar diretamente na dura superfície azulada do céu em que a lua vagava.

Koyumi ia à frente. Ficou satisfeita ao constatar que a larga calçada estava deserta. Koyumi tinha orgulho de nunca ter dependido de ninguém. A barriga cheia também lhe dava satisfação. Enquanto caminhava, pensou que nem sabia muito bem para que queria mais dinheiro — talvez o que ela quisesse fosse se fundir, maleável e sem sentido, à luz do luar que se despejava sobre a calçada. Um caco de vidro reluziu em uma fresta entre as pedras. Se até o vidro quebrado podia brilhar sob a lua, o seu desejo não seria insignificante como aquele estilhaço?

Masako e Kanako iam atrás, com os dedos mindinhos entrelaçados, pisando na sombra que Koyumi projetava. Com toda a animação da saída, as duas haviam transpirado, e agora sentiam os mamilos enrijecerem com o suor que a leve brisa esfriava ao entrar pelas aberturas sob as mangas de seus *yukata*. Os seus desejos se transmitiam de uma para outra pelos mindinhos entrelaçados — desejos ainda mais vívidos porque se transmitiam sem palavras.

Masako sonhava com a doce voz de R., com os seus olhos amendoados,

com as suas longas costeletas. Ela não era uma fã qualquer, pensou; era a filha do proprietário de um restaurante tradicional de primeira linha. O seu desejo, portanto, podia muito bem se realizar. Lembrou-se de quando ele aproximou o rosto para falar com ela — o seu hálito era perfumado, não fedia nem um pouco a bebida. Era um hálito vigoroso como o aroma dos campos no verão. Quando pensava essas coisas, sentia como um marulhar, que lhe subia pela pele entre os joelhos e as coxas. Era constantemente torturada pela dúvida. Será que R. existia no mundo? Seria a sua existência algo tão certo (ou incerto?) quanto as imagens dele que povoavam a sua mente?

Kanako sonhava com um homem gordo, rico e de meia-idade — um senhor já entrado em anos também servia. *Afinal, se não for gordo, não tem cara de rico.* Ele seria seu protetor e a cobriria de dinheiro e presentes; tudo o que ela precisaria fazer era ficar imóvel, fechar os olhos e se banhar na chuva de dádivas. Kanako estava acostumada a fechar os olhos; no entanto, até aquele momento, cada vez que os reabria, o homem em questão não estava mais lá.

Como se tivessem combinado, as duas se voltaram para trás ao mesmo tempo. Lá vinha Mina, calada. Segurava as bochechas com as mãos e arrastava desajeitada os tamancos com tiras vermelhas, como se fosse tropeçar a qualquer momento, chutando a barra do vestido. Os olhos vagos fitavam o nada e pareciam desprovidos de significado. Masako e Kanako sentiram que a figura de Mina era como um insulto aos seus desejos.

Ao chegarem à divisa entre o primeiro e o segundo quarteirão de Ginza Oeste, as quatro dobraram à direita na avenida Showa. Entre os prédios, a luz dos postes banhava a calçada a intervalos regulares. O luar se escondia por trás dos edifícios.

Não demorou muito e viram assomar diante delas, à distância, a ponte Miyoshi — a primeira que tinham de atravessar. Era uma ponte diferente, em forma de forquilha, que passava por cima da bifurcação de um rio. Do lado de lá, via-se o tristonho prédio da subprefeitura de Chuo, cuja torre ostentava um relógio proclamando clara e nitidamente a hora errada. O guarda-corpo da ponte era muito baixo e, no ponto de junção das três passarelas, havia em cada ângulo um poste antigo de ferro com quatro lanternas em forma de

lório-do-vale. Nem todas as lâmpadas estavam funcionando; e os bojos de opalina que não estavam acesos pareciam muito brancos sob a luz do luar. Em torno das lâmpadas acesas, agrupavam-se nuvens de bichinhos da luz.

A superfície do rio se enrugava sob o luar.

Seguindo o exemplo de Koyumi, todas fizeram suas preces silenciosas no início da primeira passarela. Perto de onde estavam, uma luz se apagou em um pequeno prédio de janelas encardidas e de lá saiu um homem, talvez indo para casa depois de fazer hora extra. Ia fechar a porta à chave, quando, ao avistar o curioso quarteto com as mãos em prece, interrompeu o que estava fazendo e ficou um instante a observar.

Finda a oração, as mulheres iniciaram a travessia da ponte. A passarela era uma continuação da calçada onde estavam, mas, ao entrarem na ponte propriamente dita, súbito o seu caminhar ficou mais pausado, como se estivessem subindo ao palco de um grande teatro. A distância até o centro da ponte não era grande, mas, quando lá chegaram, as mulheres deram um suspiro de alívio, como se houvessem realizado uma tarefa árdua.

Sob a luz de um dos postes antigos, Koyumi uniu as mãos em uma prece, sendo imitada pelas outras três. Ela tinha calculado que, como a ponte Miyoshi une a distância entre três margens, atravessá-la contaria como se houvessem cruzado duas pontes. Em compensação, como para fazer o pedido deviam rezar no início e no fim de cada travessia, nesta passagem precisavam fazer suas preces quatro vezes.

Um táxi passou, e Masako viu que o passageiro as observava, de olhos arregalados, mas Koyumi nem prestou atenção.

Chegando à frente da subprefeitura, viraram-se de costas para o prédio e fizeram a quarta oração. Tanto Kanako quanto Masako sentiram, além da satisfação de já terem concluído as duas primeiras travessias, que os seus desejos, que haviam feito um pouco por fazer, agora tomavam a importância de algo insubstituível em suas vidas.

Masako sentiu que preferia morrer se não conseguisse ficar com R. Só de atravessar duas pontes, a força de seu desejo se intensificara muitas vezes. Quanto a Kanako, ela pensou que a vida sem um benfeitor era uma vida sem sentido. Enquanto oravam, sentiam um aperto no peito. Masako de repente percebeu que os seus olhos marejavam.

Olhou sem querer para o lado. De olhos fechados, Mina rezava com

devoção. *Comparado com o meu, o pedido dela deve ser uma asneira qualquer. O coração de Mina é vazio, oco, insensível.* Masako sentiu desprezo pelo coração de Mina. Em seguida, sentiu inveja.

Foram em direção ao sul, margeando o rio. Chegaram à rua em que passava o bonde municipal que levava de Tsukiji à ponte Sakura. O último bonde já passara havia muito. Os trilhos, que durante o dia ficavam fervendo com o sol do início do outono, estendiam-se agora frios e brancos.

Mesmo antes de chegarem ali, Kanako começara a sentir pontadas no ventre. *Deve ser uma intoxicação. Comi algo que me fez mal.* As primeiras fsgadas prenunciavam uma dor excruciante, mas dois ou três passos depois ela já não estava mais pensando nisso. No entanto, o pensamento de que esquecera a dor foi ocupando cada vez mais a sua consciência, e a dor voltou, rachando de cima a baixo a temporária sensação de que não sentia mais nada.

A terceira ponte era a Tsukiji, uma ponte feiosa como seu entorno de centro de cidade grande. Pela primeira vez, notaram que, na entrada da tristonha ponte, alguém plantara um magnífico salgueiro. Em geral, passavam por ali de carro, e nunca tinham percebido a árvore solitária, que brotava do chão de concreto e cujas folhas farfalhavam, elegantes, ao sabor da brisa fluvial. No silêncio da noite, os ruidosos prédios da volta estavam todos mortos e apenas o salgueiro parecia vivo.

Antes de atravessar a ponte Tsukiji, Koyumi se postou à sombra do salgueiro e, voltando-se em direção à ponte Sakura, juntou as mãos em uma prece. Talvez por sentir o peso da responsabilidade de quem comandava a travessia, Koyumi, sem se dar conta, endireitou o seu corpo gordinho. Na verdade, àquela altura, ela não estava mais pensando em seu desejo, e sim na tarefa premente de atravessar as sete pontes sem nenhum incidente fatal. Pensou que a missão mesma de atravessar sã e salva as sete pontes se tornara o motivo por que ela as estava atravessando. Isso pode parecer estranho, do ponto de vista mental, mas, naquele momento, começou a se solidificar nela a convicção de que sempre vivera daquela maneira, um pouco como ela aprendera a pensar nos acessos de fome que a assaltavam como algo que sempre fora daquele jeito; e assim, enquanto avançava sob a luz do luar, suas

costas iam ficando cada vez mais eretas e seu olhar, mais convicto.

A ponte Tsukiji não é uma ponte atraente, nem são atraentes os seus quatro pilares. Mas foi enquanto a atravessavam que elas sentiram pela primeira vez algo que lembrava o cheiro da maresia, e que soprou algo que lembrava a brisa marinha; e, ao avistarem o neon vermelho do prédio de uma companhia de seguros, interpretaram aquilo como um presságio de que o mar estava próximo.

Depois da travessia, enquanto rezava, Kanako foi acometida de uma dor que parecia pressionar o seu estômago. O grupo atravessou os trilhos do bonde e caminhou entre o rio e o prédio da S. Investimentos. Kanako foi aos poucos ficando para trás. Preocupada, Masako também desacelerou o passo, mas não podia perguntar à amiga o que estava acontecendo. Kanako conseguiu se fazer entender, apertando a barriga e soltando uma careta de dor.

No entanto, Koyumi, que ia à frente, encontrava-se numa espécie de embriaguez, e prosseguia triunfante, sem prestar atenção a mais nada, abrindo uma distância cada vez maior entre ela e as outras três.

Kanako já conseguia avistar seu benfeitor tão próximo que, se estendesse o braço, poderia tocá-lo, mas pensou com tristeza que não seria capaz de alcançá-lo. Seu rosto perdeu toda a cor, e a sua testa se cobriu de um suor frio. Mas a mente humana pode ser piedosa e gentil; à medida que a dor aumentava, o desejo de Kanako, que até um momento antes lhe causava grande fervor, começou a perder a sua realidade; o seu pedido, que há pouco parecia tão perto de ser atendido, pareceu-lhe de repente irreal; tudo aquilo lhe pareceu inconsistente como um sonho, um capricho infantil; e ela se convenceu de que, caso conseguisse abandonar aquela ilusão sem cabimento, a dor iria embora.

Estavam quase chegando à quarta ponte quando Kanako pôs a mão no ombro de Masako, apontou para o ventre com um gesto que lembrava uma coreografia e, com o cabelo emplastrado de suor e uma expressão de desânimo no rosto, meneou a cabeça comunicando à amiga que não conseguiria prosseguir; e, dando imediatamente meia-volta, sumiu correndo em direção à rua do bonde.

Masako pensou em ir atrás dela, mas logo se impediu de dar meia-volta, ao lembrar que, se pisasse de novo no caminho já percorrido, o seu pedido iria

por água abaixo. Ficou apenas olhando a amiga se afastar. Koyumi, por sua vez, só se deu conta de que algo tinha acontecido quando já estava chegando à ponte, e também se virou para olhar.

A essa altura, a mulher que trajava um *yukata* branco com uma padronagem de redemoinhos índigo corria sob o luar, sem se importar com o que os outros poderiam pensar. O som dos tamancos reverberava nos edifícios do entorno. De repente, avistou um providencial táxi que estacionava, silencioso, na esquina.

A quarta ponte era a Irifune. Elas precisavam atravessá-la na direção contrária da que haviam tomado ao cruzar a Tsukiji.

As três mulheres pararam no início da ponte e se puseram a rezar. Masako tentou sentir pena de Kanako, mas por algum motivo o sentimento de pena não lhe veio naturalmente. Foi acometida de uma espécie de frieza ou crueldade, e pensou que era justo que ela fosse adiante e que a outra, que falhara em prosseguir, ficasse para trás. O desejo de cada um é um problema que diz respeito somente à pessoa que o tem; e não era papel dela assumir para si a responsabilidade pelo desejo dos outros. Não era como ajudar alguém a carregar uma mala que se revela pesada ao se escalar uma montanha; há coisas que nenhum ser humano pode carregar pelos outros.

Podia-se ler o nome Irifune (“embarcadouro”) escrito em letras brancas sobre um fundo que era talvez verde, ou talvez preto — no breu da noite não se podia saber ao certo —, em um retângulo horizontal de metal afixado a um dos baixos pilares de pedra. A ponte não era iluminada, mas podia ser vista de longe porque a sua superfície de concreto refletia as luzes inclementes do posto Caltex da outra margem. Na escuridão debaixo da ponte, enxergava-se uma luz acesa. Havia uma cabana na plataforma decorada com vasos de flores. Uma placa anunciava:

BARCOS PARA PASSEIOS

REBOCADORES

BARCOS PARA PESCA ESPORTIVA

BARCOS PESQUEIROS

O habitante da cabana estava acordado — eis o motivo da luz acesa.

Dali, se ouvia vagamente o barulho dos prédios ao longe. A noite se

espraiava no céu. Quando viram, a lua, até então descoberta, se escondera atrás de uma nuvem semitransparente. O volume de nuvens aumentara.

As três conseguiram cruzar a ponte Irifune sem problemas.

Passando a ponte Irifune, o rio fazia uma curva à direita, quase em ângulo reto. O caminho até a quinta ponte era longo. Pegaram uma rua larga e vazia que costeira o rio rumo à ponte Akatsuki.

Do lado direito, havia muitos restaurantes. O lado esquerdo era a ribeira, coberta com pilhas de materiais de construção, pedras, saibro, areia, que em alguns lugares invadiam a rua até o meio. Passado algum tempo, viram do lado esquerdo os imponentes prédios do Hospital São Lucas, que tinham uma aparência lúgubre sob a luz da lua meio encoberta. A imensa cruz dourada da torre da capela estava iluminada de vermelho, e as luzes-piloto do entorno, como servas da cruz, piscavam no topo dos prédios, em reverência. As luzes da capela estavam apagadas, mas podia-se distinguir perfeitamente, no alto, o contorno da rosácea em estilo gótico. Aqui e ali, via-se a luz fraca de algumas janelas do hospital.

As três caminhavam caladas. Masako apurava o passo, tão concentrada na tarefa de caminhar que era como se não pensasse em mais nada. Elas andavam cada vez mais rápido, e começaram a transpirar. No início, Masako achou que fosse só impressão, mas o céu onde ainda se via a lua por entre as nuvens se nublou mais, e ela sentiu alguns pingos de chuva molharem suas têmporas. Por sorte, tudo indicava que era uma chuvinha passageira.

Avistaram a quinta ponte, a Akatsuki, cujos pilares eram tão brancos que pareciam tóxicos. Eram feitos de concreto e tinham uma forma esquisita, e alguém ainda por cima decidira caiá-los. Quando foi fazer a oração ao se aproximar da ponte, Masako tropeçou em um cano de aço que estava exposto no calçamento e quase caiu. Cruzando a ponte, via-se a entrada para carros do hospital.

Como a ponte não era longa, e o ritmo das três estava bem melhor do que no início do itinerário, a travessia foi rápida. Koyumi estava quase chegando ao outro lado quando o desastre aconteceu. Uma mulher de aparência vulgar, carregando uma bacia, com o cabelo molhado e a gola do *yukata* em desalinho, veio correndo e cruzou o caminho das três. Masako olhou de

relance para o rosto branquíssimo da mulher e ficou mortificada.

— Koyumi-san, pare, espere aí! Quanto tempo! Mas que desfeita hein, fazendo que não me conhece.

A mulher esticou o pescoço para o lado, em uma pose estranha, e se postou diante de Koyumi, impedindo a sua passagem. De olhos baixos, Koyumi não disse palavra.

A mulher de cabelo molhado continuou insistindo, com uma voz estridente que não se mantinha sempre no mesmo tom, como quando o vento assobia ao passar por uma fresta. Repetia diversas vezes as mesmas palavras com a mesma entonação, como se estivesse chamando alguém que não está presente.

— Estou voltando da casa de banho de Odawaramachi. Nossa, quanto tempo, hein, Koyumi-san! Mas o que você está fazendo num lugar desses a essa hora?

A mulher pôs a mão no ombro de Koyumi, que por fim ergueu o olhar. Naquele instante, compreendeu que já não adiantava ficar calada. Se algum conhecido fala com aquele que faz o desejo, desfaz-se a promessa.

Masako olhou no rosto da mulher de cabelo molhado, tomou uma rápida decisão, e retomou o seu caminho, a passos rápidos, deixando Koyumi para trás. Tinha se dado conta de que também ela conhecia a mulher. Era uma velha gueixa que, depois da guerra, trabalhara em Shinbashi por algum tempo, mas ficou louca e perdeu o registro de profissão. *Qual era mesmo o nome dela? Koen?* Isso, a mulher do cabelo molhado se chamava Koen. Tinha atitudes esquisitas, comportava-se como uma menina nova. Mais tarde, Masako ouvira de alguém que ela fora morar com uns parentes distantes que viviam naquelas redondezas. Fizera um tratamento e tinha melhorado bastante.

Claro que ela se lembraria de Koyumi, elas foram boas amigas. Por sorte, ela não se lembrava de Masako.

Apareceu a sexta ponte. Era a diminuta ponte Sakai, cujo nome figurava numa singela placa de metal pintada de verde. Masako fez a oração apressadamente, atravessou a ponte correndo e parou para rezar de novo, aliviada. Olhou para trás e não viu mais Koyumi. Mina vinha logo atrás, com

a sua cara sem expressão.

O problema é que, sem a orientação de Koyumi, Masako não sabia qual era a sétima ponte. Pensou, no entanto, que se fosse sempre em frente pela rua que margeia o rio, iria em algum momento se deparar com uma ponte. Bastaria cruzá-la para que o seu desejo se realizasse.

Alguns pingos dispersos voltaram a golpear o rosto de Masako. Estava em um lugar passando Odawaramachi. Grandes armazéns de fábricas se enfileiravam de um lado, e de outro os tapumes de obras impediam a vista do rio. Estava muito escuro. Ao longe, via-se um poste de luz, o que fazia com que a escuridão ao redor parecesse ainda mais profunda.

Masako sabia ser determinada quando necessário. Não sentia medo de andar na rua no meio da noite, ainda mais quando tinha um objetivo. Já o som dos tamancos de Mina, que vinha logo atrás, a irritava cada vez mais à medida que avançavam. Era o som de passos distraídos e desleixados, que, ao lado de seus elegantes passinhos, pareciam debochar de sua disciplina e discrição.

Até Kanako desistir, a presença de Mina despertara em Masako apenas um vago desprezo. Depois disso, ela começou a se sentir mais incomodada, e agora que estavam só as duas, ela não conseguia conter a curiosidade em saber o que aquela pirralha caipira tinha feito de pedido. Sentia-se desconfortável em ser seguida por uma mulher corpulenta cujos desejos ela não conseguia adivinhar. Não, a sensação não era de desconforto — era de angústia, uma angústia que se intensificara de tal forma que beirava o pânico.

Até então, nunca tinha parado para pensar como o desejo dos outros pode ser repulsivo. Era como se ela estivesse sendo seguida por um aglomerado de escuridão, muito diferente dos transparentes desejos de Kanako e Koyumi. Isso a levou a querer estimular em si o seu desejo, a enaltecê-lo. Pensou no rosto de R. Na sua voz. No seu hálito juvenil. Mas a imagem de seu amado se desfez em mil pedaços, e ela não tentou mais recuperá-la.

Queria cruzar logo a sétima ponte. Não pensar em nada até o fim dessa missão.

Nisso, avistou um poste de luz que parecia indicar o acesso a uma ponte. Em seguida viu uma avenida. Logo, logo chegaria ao fim de seu trajeto.

Os pingos de chuva dispersos na areia do parquinho da ribeira eram pontos negros sob a luz da lâmpada que ela avistara de longe. Depois do parquinho, via-se uma ponte.

Uma inscrição em uma coluna de concreto no formato da caixa acústica de um shamisen indicava que aquela era a ponte Bizen. Cruzando-a, do outro lado à esquerda estava o templo Honganji de Tsukiji, cujo telhado curvo e esverdeado se via alto contra o céu noturno. Masako pensou que, como não podia voltar pelo mesmo caminho, no retorno precisaria ir até o mercado de Tsukiji, passar pelo cinema Togeiki e pelo teatro Enbujo, para só então tomar o rumo de casa.

Com um suspiro de alívio, juntou as mãos e, para compensar pelas orações anteriores, que fizera correndo, se pôs a rezar com compenetrado ardor. Olhou para o lado e viu Mina, que mais uma vez a imitava como um bicho de circo, juntar com devoção as suas mãos gordas e rezar. O espetáculo a fez tremer de raiva. Perdeu o foco no que estava rezando e ouviu as seguintes palavras se produzirem distintamente em sua cabeça: “Não devia ter trazido Mina. Ela é muito irritante. Não era para ter trazido ela”.

Nesse instante, Masako ouviu a voz de um homem que a chamava, e sentiu o corpo endurecer de pavor. Era um guardinha que fazia a ronda. Um homem jovem, de rosto tenso e que falava gritando.

— Mas o que é que você pensa que está fazendo num lugar desses a essa hora?

Masako sabia que, se falasse, tudo iria por água abaixo, então não respondeu. Mas, pela rápida sucessão de perguntas que o policial estava fazendo, pela tensão que se ouvia em sua voz, ela compreendeu que ao ver uma moça rezando em um lugar daqueles no meio da madrugada, ele concluía que ela só podia estar querendo se atirar da ponte.

Como ela não podia responder ao policial, precisava de alguma forma fazer com que Mina entendesse que devia interferir e falar no seu lugar. Mas Mina não parecia entender nada. Masako deu-lhe um puxão no vestido, para chamar a sua atenção. Por mais estúpida que fosse, agora não tinha como não se dar conta. Ainda assim, Mina teimava em não abrir a boca. Com espanto, Masako entendeu que Mina — fosse porque recebera ordens dela mesma, fosse para proteger o seu pedido — estava decidida a não falar.

— Então, não vai responder? — disse o policial, ainda mais ríspido.

Naquele momento, Masako pensou que seria melhor atravessar a ponte primeiro e deixar a explicação para depois e, desvencilhando-se da mão do guarda, saiu correndo em disparada. A ponte Bizen tem o guarda-corpo pintado de verde e é levemente arqueada. Ao fugir, Masako viu que Mina também vinha correndo atrás, em direção à parte mais alta da ponte.

Masako não tinha nem cruzado metade da ponte quando o policial a alcançou e agarrou pelo braço.

— Tá fugindo, é?

— Claro que não, que horror achar que eu estava fugindo. Ai! Largue meu braço, está me machucando! — disse sem pensar.

Sabendo que o seu pedido já era, Masako olhou desolada para o outro lado da ponte, e viu Mina, que, chegando ao final do trajeto, fazia a décima quarta oração.

Masako chegou em casa chorando e se queixando. A mãe, mesmo sem compreender, censurou Mina.

— E qual era o seu pedido?

Mas Mina não respondia. Cada vez que perguntavam, ela só dava uma risada.

Dois ou três dias depois, já de melhor humor, Masako voltou ao ataque.

— Me diz o que você pediu. Vamos, me conte! Já deu de segredo.

Mina apenas sorriu vagamente.

— Você é horrível! A Mina é horrível!

Rindo, Masako cutucou os ombros gordos de Mina com as afiadas unhas recém-feitas. A carne pesada e flexível resistiu ao ataque das unhas. Masako sentiu na ponta dos dedos uma espécie de agonia, e por algum tempo ficou sem saber o que fazer com as mãos.

Patriotismo

1

Em 28 de fevereiro de 1936, ano onze da Era Showa, no terceiro dia a contar do Incidente de Vinte e Seis de Fevereiro,¹ o tenente Shinji Takeyama, do primeiro regimento de infantaria da Guarda Imperial, angustiado com a situação de seus colegas mais próximos que haviam participado da rebelião, e indignado ao antecipar a onda de delações e execuções que fatalmente viria a ocorrer, cometeu, no quarto de oito tatames² de sua residência, localizada na quadra 6 de Aoba-cho, no distrito de Yotsuya, o suicídio ritual com a sua espada de guerra, sendo seguido no gesto pela sua esposa Reiko, que também escolheu a morte pela lâmina. A nota de suicídio do tenente se resumia a dizer: “Dez mil anos de vida ao Exército Imperial! *Banzai!*”. A nota de sua esposa pedia perdão aos pais pela falta de piedade filial ao escolher morrer antes deles e afirmava: “É chegado o dia de cumprir o meu dever como esposa de militar”. A cena que se via ali — marido e esposa decididos a morrer juntos — bastaria para fazer chorar deuses e monstros. Contava então o tenente trinta anos de idade; sua esposa, vinte e três; e desde a cerimônia de bodas não havia ainda transcorrido meio ano.

2

Ninguém — a começar, é claro, pelos convidados presentes ao casamento do tenente Takeyama, assim como qualquer pessoa que visse as fotos da cerimônia — conseguia conter uma exclamação de deleite diante da beleza daquele homem e daquela mulher. O tenente, de pé com o seu uniforme de gala, repousava a mão esquerda na espada que trazia à cintura; com a cabeça

descoberta, levava o quepe na mão direita e, com a sua aparência máscula e orgulhosa, parecia estar protegendo a noiva. O seu rosto imponente, de sobrancelhas grossas e olhos grandes, deixava perceber a pureza imaculada da juventude. A graça e a beleza da noiva, em seu quimono branco de casamento, também eram inigualáveis: suas sobrancelhas gentis, seus olhos arredondados, seu belo e fino nariz, seus lábios carnudos, tudo nela irradiava charme e nobreza. Segurando um leque, podia-se discernir, escapando da manga do quimono, a ponta de seus dedos, delicadamente alinhados como botões de flor de *yugao*.

Após o suicídio dos dois, ao contemplarem essa fotografia, as pessoas lamentavam que a união de um homem e de uma mulher tão inexplicavelmente belos pudesse conter uma medida tão grande de mau augúrio. Passado o incidente, quando se olhava a fotografia dos dois recém-casados com o biombo dourado de festa ao fundo, quase se podia ler nos olhos igualmente límpidos do tenente e de sua esposa a marca da consciência de que a morte se aproximava.

Com a ajuda do tenente-general Ozeki, que arranajara o casamento, haviam se instalado em Aoba-cho, no distrito de Yotsuya, em uma velha casa de aluguel com um pequeno jardim e três aposentos. No térreo, havia uma peça de seis tatames e outra de quatro e meio, mas, como não pegavam muito sol, a peça de oito tatames do andar de cima fazia as vezes de quarto de dormir e de sala de visitas. Não tinham criada, e Reiko cuidava sozinha do lar.

Devido à situação delicada em que se encontrava o país, haviam desistido de sair em lua de mel. Passaram a primeira noite de núpcias naquela casinha mesmo. Antes de se deitarem, Shinji depositou com cuidado a espada diante dos joelhos e deu a Reiko um sermão à moda militar. Esposa de soldado precisa estar sempre de prontidão para morrer dignamente. A necessidade da morte, disse, pode vir a qualquer momento — amanhã, talvez — e devemos estar sempre preparados para encará-la de frente, com serenidade. Reiko se levantou, foi até à cômoda e tirou de uma gaveta o item mais importante de seu enxoval: a adaga que ganhara de sua mãe. Repetindo o gesto do marido, depositou-a no tatame, diante dos joelhos. Estava formado um pacto sem palavras, e foi a única vez em que o tenente testou a prontidão de sua esposa.

Passados alguns meses, a beleza de Reiko foi se refinando, revelando-se

clara como a lua depois da chuva.

Sendo os dois saudáveis e jovens, faziam amor sem parar, com sofreguidão — não apenas de noite. Não foram poucas as vezes em que o tenente se deitou com a mulher assim que chegou em casa das manobras, tirando apressado a farda suja. Reiko também o recebia com paixão. Teve o seu primeiro orgasmo ainda no primeiro mês de casada, e o tenente, ao saber do prazer da mulher, sentiu também muito prazer.

O corpo de Reiko era de uma brancura imponente, e os seios firmes mostravam a forte recusa das coisas muito puras; no entanto, quando se entregava, o seu colo se enchia do calor de um ninho. Na cama, os dois eram de uma seriedade espantosa. Mesmo nos momentos de maior lubricidade, o sexo entre eles era solene.

O tenente pensava na mulher até nos curtos intervalos entre uma manobra e outra, e Reiko passava o dia inteiro com a imagem do marido na cabeça. Contemplava a foto do casamento e sentia a sua felicidade confirmada. Não via nada de estranho no fato de que um total desconhecido para ela alguns meses antes era agora todo o seu mundo e o seu sol.

Esse comportamento não tinha nada de imoral — afinal, o Decreto Imperial de Educação determinava que “a vida entre homem e mulher deve ser de harmonia”. Reiko nunca contestava o marido, e o tenente nunca encontrou motivo para repreendê-la. No altar aos deuses que ficava na peça de baixo, junto aos patuás comprados no Santuário de Ise, havia uma fotografia de Suas Majestades, o Imperador e a Imperatriz, que o casal saudava com profunda reverência todas as manhãs, antes de o tenente sair para trabalhar. A oferenda de água era renovada diariamente, e os galhos da árvore sagrada estavam sempre verdes e lustrosos. Era um mundo sob proteção divina, repleto de alegria em todos os recônditos.

3

A residência do ex-primeiro-ministro Makoto Saito ficava em Yotsuya, não muito longe da casa deles, mas Shinji e Reiko não ouviram os disparos naquela manhã de 26 de fevereiro. O crepúsculo da manhã mal iluminava a neve escura quando, após a curta tragédia de dez minutos, o sono do tenente foi interrompido pelo som da corneta dando o toque de reunir. Ele se

levantou de um salto e começou a se vestir sem dizer palavra. A mulher lhe alcançou a espada, que ele prendeu à cintura, partindo em seguida pelo caminho coberto de neve. Não voltou para casa até o anoitecer do dia 28.

Reiko acabou sabendo detalhes da tentativa de golpe mais tarde pelo rádio. Os dois dias que se seguiram, ela os passou sozinha, em silêncio, trancada em casa.

Naquela manhã de neve em que ele partira sem dizer palavra, Reiko já havia lido no rosto do tenente a decisão da morte. Com serenidade, ela arrumou a casa e se pôs de prontidão para seguir os passos do marido, caso ele morresse sem voltar. Separou alguns quimonos de festa para dar às amigas do tempo de colégio como recordação, escrevendo o nome de cada uma delas nas embalagens de papel das roupas. Como o marido vivia dizendo que não se devia pensar no dia de amanhã, ela não havia mantido um diário; assim, viu-se privada da última satisfação de reler o registro de sua feliz vida de casada, antes de lançar as folhas ao fogo. Ao lado do rádio, havia alguns bibelôs: um cachorro, um coelho, um esquilo, um urso e uma raposa. Havia também um vaso e uma moringa. Eram as únicas coisas que ela se permitira colecionar, e Reiko não conseguiu reunir forças para designá-las como presente de recordação a ninguém. Mas também não achava que ficasse bem pedir que a sepultassem com os objetos. Olhou para os bichinhos de porcelana e encontrou-os ainda mais desolados e desamparados que de costume.

Reiko pegou o esquilo na mão e, enquanto o contemplava com um afeto infantil, voltou a sua devoção para além daquele bichinho, trazendo à mente a imagem do marido e dos preceitos solares que ele personificava. Ela estava feliz ao saber que esse sol viria buscá-la em seu carro e a levaria à morte, mas por alguns segundos se permitiu impregnar de uma ternura inocente. No entanto, ela amara aquelas coisas em um período anterior de sua vida. Naquele momento, o que ela amava era a lembrança de que um dia as amara. Seu coração agora se encontrava repleto de uma felicidade mais violenta e passional...

Reiko nunca usou a palavra “prazer” para se referir ao êxtase irradiante que sentia dia e noite. No frio de fevereiro, seus lindos dedos ficaram dormentes com a superfície gélida do esquilo de porcelana. Antecipou o momento em que os braços másculos do tenente a estreitariam de novo e, sob as

padronagens que se repetiam regularmente na seda de seu quimono bem cortado, Reiko sentiu um calor úmido como a polpa de uma fruta derretendo a neve.

Quando imaginava a morte, não sentia medo nenhum. Acreditava com intensidade que, assim como o corpo do tenente a levava ao êxtase, naquele instante, em algum lugar, os sentimentos dele, seus pensamentos, dores, angústias, ideias, tudo nele a estava guiando para uma morte de enlevo. Era como se o seu corpo se derretesse e se juntasse aos estilhaços da mente do marido.

Ouvindo os fragmentos de notícias pelo rádio, Reiko ficou sabendo que diversos amigos do marido estavam implicados na tentativa de golpe. As notícias falavam de mortes de envolvidos. Ao final, ela compreendeu que a situação era irreversível. No início, o noticiário falava de uma tentativa de reforma e de um possível indulto imperial; no entanto, o tom mudou no decorrer do dia, e ela compreendeu que a situação era irreversível quando ouviu a feia palavra “insurreição”. O quartel não entrou em contato com ela. A cidade coberta de neve aguardava em silêncio, sem saber quando haveria batalha.

No dia 28, à noite, Reiko ouviu apavorada alguém que golpeava sua porta com violência. Desceu às pressas e girou a chave com a mão trêmula. Mesmo em silêncio, soube de imediato que a silhueta que se distinguiu pelo vidro fosco era a de seu marido. Nunca a chave da porta da frente lhe parecera tão emperrada. A fechadura se recusava a ser aberta.

Nem bem abriu a porta, apresentou-se diante dela no vestibulo o tenente, o corpo envolto em um casacão de cor cáqui. Os pesados coturnos estavam sujos de neve e de lama. Ele fechou a porta rapidamente e a trancou à chave. Reiko não entendeu por que ele fizera aquilo.

— Bem-vindo ao lar — ela saudou, com uma reverência profunda.

O tenente não respondeu. Solto a espada da cintura e começou a tirar o casacão. Reiko postou-se às costas dele para ajudar. Ao segurar o casacão, sentiu que estava gelado e molhado, sem o cheiro característico de bosta de cavalo que sentia quando ele ficava quente do sol. Pesava em seu braço. Reiko o pendurou em um cabide, agarrou a espada e acompanhou o marido à peça de seis tatames do térreo.

Sob a luz mais clara da sala, Reiko viu que o marido estava com a barba

por fazer e tinha o rosto tão cansado que era quase irreconhecível. As bochechas estavam caídas e a pele não tinha brilho nem tônus. Em geral, ele chegava em casa de bom humor, já ia tirando a farda para colocar uma roupa confortável, pedia insistente pelo jantar, mas, daquela vez, não fez menção de tirar o uniforme e, cabisbaixo, sentou-se no chão diante da mesa de centro com as pernas cruzadas.

Passado um tempo em silêncio, ele falou:

— Eu não sabia de nada. Eles não me convidaram para participar. Acho que foi porque fazia pouco que a gente tinha se casado, devem ter ficado com pena. Ninguém me disse nada... nem o Kano, nem o Honma, nem o Yamaguchi...

Reiko lembrou-se dos rostos dos jovens oficiais, amigos de seu marido, que muitas vezes os haviam visitado ali naquela casa.

— As ordens imperiais devem ser promulgadas amanhã mesmo. Eles vão ter seus nomes associados à tentativa de golpe. Eu vou ser obrigado a comandar os meus subordinados em um ataque aos meus companheiros. Não vou conseguir fazer isso. Eu não posso!

E acrescentou:

— Com a troca da guarda, me deram folga esta noite para voltar para casa. Tenho certeza de que amanhã virão ordens para eu voltar ao quartel para lutar contra meus companheiros. Reiko, eu não posso fazer isso!

Reiko ouvia em silêncio, a coluna ereta, os olhos baixos. Entendera perfeitamente do que o marido estava falando — na verdade, ele estava se referindo a uma única morte. O coração do tenente já tinha chegado a uma decisão. Uma a uma, as palavras se sustentavam na ideia de morte, e como a base era escura e rígida, elas demonstravam uma força inamovível. O tenente falava de hesitação, mas em sua voz já não havia dúvida alguma.

O silêncio que se formou naquele instante era límpido como a água do degelo. Pela primeira vez ao fim de dois dias de angústia, o tenente sentiu, ali, diante do belo rosto de sua esposa, uma espécie de calma. Essa tranquilidade vinha do entendimento tácito com que ela recebera a sua decisão.

— Então — disse o tenente com firmeza, abrindo os olhos muito límpidos pela privação de sono e encarando pela primeira vez o olhar da mulher — hoje eu corto o meu ventre.

O olhar de Reiko não acusou nenhum espanto. Os seus belos olhos tinham a firmeza do som forte de um sino. Ela disse:

— Já estava preparada. Posso acompanhá-lo na decisão?

O tenente teve a impressão de ser subjugado pela força daqueles olhos. As palavras saíram ligeiras de sua boca, como se estivesse delirando de febre, e a grave declaração se manifestou com palavras informais.

— Isso! Vamos juntos. Só peço que primeiro você assista ao meu *seppuku*.

Quando ele terminou de falar, os dois sentiram um êxtase transbordante e repentino subir à tona de seus corações.

Reiko se sentia orgulhosa da magnitude da confiança que o marido depositara nela. Afinal, acontecesse o que acontecesse, o tenente não podia fracassar em seu suicídio. É por isso que ele precisava de alguém que assistisse. E ele a escolhera para essa tarefa! Isso demonstrava como confiava nela. Também demonstrava grande confiança o fato de que ele decidira morrer primeiro, sem matá-la antes, deslocando a morte dela para um momento em que não poderia mais verificar se ela se mataria realmente. Se ele não confiasse nela, com certeza teria escolhido matá-la primeiro.

Ao ouvir da boca de Reiko que ela desejava “acompanhá-lo”, com a voz imaculada, o tenente pensou com satisfação que fizera efeito todo o seu esforço em educá-la e guiá-la, desde o dia de núpcias. Aquelas palavras lhe davam mais conforto do que uma declaração espontânea de amor.

Era tamanho o êxtase dos dois que, ao trocarem olhares, puseram-se a sorrir. Reiko sentiu como se estivesse novamente em sua lua de mel.

Era como se um vasto campo de liberdade se abrisse diante deles, sem dor e sem morte.

— Aqueci a água da banheira. Você quer tomar banho?

— Sim.

— E o que quer comer?

As palavras eram tão simples, cotidianas, domésticas, que o tenente se sentiu como que presa de uma ilusão de óptica.

— Não quero comer. Aqueça um pouco de saquê.

— Sim.

Reiko se levantou e foi separar o roupão do marido para depois do banho. O tenente se interessou pela gaveta que ela abrira no processo. Aproximou-se da cômoda e deu uma espiada. Ali dentro, arrumados com cuidado, estavam

diversos pacotes, cada um com o nome de um destinatário. O tenente, preparado para a morte, sentiu, ao ver aquelas coisas, o coração se encher de uma doce emoção. Tomado de amor pela mulher, como quando ela, qual uma criança, lhe mostrava algo que comprara, ele a abraçou por trás e beijou sua nuca.

Reiko sentiu cócegas onde a barba por fazer do tenente a tocara. Essa sensação transcendia o plano das coisas mundanas; era para ela a própria realidade — e, ao pensar que em pouco tempo ela perderia tudo isso, acrescentava ao contato um novo frescor. A cada instante ganhava nova força, e cada parte do seu corpo era um novo despertar. Ela empinou os pés dentro das meias *tabi* e sentiu em suas costas as carícias do marido.

— Vou entrar no banho, tomar um pouco de saquê... enquanto isso, prepare as coisas no andar de cima... — disse o tenente no ouvido da mulher.

Ela concordou com a cabeça.

O tenente despiu-se apressado e entrou na banheira. No salão de cima, Reiko atiçava as brasas do fogareiro e aquecia o saquê. Ela ouvia ao longe o som da água do banho.

Ela levou o roupão, o cinto e a roupa de baixo do tenente até a sala de banho. Aproveitou para perguntar se a temperatura da água estava adequada. Em meio ao vapor do banho, o tenente se barbeava sentado, com as pernas cruzadas. Mesmo na névoa, podia-se ver vagamente o desenho dos músculos potentes em suas costas, cada vez que ele movia os braços.

Não seguiam um horário fixo. Reiko preparou algum petisco improvisado para acompanhar o saquê. As suas mãos não tremiam — pelo contrário, ela realizava os movimentos com mais entusiasmo e energia do que o normal. Sentia às vezes que o coração batia diferente no peito, como um relâmpago distante que às vezes corre pelo céu e em seguida desaparece. Mas, fora isso, não havia nada de diferente da rotina diária.

Enquanto se barbeava e aquecia o corpo na água do banho, o tenente sentiu se dissiparem as suas angústias e a sua exaustão, que até então pareciam não ter fim. O seu peito se encheu de animada expectativa. Ouvia ao longe a esposa ocupada com os preparativos. Então, o desejo saudável, que ele esquecera por dois dias, fez erguer a sua cabeça.

O tenente acreditava que o êxtase que sentiram ao escolher a morte era de

uma pureza imaculada. Mesmo sem compreenderem completamente a dimensão de seu gesto, sentiam que aquela alegria, inacessível às outras pessoas, estava indissolúvelmente unida a uma moralidade perfeita, sem falhas, a um senso de justiça e ao respeito pelos deuses. Quando se olharam nos olhos e ali viram a morte como algo correto e justo, foi como se estivessem envoltos em uma parede de ferro que ninguém podia romper, blindada por uma beleza ideal, por uma ideia de bem absoluto que nenhum outro humano poderia tocar. Por isso, o tenente não via nenhuma contradição ou incongruência entre o seu desejo e o seu patriotismo; pelo contrário, enxergava os dois sentimentos como unidos em um único ideal.

Diante do velho espelho lascado e embaçado, o tenente se barbeava cuidadosamente. Esse seria o rosto que teria ao morrer. O barbear precisaria estar impecável. O rosto escanhado recuperou o viço da juventude, a ponto de deixar o espelho mais claro e brilhante. Ele pensou que havia algo de muito refinado na associação entre aquele rosto radiante e saudável e a ideia da morte.

Essa seria a sua máscara mortuária! Esse rosto já não lhe pertencia totalmente — era em parte um busto de pedra, no monumento aos soldados caídos. Experimentou fechar os olhos. Tudo foi tomado pela escuridão. Ele já não era uma pessoa viva, que enxerga as coisas.

Saindo do banho, o tenente foi sentar-se ao lado do fogareiro crepitante. A sombra da barba recém-feita reluzia em suas bochechas. Ele viu que Reiko também, entre uma tarefa e outra, encontrara algum tempo para se arrumar. A sua face estava corada; seus lábios, úmidos; e não havia em seu rosto nenhuma sombra de tristeza. Ao ver aqueles sinais da força da personalidade dela, o tenente pensou que escolhera a mulher certa para ser a sua esposa.

O tenente tomou todo o saquê de sua taça e em seguida ofereceu a bebida a Reiko. Ela nunca havia provado álcool, mas levou, hesitante e obediente, o copo aos lábios.

— Venha cá — disse o tenente.

Ela se aproximou do marido, que a abraçou de lado. Ele a apertou contra si, e era como se a tristeza e a alegria se misturassem, embriagando-a fortemente. Ele olhou para o rosto da esposa. *Este será o último rosto que eu verei, esta é a última mulher que eu verei nesta vida.* Ele a contemplou como um viajante se despede de uma magnífica paisagem que sabe que nunca mais

verá. Era um rosto de uma beleza inesgotável, de formas perfeitas, sem um resquício de frieza, com lábios suaves e entreabertos. Ele a beijou sem pensar. Quando olhou de novo o rosto da esposa, viu que permanecia belo e impecável, mas dos cantos de seus olhos escorriam sem parar lágrimas reluzentes.

Passado algum tempo, o tenente disse que queria ir ao andar de cima. Ela respondeu que iria se lavar e em seguida o encontraria lá. Ele subiu sozinho para o quarto, que se encontrava aquecido por uma estufa a gás, e se esparramou no futom, formando com o corpo o ideograma 大, “grande”. Ficou ali, sem se mover, aguardando a chegada da esposa.

Uniu as mãos atrás da nuca e ficou observando o teto, que a luz do abajur iluminava fracamente. Ele estaria aguardando a morte? Ou estaria aguardando o êxtase sexual? As duas coisas se mesclavam, a ponto de ele achar que o desejo da carne era um desejo de morte. Seja como for, a sensação de violenta liberdade que tomava conta dele naquele momento era algo que nunca havia sentido até então.

Do lado de fora, ouvia-se um carro passar. Ouvia-se o som dos pneus que levantavam a neve acumulada na rua. O som das buzinas ecoava nos muros das casas vizinhas... era como se o mar da sociedade lá fora continuasse a rugir como sempre, e apenas ali, naquele quarto, houvesse uma ilha solitária de orgulho e silêncio. A pátria de que ele se orgulhava tanto, motivo de suas angústias, se espriava desordenada em torno daquela casa. Ele daria a vida por ela. No entanto, não tinha como saber se a grande nação, pela qual ele estaria disposto a destruir o próprio corpo, ao final daria a mínima atenção àquele gesto. Mas não se importava. Ele se encontrava ali no front da guerra de sua alma, em uma batalha sem glória, da qual ninguém sairia condecorado por bravura.

Ouviram-se os passos de Reiko subindo a escada. As velhas tábuas dos degraus íngremes rangiam bastante. O ranger das tábuas era um som doce aos ouvidos do tenente, que inúmeras vezes escutara aquele som enquanto esperava no quarto. Ao pensar que nunca mais ouviria aquele ruído, tentou se concentrar no som dos delicados pés da esposa, deixando que o rangido preenchesse toda a sua audição. O tempo se tornou algo irradiante, como uma joia.

Reiko vestia um *yukata* e uma cinta no estilo de Nagoya. A cinta era

vermelha, mas na escuridão parecia quase negra. O tenente, com a ajuda dela, desfez o nó da roupa, e a cinta caiu no chão. Ele tentou abraçá-la por baixo do quimono e, ao passar as mãos pela fenda abaixo das mangas, ao tocar na pele de suas axilas tépidas, sentiu como se todo o seu corpo, a começar pela ponta dos dedos, fosse incendiar de desejo.

Diante da luz quente da estufa, os dois logo se encontraram despidos.

Nenhum dos dois disse nada, mas em seus corações, em seus corpos, no peito que batia com força, expressava-se a compreensão de que aquele seria o último encontro. Era como se os ideogramas de “último encontro” se desenhasssem com tinta preta em seus corpos e preenchessem cada recanto de suas peles.

O tenente abraçou com força a esposa e a beijou. As línguas exploravam cada centímetro do interior de suas bocas, qual ferro em brasa que se forja nos sentidos por um presságio de morte e dor. Era como se a dor da morte, que eles ainda não conheciam, tivesse o efeito de aguçar suas sensações de êxtase.

— É a última vez que verei seu corpo. Deixe-me vê-lo bem.

Ele direcionou a luz do abajur para o corpo da esposa, que se encontrava deitada a seu lado. A luz fraca era suficiente para iluminar os contornos de seu corpo muito branco e firme. O tenente pensou, com certo egoísmo, que tinha sorte de não precisar testemunhar a destruição de um corpo tão belo.

Ele gravou no coração cada momento daquela noite inesquecível. Com uma mão, acariciava os cabelos da mulher; com a outra, seu lindo rosto. Beijou cada centímetro de seu corpo. Do alto de sua testa fria, passando pelas suaves sobrancelhas, os olhos que se abrigavam sob os longos cílios, o nariz de belo formato, os dentes que se entreviam reluzentes por entre os lábios carnudos, as bochechas macias e o pequeno queixo sagaz, tudo fazia prever uma serena máscara mortuária, e o tenente sugou inúmeras vezes, até se avermelhar, o belo e branco pescoço da esposa, o mesmo pescoço que ela rasgaria com a lâmina. Voltou aos lábios, que pressionou levemente, e deixou os próprios lábios balançarem como uma embarcação sobre aquela boca. Fechou os olhos, e o mundo era como o balançar de um berço.

Os lábios do tenente seguiam fiéis o movimento de seus olhos. Os seios altos e arfantes tinham mamilos como botões de flor das cerejeiras das montanhas, que se endureciam sob os lábios do marido. Os dois atraentes

braços deslizavam de uma curva dos dois lados do corpo, e iam se afinando até os pulsos, com um formato delicado; ao final dos braços, beijou os lindos dedos que no dia do casamento haviam segurado o leque. Os dedos, um a um, diante dos lábios do tenente, iam se escondendo atrás dos dedos seguintes, como que envergonhados... A curvatura natural entre o peito e o ventre dava a ver não apenas uma suavidade, como também uma força flexível, e ainda que fosse o prenúncio dos generosos quadris arredondados, possuía um rigor e uma correção anatômica sem defeitos. Na fraca luz do quarto, a brancura e a fartura do ventre e dos quadris era como uma grande jarra transbordando com leite, e a reentrância do umbigo era como um pingo de chuva que houvesse caído com força naquela superfície. Onde a escuridão se adensava aos poucos, os pelos cresciam delicados, e um perfume como o de olorosas flores em chamas subia do corpo não mais tranquilo, que se movia agora sem cessar.

Passado um tempo, Reiko não se conteve e disse:

— Mostre-me também... deixe-me ver também, pela última vez...

Em todo o tempo de casados, Reiko nunca fizera um pedido forte e urgente como aquele. O tenente compreendeu que ela se mantivera recatada e discreta até aquele instante e, deitado a seu lado, permitiu que ela vislumbasse o seu corpo nu. Ela ergueu o corpo branco e trêmulo e quis fazer para ele o que ele fizera com ela. Deslizou dois dedos sobre o rosto do tenente, que a observava em silêncio, e fechou os seus olhos com uma carícia.

Com o rosto corado até às pálpebras, tomada por uma paixão incontrolável, Reiko abraçou a cabeça tosada do tenente, sentindo a aspereza do cabelo raspado roçar seus mamilos. O nariz frio e grande do marido se enterrava em sua carne e o hálito do homem esquentava o seu peito. Soltou-o para olhar melhor o seu rosto tão viril.

As sobrancelhas sérias, os olhos entreabertos, o belo formato do nariz, os lábios firmes... as bochechas com a sombra azulada da barba refletiam a luz da lâmpada, reluzindo suavemente. Reiko beijou repetidamente o pescoço musculoso, os ombros fortes, o peito que era como dois escudos postos lado a lado, os mamilos vermelhos. Os fartos músculos do peito lançavam sombra sobre as axilas, de cujos tufos de pelos subia um odor doce e melancólico, e essa doçura era como que impregnada da sensação real da morte de um

jovem. O corpo do tenente tinha um brilho como o dos campos de trigo, revelando o contorno nítido dos músculos, que abrigavam, no abdome, um discreto umbigo. Enquanto contemplava aquela barriga cheia de viço e tônus, parcialmente encoberta por pelos abundantes, ela pensou que aquela parte daquele corpo seria, em pouco tempo, dilacerada por uma lâmina, e, tomada por uma paixão incontrolável, começou a chorar e a cobriu de muitos beijos.

Quando sentiu, ali deitado, as lágrimas da esposa molharem o seu ventre, ele sentiu a convicção de ter a coragem necessária para cometer o *seppuku* e suportar a mais cruel das dores físicas.

Não é necessário que nos detenhamos nos detalhes do que aconteceu em seguida, do êxtase que provaram juntos. O tenente se ergueu e enlaçou com os braços fortes o corpo da mulher, amolecido pela tristeza e pelas lágrimas. Juntaram a face uma na outra, enlouquecidos de paixão. O corpo de Reiko tremia. Os peitos molhados de suor se grudaram um ao outro, e os belos corpos se uniram como um só, impossível de se separar. Reiko soltou um grito. Das alturas caíam em um abismo, e no abismo, ganhando asas, recobravam as ofuscantes alturas. O tenente arfava como se carregasse o estandarte de um destacamento em longa marcha forçada... Quando chegavam ao fim de um ciclo, enchiam-se novamente de paixão... e retomavam o esforço conjunto, como se nunca se cansassem, subindo juntos a novos píncaros.

4

Passado algum tempo, o tenente afastou o corpo da esposa. Não que estivesse cansado ou satisfeito — tinha receio, no entanto, de não ter energia suficiente para rasgar o próprio ventre. Além disso, queria preservar a lembrança de um êxtase ainda doce e sublime.

Ele se afastou da mulher, e Reiko aceitou obediente o gesto, como de costume. Deitados de costas, de mãos dadas, os dois fitaram fixamente o teto na escuridão.

Os corpos não estavam mais suados, e graças à estufa eles não sentiam frio. A noite estava silenciosa; não se ouvia sequer um carro passar. O ruído dos trens e dos bondes municipais que iam e vinham da estação de Yotsuya era

um eco distante mais além do fosso do castelo. O barulho da grande ferrovia era abafado pelas árvores do bosque do Palácio de Akasaka e não chegava até onde eles estavam. Ali naquele recôndito de Tóquio, havia tamanho silêncio que ficava difícil acreditar que uma batalha violenta estava sendo travada entre duas facções do Exército Imperial. A tensão e a urgência dos tempos pareciam ali o fruto de uma ilusão.

Banhados na luz quente do quarto, os dois rememoraram o êxtase supremo. Cada momento — o sabor dos beijos incessantes, a sensação de pele contra pele, cada instante do prazer sensual. Mas das frestas das tábuas do teto mal iluminado, a morte já os espreitava. O êxtase que haviam sentido era o derradeiro prazer, que jamais voltaria àqueles corpos. Eles sabiam também que, não importava o quanto vivessem, se pouco tempo ou ainda muitos anos, era certo que aquele deleite jamais se repetiria.

Perderiam mesmo a sensação tátil dos dedos entrelaçados. Não mais veriam os veios da madeira do teto mal iluminado. Sentiam a morte se aproximando pouco a pouco. De nada adiantaria lutar contra o tempo. Deviam fortalecer seu intento e enfrentar a morte de frente.

— Então, vamos lá.

A voz do tenente era firme e decidida, mas também de uma gentileza cálida que Reiko até então nunca tinha ouvido.

Levantaram-se e deram início aos muitos preparativos.

O tenente, que até então nunca ajudara a esposa a arrumar a cama, foi bem-disposto abrir a porta de correr do armário embutido e guardou ele mesmo o futo.

Reiko desligou a estufa e guardou a lâmpada. Antes da chegada do tenente, ela havia feito uma boa faxina e, não fosse pela mesa de sândalo-rosa que ficou encostada a um canto, o aposento de oito tatames parecia estar pronto para receber uma visita importante.

— Quantas vezes eu não bebi aqui com o Kano, o Honma e o Yamaguchi...

— É... eles vieram muitas vezes aqui beber com você...

— Em pouco tempo, eu os encontrarei no reino dos mortos. Eles vão fazer troça de mim quando virem que eu te levei junto.

A caminho da escada, o tenente se virou para trás e contemplou o aposento iluminado. Lembrou-se dos rostos de seus jovens companheiros e de quantas

vezes haviam bebido saquê e contado vantagens ingênuas ali. Nunca sonhara que um dia ele rasgaria o próprio ventre naquele mesmo lugar.

No térreo, marido e esposa deslizavam de uma peça a outra, atarefados com os preparativos. Seus rostos estavam serenos. O tenente foi ao banheiro e depois se lavou. Reiko dobrou o roupão do marido e trouxe o seu uniforme e um *fundoshi* novo. Em seguida, colocou sobre a mesa o papel de caligrafia para o poema de despedida, abriu o estojo e começou a raspar o carvão no tinteiro. Ela já tinha pensado no que ia escrever.

Reiko sentiu o toque gelado da folha de ouro que envolvia o bastão de tinta. Uma nuvem de pó negro se espalhou na água do recipiente. Ela se concentrou na repetição do movimento, no som leve do carvão contra a pedra, e tentou não pensar na morte. Até o momento da morte, ela repetiria com tranquilidade uma sequência de ações prosaicas. Ainda assim, a sensação do carvão amolecendo na água e o cheiro da tinta que se espalhou no ar preencheram o aposento com uma escuridão indefinível.

O tenente saiu do quarto de banho com o uniforme impecável sobre a pele limpa. Sem nada dizer, sentou de pernas cruzadas diante da mesa e, com o pincel na mão, fitou o papel, hesitante.

Reiko pegou a sua muda de roupa e foi se lavar. Maquiou-se levemente e, quando voltou, trajando um quimono branco, viu escrito em negro, no papel sob a luz da lâmpada:

Dez mil anos de vida ao Exército Imperial! Banzai!

Tenente de Infantaria Takeyama Shinji

Isso era tudo o que o tenente havia escrito.

Reiko se sentou diante do marido e começou a escrever a sua mensagem de despedida. O tenente observou em silêncio a expressão séria e os dedos brancos que seguravam o pincel com destreza.

O tenente empunhou sua espada e Reiko prendeu a adaga à cinta branca do quimono. Depositaram as mensagens de despedida no altar aos deuses e, observado um tempo de oração em silêncio, apagaram todas as luzes do térreo. A meio caminho da escada, o tenente se virou e contemplou na escuridão a beleza da mulher em seu quimono branco, com o olhar baixo, que subia atrás dele.

Haviam trazido as mensagens de despedida, que deixaram no *tokonoma* do andar de cima. O certo teria sido tirar da parede a peça de caligrafia, mas, como a obra em exposição era de autoria de seu amigo, o tenente-general Ozeki, e os ideogramas eram “devoção e sinceridade”, decidiram deixar assim. Mesmo que um jorro de sangue sujasse o papel, o tenente acreditava que o amigo não se importaria.

O tenente sentou-se ereto de costas para a pilastra e depositou a espada diante dos joelhos.

Reiko sentou-se diante dele, a um tatame de distância. Como estava muito pálida e vestida de branco, o batom discreto que aplicara nos lábios parecia mais sensual.

Os dois se olharam nos olhos, à distância de um tatame. Ao ver a espada diante do tenente, Reiko se lembrou de sua noite de núpcias e não conseguiu conter a tristeza. O tenente, com voz embargada, disse:

— Como não terei um companheiro para me decapitar, vou enfiar a lâmina fundo. Vai ser um espetáculo difícil de assistir, mas você não pode ter medo. Toda morte é assustadora para quem a vê de perto. Mantenha-se firme. Entendeu?

— Sim — respondeu Reiko, com um movimento de cabeça.

Ao ver a brancura e graça da esposa, o tenente, à beira da morte, sentiu-se tomado por uma estranha embriaguez. O que ele ia começar naquele momento era um procedimento regular das forças armadas — algo que sua esposa nunca vira antes. Era uma morte pública, que exigia a mesma prontidão da morte em combate — aliás, era uma morte em tudo equivalente à morte em combate. O que ele estava mostrando à mulher naquele momento era o seu comportamento no campo de batalha.

Ele teve uma breve alucinação. Era como se a sua morte se manifestasse de duas maneiras simultâneas e distintas: a morte solitária das trincheiras e a morte diante da sua bela esposa. Havia um deleite difícil de explicar na combinação impossível de duas realidades. Talvez esse fosse o verdadeiro êxtase. Ter diante de si a sua bela mulher, a observar cada detalhe, cada segundo de sua morte, era como morrer acariciado pela brisa mais fragrante. Era como se algo o consolasse. Ele não saberia explicar, mas era como se, no estado psíquico em que se encontrava, ele pudesse obter um perdão que ninguém mais conseguiria. Ele teve uma visão de que a sua bela mulher,

vestida de branco como uma noiva, materializava em si a tão amada figura do Imperador, o Estado japonês e o estandarte do Exército, pelos quais ele estava disposto a dar a vida. Essas presenças o observariam para sempre, de longe ou de perto, com um olhar límpido e protetor, como o de sua mulher ali diante dele.

Reiko, por sua vez, observava o tenente como se no mundo não houvesse nada tão belo quanto o seu marido diante da morte. Ele sempre ficava muito bonito com a sua farda, tinha ombros largos, lábios firmes — e agora, frente a frente com a morte, era como se houvesse atingido o ápice da beleza.

— Certo, então lá vou eu.

Reiko fez uma profunda reverência. Não conseguia erguer o rosto. Não queria chorar e estragar a maquiagem, mas não conseguia reter as lágrimas.

Quando por fim ergueu o rosto, viu por entre as lágrimas que o marido já tirara a espada da bainha e envolvera a lâmina em uma faixa de tecido branco, deixando de fora apenas quinze ou vinte centímetros na ponta.

Ao terminar de enrolar a espada, o tenente mudou a posição em que estava, sentado sobre os calcanhares, e ficou de pernas cruzadas. Desabotoou a gola do casaco. Seus olhos já não viam mais a esposa. Um a um, desfez todos os botões dourados do uniforme. Desnudou o peito moreno e, em seguida, o ventre. Abriu a fivela do cinto e desabotoou a calça. Podia-se ver a brancura imaculada do *fundoshi*. Ele relaxou o abdome e afrouxou a roupa de baixo. Com a mão direita, pegou a espada pela parte envolta em tecido. Com a esquerda, massageou os músculos do ventre, como que para amaciá-los.

Para se certificar de que a espada estava bem afiada, o tenente abaixou um pouco o lado esquerdo da calça e deixou a lâmina deslizar levemente sobre uma parte da coxa. O sangue começou imediatamente a jorrar da ferida. Os pequenos jatos de sangue brilhavam na luz e escorriam pela sua virilha.

À primeira vista do sangue do marido, Reiko sentiu uma palpitação terrível. Olhou para o rosto dele. Ele contemplava sereno o próprio sangue. Ela sentiu um breve e ilusório alívio.

Nesse momento, o tenente lançou à esposa o olhar violento e penetrante de uma águia. Apontou a espada em direção ao ventre, ergueu um pouco o torso e apoiou o ventre contra a ponta da lâmina. A força que aplicou à espada fez os ombros do uniforme se dobrarem. A lâmina penetrou o lado

esquerdo do ventre de uma vez só. Ouviu-se de sua boca um agudo grito de ataque, que perfurou o silêncio do aposento.

A sensação não era de que ele mesmo se cortara, e sim de que uma barra pesada de ferro o tivesse golpeado com força descomunal no flanco esquerdo. Por um instante, o mundo escureceu, e ele perdeu a noção do que estava acontecendo. Os quinze a vinte centímetros de lâmina que estavam a descoberto já haviam todos se enterrado em sua carne, e o pano que a envolvia à guisa de punho se encostava em seu ventre.

Sua consciência voltou. A espada com certeza penetrara a cavidade do peritônio. Sentiu dificuldade de respirar e o coração batia acelerado. Soltou um urro. A dor não parecia vir de seu corpo, e sim de um lugar profundo e distante, como se a terra houvesse se rasgado com um jorro de lava. A dor se aproximou com uma velocidade espantosa. Ele mordeu o lábio inferior para silenciar os gemidos.

Ah, então é isso o que se sente quando se executa o seppuku, pensou. Era uma sensação de caos, como se o céu tivesse desabado sobre a sua cabeça e o mundo se soltasse de seu eixo. Antes do corte, sua vontade e sua coragem lhe pareceram firmes; agora, ele se sentia tomado por uma angústia indomável, como se sua determinação houvesse se reduzido a um fio metálico, ao qual ele precisava se agarrar com todas as forças. Olhou para baixo e viu o punho de pano branco e a própria mão empapados de sangue. O *fundoshi* também se tingira de escarlate. Pensou como era estranho que, ainda que se encontrasse imerso em um mar de violenta dor, continuasse vendo as coisas visíveis, e que as coisas que existem continuassem existindo.

No momento em que a lâmina penetrou o lado esquerdo de seu ventre, Reiko viu a cor do rosto do marido se esvaír de repente, assim como cai o pano de uma cortina. Ela teve o impulso de se aproximar dele, de ajudá-lo, mas se conteve. Ela estava ali para assistir. Ser testemunha. Eis o dever que ele lhe impusera. À distância de um tatame, Reiko podia ver com clareza o rosto do marido, que mordida o lábio inferior, tomado pela dor excruciante. A dor dele se lhe apresentava com uma nitidez inconsútil. Não estava em seu poder socorrê-lo. Viu a testa dele brilhar com o suor. Ele fechou os olhos e em seguida os reabriu, como que testando algo. Esses olhos haviam perdido o brilho de sempre e eram agora vagos como os de um animal inocente.

A dor brutal que tinha diante dos olhos não dilacerava o seu corpo, não era

uma agonia que lhe dissesse respeito — ela brilhava como o sol em pleno verão. A dor aumentava cada vez mais. Subia. O marido já era um ser de outro mundo — era como se toda a sua existência agora se resumisse àquela dor, e já fosse impossível estender a mão e tocar naquele prisioneiro enjaulado em uma cela de dor. Mas a dor não era dela. Ao pensar na dor que ele sentia, era como se entre ela e o marido houvesse se erguido uma fria e alta parede de vidro.

Desde o casamento, a existência do marido fora a sua existência; o ar que o marido respirava, a sua respiração. Agora que o mundo do marido era a dor, Reiko não encontrava, dentro daquele sofrimento, nenhuma prova de sua própria existência.

O tenente tentou, com a mão direita, rasgar o ventre horizontalmente, mas a espada se enroscou no intestino, e a elasticidade da carne começou a empurrar a lâmina para fora. Ele pegou a espada com as duas mãos e a enfiou de volta, sabendo que precisava trazê-la para o lado direito do ventre. Mas a lâmina não cortou tanto quanto ele esperava. Ele pôs toda a força que ainda tinha em sua mão direita e puxou novamente. Desta vez, a espada cortou mais dez a quinze centímetros para o centro.

A dor foi se expandindo do fundo da barriga e tomou conta de todo o abdome. Era como o repique desordenado de um sino — cada vez que ele respirava, cada vez que seu coração pulsava, a dor reverberava como mil sinos. Sua existência ia aos poucos vacilando. Já não conseguia conter os gemidos, mas, ao olhar para baixo, viu com satisfação que a espada já estava abaixo do umbigo, e recuperou um pouco de sua coragem.

O sangue aos poucos começou a jorrar aos borbotões, encharcando o tatame diante do tenente. O sangue acumulado nas dobras da calça cáqui escorria pelo chão. Uma gota de sangue saltou, alçou voo como um passarinho e foi pousar no quimono branco de Reiko.

Quando ele finalmente conseguiu trazer a espada até o lado direito do ventre, metade da lâmina já havia deslizado no sangue e na graxa para fora de sua carne. Ele foi repentinamente tomado pela náusea e soltou um grito rouco.

As contrações da náusea ataçaram novamente a dor, e os músculos do abdome, que até então haviam se mantido firmes, se abriram em uma grande boca sangrenta, expelindo suas tripas em um vômito. As tripas, como que

ignorantes da dor de seu dono, se esparramaram, saudáveis, vivazes, odiosamente alegres, por entre as coxas do tenente. Ele baixou a cabeça, levantou os ombros com em um suspiro, entreabriu os olhos e deixou cair da boca um fio de baba. Em seus ombros, o dourado das insígnias resplendia.

Havia sangue por toda parte. O tenente se encontrava com os joelhos imersos em um lago de seu próprio sangue. Apoiou uma mão no chão e deixou-se desabar. O cheiro de sangue fresco invadiu o aposento. As ânsias de vômito sacudiam os seus ombros. As entranhas como que expeliram a lâmina de seu ventre, mas a mão direita do tenente não a largou.

Nesse momento, o tenente reuniu todas as forças que tinha e, em um impulso incomparável de heroísmo, ergueu o torso novamente. A força com que se ergueu foi tanta que sua nuca se chocou contra a pilastra atrás dele, com uma pancada distintamente audível. Reiko, que até então estava se forçando a não levantar a cabeça, olhando fixamente para o fluir do sangue em seus joelhos, se espantou com o som e olhou para o marido.

O rosto do tenente não era mais o de uma pessoa viva. Os olhos haviam afundado, a pele parecia seca, e as maçãs do rosto e os lábios, antes tão belos, pareciam a lama de um pântano. Apenas a mão direita, agarrando a espada, fazia movimentos desconexos, como uma marionete, buscando acertar a lâmina na garganta. Reiko observava atentamente os últimos esforços do marido, dolorosos e vazios. A ponta da espada, suja de graxa e sangue, tentou várias vezes atingir a garganta. Mirava e errava. Não havia mais força suficiente para acertar. A ponta da lâmina se chocava contra a gola do uniforme, contra a insígnia da lapela. Com o movimento do corpo, o duro colarinho se fechava e protegia a garganta contra a lâmina.

Chegou um momento em que Reiko não suportou mais olhar para aquilo e tentou se aproximar do marido, mas não conseguiu se erguer. Arrastando-se na poça de sangue, tingindo de escarlate a metade inferior do quimono, foi para trás dele e puxou o colarinho para liberar o pescoço — mais que isso, não fez. A lâmina finalmente roçou o pescoço. Reiko teve a impressão de que ela mesma havia empurrado o marido para a frente, mas na verdade foi ele que, reunindo as últimas forças, lançou o corpo contra a ponta da espada, que atravessou o pescoço até a nuca. O sangue jorrou aos borbotões e, sob a fria luz azulada da lâmpada, o tenente finalmente parou de se mover. Da nuca, protuberava a lâmina afiada.

Reiko desceu devagar as escadas, tomando cuidado para não escorregar no sangue que encharcava as meias. O andar de cima mergulhara no silêncio total.

No andar de baixo, ela acendeu a luz, conferiu se a chama da estufa estava apagada, viu se a válvula do gás estava fechada e derramou água sobre as cinzas do fogareiro. Parou diante do grande espelho da sala menor e ergueu a barra do quimono. O sangue desenhara no tecido uma padronagem brilhante e fantástica. Sentou-se diante do espelho e começou a tremer quando sentiu nas coxas o sangue gelado do marido. Passou a se maquiar vagarosamente, com grande cuidado. Aplicou bastante vermelho nas maçãs do rosto; nos lábios, uma espessa camada de carmesim. Já não se maquiava para o marido; era uma maquiagem para o resto do mundo. O seu pincel carregava um significado formidável. Quando se levantou, viu que o tatame diante do espelho estava molhado de sangue, mas não deu importância.

Lavou-se na pia e, por último, foi até a entrada da casa. Na noite anterior, o marido trancara a porta, pensando nos preparativos da morte. Por alguns instantes, ela se deixou tomar por uma tola hesitação. *Devo ou não deixar a porta aberta?* Se a porta ficasse trancada, talvez os vizinhos demorassem mais de um dia para descobrir os seus corpos. Ela não gostava de imaginar a descoberta de seus cadáveres já putrefatos. *Sim, o melhor é deixar aberta.* Ela destrancou a porta de vidro fosco e a deslizou o suficiente para abrir uma pequena fresta. O vento do inverno entrou repentino. Lá fora, não havia sombra de gente, e entre as árvores do outro lado da rua podiam-se ver as gélidas estrelas piscando no céu.

Ela deixou a porta entreaberta e subiu as escadas. Depois de andar pela casa, as meias não estavam mais escorregadias. Ela já sentia um cheiro nauseante vindo do andar de cima.

O marido se encontrava de bruços em meio a um mar de sangue. Despontando da nuca do tenente, a espada dava a impressão de ter atravessado ainda mais o pescoço.

Reiko caminhou serena pela poça de sangue. Sentou-se ao lado do corpo do marido, que tinha o rosto enterrado no tatame, e contemplou fixamente o seu perfil. Ele tinha os olhos arregalados, como que possuído por alguma entidade. Com as mãos protegidas pela manga do quimono, ela levantou a

cabeça do marido e, com a ponta da manga direita, limpou o sangue de seus lábios, nos quais depositou um último beijo. Então, foi até o armário e pegou um cobertor branco e um cadarço de quimono. Enrolou as coxas no cobertor e as prendeu com força usando o cadarço. Isso evitaria que a barra do quimono se levantasse.

Sentou-se a uns trinta centímetros do corpo do tenente. Tirou a adaga da cintura e contemplou fixamente a lâmina brilhante. Encostou a lâmina na língua. O aço polido tinha um gosto doce.

Não teve um momento de hesitação. Pensou apenas que seria uma alegria reencontrar o marido, depois dos estertores da morte que ela presenciara à distância. Agora era a sua vez de morrer. No rosto do marido agonizante, ela vira pela primeira vez algo de incompreensível. Agora, ela teria a chance de desvendar esse enigma. Pensou que iria poder provar da dor e da doçura da grande lei moral em que o marido acreditava. Iria tocar com a própria língua o que até então só conhecera por intermédio do marido.

Reiko apontou a adaga para a garganta. Desferiu um golpe, mas a força foi insuficiente. A cabeça começou a arder e a mão, a tremer. Puxou a lâmina para o lado, sentiu um líquido morno lhe subir à boca, e diante dos seus olhos tudo ficou vermelho. Reuniu forças e empurrou a adaga mais fundo na garganta.

16 de outubro de 1960

Dojoji

Nô moderno em um ato

O interior de uma loja de quinquilharias — ou melhor, de uma loja de quinquilharias posando de galeria de arte e antiquário, com objetos do Oriente e do Ocidente. No proscênio, voltado para a esquerda, há um guarda-roupa de estilo europeu, enorme e fantasmagórico. Tão grande que parece poder engolir o mundo. A sua imensa porta apresenta em alto-relevo a figura de um sino de templo budista, e a superfície do móvel está toda decorada com ricos entalhes barrocos. Desnecessário dizer que, em presença do gigantesco armário, os outros objetos do lugar perdem a sua cor. Assim, fora o guarda-roupa, a ambientação da cena pode ser reduzida a um pano de fundo pintado, representando as outras antiguidades.

Cinco cadeiras se encontram espalhadas pelo palco. Nas cadeiras, encontram-se sentados homens e mulheres que aparentam ser ricos, escutando as palavras do dono da loja, que está em pé diante do guarda-roupa, falando. É o dia do arremate da peça, e as cinco ilustres personagens estão ali a convite.

DONO Senhoras e senhores, observem este guarda-roupa. Uma peça sem igual no Oriente ou no Ocidente, um item raro em todas as épocas! Um artigo fino, de uma qualidade que transcende o seu aspecto cotidiano e utilitário. Todas as peças de meu acervo foram criadas por artesãos que desprezavam o seu propósito vulgar, e ganham significado quando vocês, senhoras e senhores, conferem a elas um uso prático. A maioria das pessoas se contenta, no seu dia a dia, com produtos de uso geral. As pessoas, quando vão comprar móveis, compram como quem escolhe gado — já buscam desde o início algo que se ajuste às suas dimensões, algo com cujo aspecto

já se encontrem acostumadas. Vão atrás de itens de produção de massa, sejam mesas ou cadeiras, sejam televisores, sejam máquinas de lavar elétricas. Mas vocês, damas e cavalheiros, eu sei que vocês possuem um coração mais refinado, um gosto que não se satisfaz com objetos mundanos... eu sei que vocês não dão a mínima importância ao gado corriqueiro, e procuram intencionalmente o animal selvagem. As pessoas comuns não conseguem domar esses objetos ferozes; esses itens singulares precisam de uma mão como a sua, damas e cavalheiros, uma mão que seja capaz de segurar com elegância e com força o chicote da sofisticação. [*Ele gesticula em direção ao guarda-roupa.*] Eis aqui, senhoras e senhores, esse animal selvagem.

HOMEM A Tá, e é feito de quê, esse negócio?

DONO Como?

HOMEM A Quero saber de que madeira é isso daí.

DONO [*Bate na madeira.*] Só pelo som já dá para saber que se trata do mais puro, do mais autêntico... do mais puro e do mais autêntico mogno! Senhoras e senhores, desculpem-me a indiscrição, mas permitam-me que pergunte... quantas peças de roupa vocês possuem? A título de referência...

HOMEM A Eu tenho cento e cinquenta.

MULHER B Umas trezentas... acho que umas trezentas e setenta.

HOMEM C Eu nunca contei.

MULHER D Trezentas e setenta e uma.

HOMEM E Setecentas.

DONO Bem, não estou surpreso. Não me surpreendem suas respostas. Não importa que tenham setecentas, não importa que tenham mil peças! Este guarda-roupa é capaz de abocanhar todas as suas roupas! Se vocês olharem a parte interna do móvel... [*Ele dá uma espiada dentro do guarda-roupa.*] ...verão que ele é assustador de tão grande.

Não chega, assim, ao tamanho de uma quadra de tênis, claro, mas é tão grande que dá até para praticar esportes aqui dentro. Ele é totalmente revestido de espelhos. Dá para escolher o que se vai vestir, dá para se arrumar aqui dentro, tem lugar para colocar uma lâmpada elétrica... Tenham a bondade! Vejam com os próprios olhos. Venham dar uma espiada! Um de cada vez, por favor. Sem tumulto, por favor. Um de cada

vez. Façam fila.

Os cinco clientes fazem fila e espiam, um após o outro, dentro do armário.

HOMEM A [*Nem um pouco espantado. Depois de espiar:*] Sei... Tá, e de quem era esse negócio?

DONO Como?

HOMEM A Quero saber de quem era isso daí.

DONO Do acervo de bens de certa família, é tudo o que eu posso dizer. Uma família tradicional... antes da Grande Guerra, era uma das dez famílias mais poderosas de todo o Japão... mas, hoje em dia, o senhor sabe como é, há tantos casos semelhantes... coitados, estão com dificuldades... e resultou disso que...

HOMEM A Tô sabendo. Tá, entendi. [*Dirige-se até a sua cadeira.*]

MULHER B [*Espia e grita:*] Credo! Mas cabe uma cama de casal aí dentro!

DONO Exatamente, madame. Perspicaz observação.

HOMEM C [*Espia.*] Parece o jazigo da minha família no cemitério. Dá pra botar umas cem, duzentas urnas aí dentro com as cinzas dos meus antepassados.

DONO [*Faz cara de nojo.*] Ah! Que espirituoso, o senhor.

MULHER D [*Depois de espiar:*] E esta maçaneta?

DONO Maçaneta? Ah, a maçaneta. Ela permite que se tranque por dentro e por fora.

MULHER D Como assim, por dentro?

DONO [*Constrangido:*] Pois é, não sei por quê... mas ela funciona assim...

MULHER D A troco do que alguém se trancaria dentro de um armário?

DONO Pois é... por que será? [*Dá uma risadinha maliciosa.*] Algum uso há de ter... Afinal, cabe uma cama de casal aí dentro...

HOMEM E [*Espia.*] Mas nem é tão grande assim...

DONO Não é tão grande?

HOMEM E Menos do que parece.

DONO Se o senhor acha... É como dizem, cada cabeça uma sentença.

Todos voltam a se sentar em seus lugares.

DONO Então, senhoras e senhores, satisfeitos? Conseguiram examinar a peça em questão? Então, sem mais delongas, gostaria de passar ao arremate do guarda-roupa.

Quem gostaria de dar o lance inicial? Alguém?

Silêncio.

Tenham a bondade!

HOMEM A Cinquenta mil ienes.

DONO Cinquenta mil ienes!

MULHER B Cinquenta e um mil.

DONO Cinquenta e um mil!

HOMEM C Cem mil.

DONO Cem mil!

MULHER D Cento e cinquenta mil.

DONO Cento e cinquenta mil!

HOMEM E Cento e oitenta mil.

DONO Cento e oitenta mil!

UMA VOZ [*É a voz de uma mulher que se encontra à direita do palco.*] Três mil ienes.

Todos se viram na direção de onde vem a voz.

HOMEM A Três mil e quinhentos ienes.

DONO Três mil e quinhentos ienes. Espera aí! Deve haver algum engano.

Estávamos em cento e oitenta mil ienes. O último lance foi de cento e oitenta mil ienes.

HOMEM A É mesmo? Cento e oitenta mil?

DONO Isso, cento e oitenta mil.

HOMEM C Duzentos e cinquenta mil.

DONO Duzentos e cinquenta mil!

HOMEM E Trezentos mil.

DONO Trezentos mil!

MULHER B Trezentos e cinquenta mil.

MULHER D Trezentos e sessenta mil!

MULHER B Ninguém te perguntou! Quinhentos mil.

MULHER D Quinhentos e dez mil.

MULHER B Um milhão!

MULHER D Um milhão e dez mil.

MULHER B Dois milhões, mas que saco!

MULHER D Dois milhões e dez mil!

MULHER B Sua grossa! Três milhões!

MULHER D Três milhões e dez mil!

MULHER B Vaca!

UMA VOZ [*É a voz da mulher que se encontra à direita do palco.*] Três mil...
três mil ienes.

Todos se voltam para a direita do palco. Há um burburinho. Uma bela jovem se aproxima calmamente. É uma dançarina chamada Kiyoko.

DONO E a senhorita, quem é? Poderia parar com a brincadeira sem graça?
Estamos tratando de um assunto importante. Palhaçada tem limite. Quem
é você, afinal?

KIYOKO Meu nome? Eu me chamo Kiyoko. Sou dançarina.

A, C e E observam, interessados.

DONO Eu não me lembro de ter convidado nenhuma dançarina para vir aqui
hoje. Este evento é estritamente proibido a pessoas que não foram
convidadas. Você não viu o aviso na entrada, “Proibida a entrada sem
convite”?

KIYOKO O vento virou o papel com o aviso. Seja como for, eu tenho o direito
de estar aqui, com ou sem convite.

DONO Mas que atrevida! Não se preocupe, que eu não vou chamar a polícia.
Mas faça o favor de se retirar.

HOMEM A Ora, deixe a mocinha. Alguma razão há de haver para ela ter vindo.
Não seja assim tão agressivo.

DONO Mas meu senhor...

HOMEM A E aí, mocinha, por que você veio aqui hoje?

KIYOKO Eu não sou nenhuma mocinha. Sou apenas uma dançarina.

HOMEM C E o que tem de errado em ser uma dançarina?

HOMEM E É uma profissão como outras, dançarina. Dançar é um consolo para os homens, é um dom que dinheiro nenhum compra.

MULHER B E que história é essa de três mil ienes?

MULHER D Três mil e um ienes.

MULHER B Cale a boca, que inferno! [*Ela se dirige a Kiyoko com a voz melíflua de quem acaricia um gato.*] Que história é essa de três mil ienes? Conta pra gente, vai.

KIYOKO Três mil ienes... [*Ela se dirige ao proscênio.*] Três mil ienes no máximo... é o que vale esse guarda-roupa.

DONO [*Entra em pânico.*] Ei! Que absurdo! Mas o que é isso! Olha que eu chamo a polícia!

HOMEM A Cale a boca você também! Deixe ela falar!

O dono se cala.

KIYOKO Depois que eu contar a história por trás deste guarda-roupa assombroso, duvido que alguém aqui vá querer comprá-lo.

HOMEM C História?

DONO [*Apressa-se em embrulhar algumas notas de dinheiro em um papel.*] Benzinho, então, olha só, pegue isso aqui e volte para casa, está bem? Já deu.

HOMEM A Deixe a garota falar. Se você não deixar ela falar, vamos ficar com a impressão de que você também sabe a história do guarda-roupa e que está tentando nos vender gato por lebre.

KIYOKO [*Rejeita o dinheiro.*] Então eu conto. Este guarda-roupa era da família Sakurayama.

Há uma agitação entre os presentes.

A esposa do chefe da família Sakurayama tinha um jovem amante, que ela escondia dentro deste guarda-roupa. O nome do jovem amante era Yasushi. Um dia, o chefe da família, que era ciumento e medonho, ouviu um barulho vindo de dentro do armário. Não pensou duas vezes. Pegou

uma pistola e atirou no guarda-roupa. Continuou atirando até cessarem os terríveis gritos que vinham lá de dentro. Atirou até que começou a escorrer sangue por baixo da fresta da porta do guarda-roupa, ondas de sangue, derramando em silêncio. Olhem aqui. [*Aponta para a porta do armário.*] Está escondido nos entalhes da madeira, mas aqui tem um buraco de bala. Aqui tem outro buraco, ó. Aqui, também. Olhem aqui, outro. Fizeram um bom trabalho de preenchimento dos buracos. Usaram madeira da mesma cor. Lavaram todo o sangue. Lixaram a madeira de dentro. Pintaram de novo. Todo mundo conhece essa história. Deu nos jornais.

Silêncio.

E aí, ainda estão pensando em comprar esse armário tão caro? Aposto que não aceitariam nem de graça, agora que sabem. Três mil ienes é um ótimo preço. Só eu mesmo para querer pagar três mil ienes por isso.

MULHER B Credo, que nojo! Obrigada pelo aviso. Já pensou se eu pago caríssimo por essa coisa de mau agouro? Quase que eu compro! Como era seu nome mesmo? Hisako?

KIYOKO Não. Ki-yo-ko.

MULHER B Ah é, Hisako é o nome da minha filha. Muito obrigada, dona Kiyoko. Pois então, eu acho que é melhor eu voltar logo pra casa... Será que o motorista ficou esperando, como eu pedi? Então, querida... [*Ela se dá conta de que a mulher D já havia ido embora, sem se despedir.*] Ah! Mas que mal-educada! Sumiu, sem se despedir! Até na hora de ir embora quer me passar a perna! Mas que grossa! [*Enquanto fala, vai saindo pelo lado direito.*]

A, C e E dirigem-se todos a Kiyoko, estendendo-lhe seus cartões de visita.

HOMEM A Obrigado, você me poupou um belo gasto. Em retribuição, gostaria de oferecer-lhe um modesto jantar...

HOMEM C Senhorita, permita-me levá-la a um excelente restaurante francês que eu conheço...

HOMEM E Que tal se fôssemos dançar? Hein? Depois de jantar...

KIYOKO Muito obrigada pelos convites. Mas é que... agora eu preciso conversar com o dono desta loja...

HOMEM A [*Tomado de súbita decisão, tira algum dinheiro do bolso e o entrega ao dono da loja.*] Agora escute bem aqui. Você não vai fazer nada de precipitado e vai ouvir tudo o que esta garota tem a lhe dizer, está entendendo? Seja gentil! Entendeu? Nada de chamar a polícia! Estamos combinados? Posso confiar? [*Pega uma lapiseira do bolso e dirige-se a Kiyoko.*] Minha querida, se este homem for grosseiro com você, se ele inventar de chamar a polícia ou incomodar você, me avise imediatamente. Deixe eu ver esses cartões que você recebeu agora há pouco.

Kiyoko mostra-lhe os três cartões de visita.

[*Ele pega um dos cartões.*] Este aqui é o meu. Vou fazer uma marquinha aqui para você não se confundir. [*Ele faz uma marca com a lapiseira.*] Depois de falar com ele, você me telefona? Vou estar nesse número pelas próximas duas horas. [*Ele devolve o cartão a Kiyoko.*]

C e E, que foram excluídos da conversa, ficam observando, aparvalhados.

Mas não deixe de vir! Quero lhe oferecer ao menos um jantar, em retribuição pelo favor que me fez.

KIYOKO Se eu for jantar com você...

HOMEM A Sim...

KIYOKO Quando eu chegar para jantar com você, se meu rosto estiver totalmente alterado, você não vai se importar?

HOMEM A Isso é uma pegadinha? Meu anjo, eu não entendo essas piadinhas que você fica fazendo.

KIYOKO Se eu ficar desfigurada, parecendo uma demônia?

HOMEM A O quê? Ah, não tem problema. Mulher é assim mesmo, tem muitas caras. Para me assustar na minha idade, precisa acontecer coisa pior. Então, até daqui a pouco.

Sai de cena A, todo serelepe, seguido de C e E, a contragosto.

DONO Mas que pistoleira!

Kiyoko se levanta e faz menção de chamar A de volta. O dono se apressa em impedi-la.

DONO Calma, calma, vamos conversar. Me perdoe, eu estou um pouco nervoso. Você disse que é dançarina? [À parte:] Faço ideia que tipo de dançarina!

KIYOKO Eu acho melhor você ficar quieto e ouvir o que eu tenho a dizer.

DONO [Senta-se em uma das cadeiras.] Está bem, estou ouvindo. Não digo mais nada, pode falar. É só que eu estou impressionado como você pode dizer essas coisas tão desagradáveis, sendo tão jovem, com esse rosto tão gracioso, tão bonito...

KIYOKO Então. O assunto de que vim tratar com você é justamente este meu rosto tão gracioso e tão bonito.

DONO [À parte.] A que ponto chegaram as moças de hoje! É um absurdo.

KIYOKO Yasushi era meu amante.

DONO O rapaz que morreu dentro do armário?

KIYOKO Isso. Ele era meu amante. Mas ele me largou e foi ficar com a mulher do Sakurayama, que era dez anos mais velha que ele. Ele era do tipo que preferia ser amado.

DONO Minhas condolências.

KIYOKO Você prometeu que ia ficar quieto! Pode ser até que, no fim, o que o afastou de mim tenha sido o meu amor. Talvez. Ele não gostava de amor feliz, de amor tranquilo, de amor às claras. Ele gostava de amar com angústia, segredos, receios... Ah, ele era tão lindo! Cada vez que a gente saía para passear de mãos dadas, todos diziam que fazíamos um belo casal. Por onde íamos, davam-nos as boas-vindas o céu azul, os parques, os bosques, os passarinhos... O mundo nos pertencia... o céu azul, as estrelas, a noite... E, com tudo isso, ele escolheu viver dentro de um guarda-roupa.

DONO Esse armário é tão grande que periga caber aí dentro o céu e as estrelas. Deve ter lugar para a lua surgir e para a lua se pôr.

KIYOKO É... ele dormia aí dentro, acordava aí dentro, às vezes chegava mesmo a fazer as refeições aí dentro... Um quarto estranho e sem janelas, onde o vento não sopra, onde as árvores não farfalham, é como viver num

túmulo, é um quarto como um caixão. Mesmo antes de morrer, ele vivia nesse sarcófago por escolha própria. Nesse quarto de prazer e de morte, onde se misturavam o perfume da mulher e o cheiro do seu próprio corpo... ele tinha o aroma da gardênia...

DONO [*Entrando no clima.*] Soterrado não de flores, mas de uma avalanche interminável de roupas de mulher.

KIYOKO Flores de renda, flores de cetim, flores frias, flores mortas, flores de cheiro inebriante.

DONO [*À parte.*] Mas que talento! Eu também quero morrer assim.

KIYOKO Ele morreu como quis. Agora eu sei que foi como ele quis. Mas por que será? De que será que ele estava fugindo? De que será que ele queria tanto fugir que se lançou à morte?

DONO Então... difícil de saber, né...

KIYOKO Aposto que ele estava fugindo de mim.

Os dois ficam em silêncio.

Mas por que será? Justo eu, com meu rosto gracioso e tão bonito. Talvez ele fosse, ele mesmo, tão bonito, que a beleza dos outros o entediasse.

DONO Você está reclamando de barriga cheia. Quantas mulheres há no mundo que sofrem com a feiura de seu rosto, quantas outras tantas há que lamentam a juventude perdida, e você aí, que tem beleza e mocidade a esbanjar, se derramando em lamúrias mesquinhas.

KIYOKO E de que me adianta minha beleza, se aquele que eu amava fugiu de meu belo rosto, da minha juventude... se ele espezinhou e desprezou os dois únicos tesouros que eu tinha?

DONO Yasushi não é o único homem do mundo. E ele provavelmente tinha preferências anormais. Por que você não fica com um homem como eu, que tenho preferências mais saudáveis? [*Ele estica o braço na direção de Kiyoko.*]

KIYOKO [*Bate com violência na mão dele.*] Pare com isso. Se enxergo desejo no rosto de qualquer homem que não ele, sinto náusea. É como se eu tivesse visto um sapo-boi coaxando... Olhe bem para mim. Então, não vê que eu estou envelhecendo?

DONO Ora, não me faça rir. Com toda essa juventude.

KIYOKO Mas eu sou feia.

DONO Você? Feia? Se você é feia, então não tem mulher bonita no mundo.

KIYOKO Você errou. As duas respostas estão erradas. Se tivesse dito que eu sou feia e velha, talvez eu tivesse cedido meu corpo a você.

DONO E você acha que eu não entendo de psicologia feminina? Eu sei muito bem o que você quer ouvir. Agora, eu devo te responder: “Mas o que é isso, minha querida, eu jamais seria capaz de dizer que você é velha ou feia, preferiria morrer a ter de dizer tantas mentiras deslavadas!”. Não é isso que você quer que eu diga?

KIYOKO Mas quanta asneira. Ah! Me dá vontade de eu mesma pegar uma lâmina e arrancar toda a pele dessa minha cara, que só atrai homens que não me servem! Esse é o meu sonho, essa é a minha ilusão — se eu tivesse me transfigurado em um ser tão feio, tão medonho, que ninguém pudesse pôr os olhos em mim sem repulsa, talvez assim ele tivesse me amado como eu quis!

DONO Que insanos sonhos têm os jovens e os belos! Eu já estou há muito tempo imune a esse tipo de devaneio sem pé nem cabeça. A frustração, minha cara, é um tóxico. Ela põe a ordem deste mundo de pernas para o ar e destrói a nossa felicidade.

KIYOKO “Frustração”? Palavrinha desprezível. Eu não sou desse mundo, em que as pessoas sentem “frustrações”. Para que eu e ele vivêssemos nosso amor, para que esse amor durasse para todo o sempre, faltou alguma coisa. Uma engrenagem, talvez? Faltou uma engrenagem para que a máquina do nosso amor se movesse com eficiência. Mas eu encontrei essa engrenagem que faltava. A engrenagem que faltava é o meu rosto agora feio!

DONO O mundo está cheio de engrenagens faltando. Dessa sua máquina aí, eu não sei, mas o globo, esse se move todos os dias com eficiência, justamente porque lhe faltam engrenagens.

KIYOKO Mas e se meu desejo se tornasse realidade...

DONO E você acha que ele vai ressuscitar?

KIYOKO Eu acho que ele pode ressuscitar, sim!

DONO De tanto desejar coisas impossíveis, você chegou a um extremo terrível. Agora você está negando a natureza!

KIYOKO Pois não é que até um velho ridículo como você, de vez em quando,

diz alguma coisa que se aproveite? É isso mesmo! O meu verdadeiro inimigo, o inimigo do nosso amor, não foi a senhora Sakurayama! Não, não foi. Foi a natureza. Foi o meu belo rosto, foi o farfalhar das folhas dos bosques que nos acolheram, os elegantes pinheirais, o vago céu azul depois da chuva... Sim, todas as coisas do mundo, assim como elas são... esse era o verdadeiro inimigo do nosso amor... Foi por causa desse inimigo que o meu amado me deixou e foi viver em um armário. Um mundo coberto de verniz, um mundo sem janelas, um mundo em que só entrava a luz elétrica.

DONO Então é por isso que você quer tanto comprar esse guarda-roupa. Você quer reencontrar, lá dentro, o amante que morreu.

KIYOKO Exato. E eu não vou descansar enquanto ele não for meu. Vou espalhar pelos quatro cantos do mundo a história desse armário, para que ninguém mais queira comprá-lo. Ele precisa ser meu, pelo preço que eu estipulei, três mil ienes.

Nesse instante, vindo do lado esquerdo do palco, escuta-se o bater de um pequeno tambor como o do teatro nô, vozes estranhas como os gritos dos músicos de nô, outros instrumentos de percussão que lembram os sons de uma peça de nô, e instrumentos de sopro que lembram o timbre da flauta de nô. Esses sons vão se misturar ao diálogo subsequente, em que o dono e Kiyoko discutem o preço do guarda-roupa, criando um efeito rítmico semelhante ao dos atores de uma peça de nô.

DONO Mas que merda, essa fábrica do lado, de novo com essa barulheira, esses gritos, essas batidas! Às vezes o barulho começa enquanto estou atendendo algum cliente, fico furioso. Ainda vou comprar esse prédio e expulsar essa gente daqui. “É o som da produtividade”, eles dizem. Estou me lixando para a produtividade. Então eles não entendem que uma coisa só ganha valor quando já está velha? Quando deixou de ser usada? Só quando o objeto não é mais útil é que o seu verdadeiro valor se revela. Mas eles não vão entender isso nunca. Vivem uma vida inteira perseguidos pela pobreza, produzindo essas bugigangas baratas, e depois morrem, e era isso.

KIYOKO Vou repetir quantas vezes forem necessárias. Vou comprar este guarda-roupa por três mil ienes.

DONO Três milhões de ienes.

KIYOKO Não, três mil ienes.

DONO Dois milhões de ienes.

KIYOKO [*Batendo o ritmo da percussão com os pés.*] Não, três mil ienes.

DONO Um milhão de ienes.

KIYOKO Não, três mil ienes.

DONO Meio milhão de ienes.

KIYOKO Três mil ienes, três mil ienes, três mil ienes.

DONO Quatrocentos mil ienes.

KIYOKO Estou dizendo que três mil ienes. Não arredo o pé. Três mil ienes.

DONO Trezentos mil ienes.

KIYOKO Deixe de hesitação. Vamos! Dê o salto, desça até aqui. Você vai se sentir aliviado depois de pular. Vamos! Salte! Até os três mil ienes.

DONO Duzentos mil ienes.

KIYOKO Não, três mil ienes.

DONO Cem mil ienes.

KIYOKO Não, três mil ienes.

DONO Cinquenta mil ienes.

KIYOKO Não, três mil ienes! Três mil ienes! Três mil ienes!

DONO Cinquenta mil ienes. E mais que isso não tenho como baixar.

KIYOKO Três mil ienes.

DONO Cinquenta mil ienes! Cinquenta mil ienes! Cinquenta mil ienes!

KIYOKO [*Perdendo um pouco a força.*] Três mil ienes...

DONO Cinquenta mil ienes é o meu limite. Mais que isso não posso baixar.

KIYOKO De jeito nenhum?

DONO Se eu estou dizendo cinquenta mil ienes, é porque é cinquenta mil ienes.

KIYOKO [*Enfraquecendo.*] Mas eu não tenho todo esse dinheiro.

DONO Estou vendendo pelo preço que paguei. Azar o seu se não tem dinheiro.

Cessa o som da percussão.

KIYOKO Não tem jeito de você mudar de ideia?

DONO Cinquenta mil ienes e ponto-final. Cinquenta mil ienes.

KIYOKO Daí eu não tenho como comprar. O meu sonho era comprar este armário, levá-lo para o meu pequeno apartamento, onde ele ocuparia todo o espaço, e viver dentro dele, com as lembranças do meu amado, até a minha cara se transformar numa coisa tão feia que nenhum par de olhos humanos pudesse mais me olhar. Mas tudo bem! [*Ela vai andando lentamente para trás, aproximando-se do guarda-roupa.*] Não tem importância! Meus ciúmes, meu sonhos, meu sofrimento, minhas angústias podem desfigurar o meu rosto, mesmo que eu não leve este armário para casa! Pode ser aqui mesmo!

DONO Peraí, o que você pensa que está fazendo?

KIYOKO Tudo bem! Quando voltar a me ver, estarei tão medonha que você morrerá de pavor no mesmo instante. [*Ela imediatamente dá as costas ao dono e se enfia no armário. A porta do guarda-roupa se fecha com um som pavoroso.*]

DONO [*Tenta desesperado abrir o armário, mas a porta não abre.*] Porra! Ela trancou a porta por dentro. [*Bate com força na porta, repetidamente. Lá dentro, só silêncio. Não há resposta.*] Mas que vagabunda! Foi só eu me distrair um minuto e deu no que deu. Não contente com todo o prejuízo que já me causou, precisa ainda por cima inutilizar completamente o guarda-roupa, que já estava danificado! Mas que merda de sorte a minha! O que estará fazendo lá dentro? [*Aproxima o ouvido da porta.*] Que porra essa vaca está fazendo lá dentro? Mas que dia mais infame. Não se ouve nada! É como encostar o ouvido no sino de um templo. Quando o sino toca, o repique é ensurdecedor, mas quando está em repouso, as grossas paredes de ferro não emitem nenhum som. Será que a cara dela... se desfigurou em algo medonho? Não, ela estava só se aproveitando da minha delicadeza, contando histórias escabrosas para me ameaçar. [*Aproxima de novo o ouvido da porta.*] Mas que diabos está fazendo lá dentro? Estou começando a me sentir mal. Ah! Acendeu a luz do armário. Ela deve estar lá dentro, contemplando seu rosto refletido nas quatro paredes, sem dizer uma palavra. Credo, estou passando mal. Mas ela estava só ameaçando! [*Como se estivesse tendo uma premonição.*] Ela não estava falando a sério! Não é possível que ela fosse fazer mesmo uma coisa dessas!

Do lado direito do palco, surge o zelador do prédio em que Kiyoko mora.

ZELADOR O senhor por obséquio não saberia me dizer se uma moça, uma dançarina, o nome dela é Kiyoko, uma moça muito bonita, sabe, de nome Kiyoko, o senhor não saberia me dizer se ela esteve por aqui?

DONO Kiyoko? E você, quem é?

ZELADOR Eu sou o zelador do prédio onde ela mora. Ela não esteve aqui, por acaso? Porque se ela esteve...

DONO Calma aí. Fale mais devagar. Que é que tem, se ela esteve aqui?

ZELADOR É que ela tem um amigo que veio me avisar... o amigo dela, que trabalha na farmácia, sabe. Ele veio me dizer que ela roubou um frasco de ácido sulfúrico da prateleira da farmácia.

DONO *Ácido sulfúrico?*

ZELADOR Pois então. O moço da farmácia me disse que ela foi lá, pegou o vidro de ácido sulfúrico da prateleira e saiu correndo. Daí eu saí atrás dela. Fui perguntando pela rua. Daí me disseram que ela entrou aqui...

DONO *Ácido sulfúrico?* A... a... ácido? Sulfúrico?

ZELADOR É que o namorado dela, sabe? Não faz muito, mataram o namorado dela. E a Kiyoko é uma moça tão nervosa... a gente nunca sabe o que ela é capaz de fazer. Daí eu fiquei preocupado. E se ela inventar de jogar ácido na cara de alguém?

DONO O quê? [*Leva as mãos ao rosto, apavorado.*] Não, não, não é isso. O que ela quer é jogar ácido *na própria cara*.

ZELADOR Como assim?

DONO Isso mesmo que você ouviu. Na verdade, o que ela quer fazer é desfigurar o próprio rosto. Aquele rosto tão lindo! Que coisa mais horrenda! Ela quer cometer suicídio facial!

ZELADOR Mas a troco do quê, um negócio desses?

DONO Amigo, você não está vendo? [*Aponta para o armário.*] A Kiyoko está lá dentro. O guarda-roupa está trancado por dentro.

ZELADOR Mas que horror! Temos que fazer alguma coisa.

DONO Com esta porta pesada desse jeito, não tem muito o que fazer.

ZELADOR Mas alguma coisa a gente tem que fazer! [*Bate na porta.*] Kiyoko-san! Kiyoko-san!

DONO E pensar que aquele rosto tão bonito se converterá no rosto de uma demônia! Mas que dia horrível!

Os dois batem na porta ao mesmo tempo.

Kiyoko! Sai daí! Não seja inconveniente!

ZELADOR Kiyoko-san! Kiyoko-san!

Ouve-se um grito pavoroso de dentro do guarda-roupa. Os dois homens ficam muito abalados. Segue-se um silêncio terrível.

DONO *[As mãos em oração, reunindo forças para falar.]* Sai daí! Por favor! Esse guarda-roupa já não tem mais serventia! Te dou ele por três mil ienes! Três mil ienes e não se fala mais nisso! Ouviu? Só três mil ienes! Mas sai daí, criatura!

A porta finalmente se abre, com um rangido medonho. O dono e o zelador, assustados, dão um pulo para trás. Kiyoko sai de dentro do armário com um vidrinho na mão — o rosto continua o mesmo de antes.

DONO E essa cara?

ZELADOR Ah! Que alívio!

DONO Alívio uma ova. A promessa foi outra. Você é uma vigarista. Me ameaçando daquele jeito. Eu podia ter tido um AVC! Você acha que eu sou palhaço?

KIYOKO *[Sem levantar a voz.]* Eu não sou vigarista. Eu queria mesmo jogar ácido em mim.

DONO E o grito? A troco do quê, o grito?

KIYOKO É que eu acendi a luz de dentro do guarda-roupa. Vi meu rosto refletido nas quatro paredes. Vi os reflexos dos reflexos de meu rosto no espelho de trás, e esses reflexos novamente refletidos. Espelhos que refletiam espelhos, refletiam meu rosto de perfil, e mais espelhos que refletiam esses reflexos. Uma série interminável de imagens do meu rosto, repetida ao infinito... E lá dentro estava tão frio, tão frio... Fiquei esperando... para ver se entre todas aquelas minhas caras não surgia o rosto de meu amado...

DONO *[Todo arrepiado.]* Tá, e apareceu?

KIYOKO Não, não apareceu. Era só o meu rosto, até onde a terra acaba, até onde o oceano termina, até o fim do mundo, era só o meu rosto. Então, eu abri este frasco. Depois, fiquei me encarando no espelho. E de repente... eu tive uma visão de como seria o meu rosto desfigurado, repetido ao infinito, até onde a terra acaba. Eu vi então o meu rosto, como ele seria, meu rosto de demônia, uma cara medonha, carbonizada, derretida.

DONO E foi daí que você deu um grito.

KIYOKO Foi.

DONO E então você perdeu a coragem de se jogar ácido, não foi? Não foi?

KIYOKO Não, não foi isso. Eu voltei a mim e fechei o vidro. Não que eu tivesse perdido a coragem. É que naquele instante eu entendi uma coisa. Entendi que nem toda a tristeza, nem todo o ciúme, nem toda a fúria, nem toda a angústia, nem todo o sofrimento, nada disso é capaz de mudar o rosto de alguém. Eu podia mudar a minha cara como eu quisesse — ela continuaria sendo a minha cara.

DONO Pois eu não te disse? Não adianta querer lutar contra a natureza. Ela sempre ganha.

KIYOKO Mas eu não perdi. Eu me reconciliei com a natureza.

DONO É uma maneira de se iludir.

KIYOKO Eu me reconciliei, sim.

Ela deixa cair o frasco da mão. O dono corre para chutar o vidro longe.

É primavera. Só agora fui me dar conta. Por muito tempo, eu não tive as estações. Desde que meu amado se fechou neste guarda-roupa. [*Ela cheira o ar.*] É o auge da primavera. Até aqui dentro desta loja fedorenta dá para sentir o cheiro da terra, da relva, das árvores, das flores. As cerejeiras floriram. Também os pinheiros exalam seu forte e verde aroma por entre as suas flores nubladas, com a nitidez de seus galhos sem sonhos. Os passarinhos cantam.

Ouve-se o canto dos pássaros.

O canto dos pássaros atravessa como o sol estas grossas paredes como se fossem transparentes. A primavera nos ataca sem cessar, com essa

abundância de flores de cerejeira, com essa multidão de vozes de pássaros. Cada galho de cada árvore verga sob o peso da abundância, semicerrando os olhos com o prazer desse peso. E o vento. Nesse vento eu sinto o perfume que tinha o corpo do meu amado quando estava vivo. Ah, eu tinha esquecido que é primavera!

DONO Tá, e você vai comprar esse armário e me deixar em paz, ou não?

KIYOKO Você disse que me vendia por três mil ienes...

DONO Nem pensar. Era três mil ienes se você estivesse desfigurada. O meu preço continua sendo cinquenta mil ienes. Não! Agora é sessenta mil ienes.

KIYOKO Então, pode ficar.

DONO Como assim?

KIYOKO Não preciso mais dele. Arrume outro trouxa que pague uma fortuna por ele. Não precisa se preocupar, não pretendo mais atrapalhar as suas vendas.

DONO Ah, bom.

ZELADOR Vamos voltar para casa, então? Temos que avisar ao farmacêutico que você está bem... ele deve estar preocupado. E depois você tem que descansar... Não está exausta?

KIYOKO [*Pegando um cartão de visitas na mão.*] Não, eu tenho um compromisso agora.

ZELADOR Mas onde?

DONO [*Olhando o cartão de visitas.*] Ah, você vai ver aquele senhor? A essa hora?

KIYOKO Sim, vou dar uma passada lá.

DONO Ele vai fazer você de gato e sapato.

KIYOKO Tô nem aí. Pode fazer o que quiser. Ninguém mais vai me ferir.

ZELADOR A primavera é a mais cruel das estações.

DONO Ele vai inutilizar você. Vai rasgar o seu coração em farrapos. Você nunca mais será capaz de sentir nada.

KIYOKO Seja como for, aconteça o que acontecer, a minha cara não muda mais.

Kiyoko pega um batom na bolsa e passa nos lábios. Os dois homens estão

embasbacados. Sem avisar, ela sai correndo pela esquerda do palco, rápida como o vento. Cai o pano.

Onnagata

1

Masuyama tinha profunda admiração pela arte de Sanogawa Mangiku. Depois de se formar em letras, encontrou emprego como contrarregista no teatro kabuki — muito por causa do fascínio que sentia pela presença de palco do ator.

Masuyama tinha loucura por kabuki desde o ensino médio. Nessa época, Sanogawa ainda era aprendiz de *onnagata*, fazendo pequenas aparições em cena, como o espírito de uma borboleta em *A dança do leão* ou, quando muito, como a criada Chidori em *Genda deserdado*. Sua arte era então muito contida e correta; e ninguém poderia imaginar que mais tarde ele se tornaria um ator tão formidável.

Masuyama, por sua vez, já desde aquela época enxergava na pessoa de Mangiku uma beleza glacial, que ardia em cena como chamas de gelo. Nem os estúpidos da plateia nem os críticos de teatro foram capazes de perceber a dimensão de seu talento, mas desde muito jovem ele era um broto de fogo vibrando sob a neve do palco, como se a derretesse. Mais tarde, não haveria quem não tomasse para si o mérito individual de tê-lo descoberto.

Sanogawa Mangiku era um verdadeiro *onnagata*, do tipo que já quase não existe mais. Ele não conseguia fazer papéis masculinos. Sua presença era alegre, luminosa; mas tinha sempre algo de sombrio. Era como um desenho de linhas finas e delicadas. Não permitia que as suas expressões — mesmo as de força, de autoridade, de resistência, de coragem, de sabedoria, de oposição — se manifestassem sem antes passarem pelo portal da feminilidade. A capacidade de filtrar todas as emoções humanas através da expressão feminina é um dom, a marca do verdadeiro transformista — algo muito raro de se encontrar hoje. É como um timbre que só se obtém de instrumentos

fora do comum, da lavra de exímios artesãos; não é o tipo de som que se consegue produzir colocando uma surdina em um violino qualquer. Da mesma forma, a emoção expressa por Mangiku não era do tipo que se obtém pela mera imitação dos trejeitos de uma mulher.

A Princesa da Neve, por exemplo, da peça *O Pavilhão Dourado*, era um dos papéis de maior sucesso da carreira de Sanogawa. Masuyama lembrava-se de ter assistido ao espetáculo mais de dez vezes em um mês, sem que a sua embriaguez se dissipasse a cada apresentação. Essa peça oferecia, entrelaçadas, todas as características que simbolizavam a arte de Sanogawa Mangiku.

Ah! Pavilhão Dourado! Residência na serra do grande Yoshimitsu, xogum do império, grão-conselheiro do Japão! Palácio de três andares e jardim de oito vistas! Rocha-ancoradouro! Corredeiras sob as pedras! Cachoeiras de primavera! Salgueiros e cerejeiras em flor! És o brocado de seda da capital!

À atmosfera desse recitativo que inicia a ação da peça vêm se somar o cenário deslumbrante; o contraste entre as cores das cerejeiras, da cascata e do pavilhão que arde em labaredas de ouro; o efeito angustiante do rufar dos tambores que representam o escuro som da queda-d'água; a maquiagem pálida do líder dos rebeldes, o cruel e indecente Matsunaga Daizen; o portento da espada Kurikara, que ao refletir o sol nascente exhibe a imagem do temível Acala e ao refletir o poente mostra a figura de um dragão; o fascínio da luz do pôr do sol ao banhar as águas e as cerejeiras; o balé desordenado das pétalas que caem... todos os elementos do espetáculo existem em função de Yuki-hime, a Princesa da Neve, uma mulher nobre e bela. O quimono é o mesmo traje vermelho de cetim estampado de tantas outras princesas; mas no nome desta neta do grande pintor Sesshu vibra a miragem do ideograma de “neve”, *yuki*, o mesmo que se usa para escrever o nome de seu avô. Ao fundo, espraia-se uma pintura dele, uma paisagem de inverno com montanhas e rios, coberta de branco a se perder de vista. A fantástica luz da neve tinge o quimono carmim da princesa de esplendor ainda maior.

A cena de que Masuyama mais gostava era a do “rato do dedo do pé”, em que a princesa em apuros, amarrada ao tronco de uma cerejeira, se lembra de uma história que se contava de seu avô e, com a ponta do dedo do pé, desenha no chão de pétalas caídas a imagem perfeita de um ratinho, que ganha vida e sobe a roer as cordas que a atavam à árvore. Nessa cena, é claro, Sanogawa não usava os gestos habituais que os outros atores copiam das

marionetes de bunraku. As cordas que o prendiam deixavam-no ainda mais belo: a precisa postura do corpo do transformista, o movimento dos dedos, o gracioso dobrar das falanges, gestos artificiais que diante da vida cotidiana podem parecer patéticos, ganhavam uma misteriosa força no ator amarrado, contorcendo-se afetadamente como a preciosa caligrafia de um monograma, desenhando a cada momento uma nova crise sublime; e essa sucessão de crises era como o oscilar incessante de uma maleável vitalidade.

As performances de Sanogawa tinham muitos momentos mágicos. Seu lindo olhar era muito expressivo, capaz de convencer a plateia inteira, com uma sutil mudança de expressão, de que o sentimento de uma cena se transformara, seja quando ele vislumbrava o proscênio da passarela, ou a passarela do proscênio, ou ainda quando, na peça *Dojoji*, ele levantava os olhos e contemplava com determinação o grande sino. Na cena do castelo da peça *Imoseyama*, ele fazia o papel de Omiwa, que perde o amado para sua rival, a princesa Tachibana. A zombaria das damas do palácio é tanta que, torturada pelo ciúme, ela perde a razão e atravessa a passarela desvairada em sua loucura. Para provocá-la ainda mais, as damas gritam do fundo do palco: “Nossa princesa conquistou o mais belo homem dos três reinos! Tchan-tchan-tchan-tchan! Viva!”. O *yoruri* narra a ação com voz vigorosa: “Naquele momento, Omiwa olha para trás”. Mangiku voltava o olhar, e podia-se ver a sua expressão transtornada pelas suspeitas.

Sempre que assistia a essa cena, Masuyama sentia uma espécie de calafrio. Era como se uma sombra malévola passasse por sobre o palco e suas luzes, o resplendente cenário, o castelo dourado, os luxuosos quimonos e as centenas de espectadores da plateia. Essa força vinha claramente do corpo de Mangiku, mas ao mesmo tempo era uma força que transcendia o corpo do ator. De sua presença de palco, ágil e graciosa, rica em encantos femininos, elegante, delicada, Masuyama sentia brotar, nesses momentos, uma fonte de escuridão. Ele não sabia explicar essa sensação, mas era como se no fundo do poder de encantamento do *onnagata* houvesse uma perversidade sobrenatural, uma maldade sofisticada, capaz de afogar em beleza aqueles que conseguia atrair e capturar. Masuyama chegava mesmo a pensar que talvez esse mal fosse a verdadeira essência da fonte de escuridão; mas, mesmo depois de posto em palavras, o mistério continuava insolúvel.

Omiwa se volta para o palco, os cabelos revoltos pela emoção. No

proscênio, aguarda para matá-la a lâmina de Funashichi. O *jururi* entoia: “O castelo está cheio de música e da melancolia do outono”. O caminhar de Omiwa, com o quimono desarrumado, em direção à própria morte, também provocava arrepios em Masuyama. Era como se os alvos pés descalços, correndo apressadamente para a sua destruição, soubessem exatamente em que momento, em que parte do palco, ela encontraria seu destino; e expressassem, em meio ao desvario do ciúme, algum tipo de alegre expectativa pela chegada ao ponto-final. A agonia e o êxtase da cena eram como o brocado de seda que Omiwa vestia, escuro com desenhos dourados por fora e forrado com fios claros e coloridos por dentro.

2

Masuyama decidira se tornar contrarregista devido, antes de tudo, ao fascínio que sentia por Mangiku; ao mesmo tempo, ele sabia que jamais conseguiria se livrar desse fascínio sem conhecer melhor os bastidores do kabuki. Sabia de ouvir falar que o mundo do teatro era cheio de decepções, e queria poder dizer que provara do gosto verdadeiro da decepção, que mergulhara o seu corpo nesse mar de desesperança.

Mas a decepção tardava em chegar. Mangiku frustrava qualquer decepção. Por exemplo, ele levava à risca os ensinamentos do *Ayamegusa*, compêndio de máximas escrito por um ator transformista da Era Edo, em que estava estabelecido que “um *onnagata* deve manter o coração e a mente de *onnagata* mesmo no camarim; as refeições devem ser realizadas de costas para as pessoas presentes, de maneira que não o possam ver comendo”. Assim, se por falta de tempo Mangiku se via obrigado a comer uma marmita no camarim, ele dizia: “Com licença, vão me desculpar” e, virado para o canto do espelho, comia com tal delicadeza que não era possível, sequer pelo movimento das costas, saber o que ele estava fazendo.

Sendo Masuyama homem, talvez o que o tenha atraído em Mangiku fosse a sua beleza feminina. No entanto, mesmo depois de ver inúmeras vezes o ator no camarim, o fascínio não se dissipou. Desnecessário dizer que, no camarim, Mangiku tirava as suas roupas, ficava nu; nessas ocasiões, era possível notar que, ainda que possuísse um corpo delicado, não deixava por isso de ser um homem. Masuyama sentia certo desconforto quando Mangiku,

virado para o espelho, pintado de pó de arroz até os ombros, cumprimentava algum visitante com sua voz feminina. Se mesmo Masuyama, um aficionado do kabuki, sentiu-se desconfortável nas primeiras vezes em que viu o *onnagata* se despindo, o que dizer de outras pessoas que afirmam não gostar de kabuki — talvez mesmo porque não gostam que homens façam papéis femininos — quando deparam com cenas como essas?

No entanto, ao ver Mangiku despido de suas roupas de cena, com apenas uma dessas camisas de gaze que os atores usam por baixo dos quimonos para conter a transpiração, o que Masuyama sentia não era decepção, e sim alívio. A cena podia ser um pouco grotesca, mas Masuyama sabia que o corpo pelo qual tinha atração não estava ali aparente e que essa invisibilidade momentânea não podia lhe causar decepção. Mesmo despido de seu quimono de palco, Mangiku ainda estava vestido com invisíveis camadas de beleza. O corpo nu era provisório; e no interior daquele corpo, sob aquela pele, escondiam-se vestimentas tão magníficas quanto as que ele usava em cena.

Masuyama gostava quando o grande ator Sanogawa retornava ao camarim, depois de uma cena em que fizera o papel principal. Nesses momentos, Mangiku ainda trazia aceso em seu corpo o fogo da personagem, como os últimos raios de sol do entardecer, ou o brilho final da lua na manhã.

Pode-se pensar que as grandes emoções do teatro clássico — um mundo de disputas sucessórias pelo trono imperial; vidas de poetas, como a de Ono no Komachi; batalhas sangrentas, como a de Oshu; histórias da Antiguidade, como as narradas no *Zentaiheiki*; episódios tendo por cenário a refinada cultura da era Muromachi; as proezas militares descritas no *Koyogunkan*; e outras tramas de semelhantes brilho e dramaticidade — tenham alguma base na verdade histórica, mas o fato é que elas pertencem a uma esfera de sensações que transcendem épocas, são carregadas como as cores de uma gravura ukiyo-e — sentimentos grotescos e estilizados que só existem no palco, suplícios sobre-humanos, paixões descomunais, amores incendiários, êxtases medonhos, breves gritos de dor de personagens vítimas de sentimentos que nós seríamos incapazes de suportar na vida cotidiana. Era esse tipo de emoção que Masuyama via exalar do corpo de Mangiku. Espantava-o que um recipiente tão delicado não transbordasse com tanto conteúdo.

Fosse como fosse, Mangiku vivera pela duração de uma cena naquele mundo de paixões magníficas. Ele brilhara porque as emoções do palco transcendiam qualquer sentimento que as pessoas comuns da plateia pudessem ter. Talvez isso seja verdade para qualquer personagem dramático. No entanto, entre os atores contemporâneos, não há nenhum que pareça incorporar, como Mangiku o fazia, a verdade dessas emoções tão afastadas do nosso dia a dia.

A base da arte do onnagata é o seu colorido. De nada lhe adianta ser uma pessoa bonita de nascimento; se o transformista busca conscientemente controlar como se move, o colorido se lhe esvai. Igualmente inútil é se esforçar por ser gracioso; vê-se-lhe o esforço, conferindo-lhe uma cor doentia. Pode-se dizer que, pelo bem de sua arte, o onnagata precisa viver sua vida como mulher. Se no palco ele buscar com afinho reproduzir os gestos femininos, tanto mais masculinos se os verão. O mais importante é existir sempre como mulher.

[right]Trecho do *Ayamegusa*

O mais importante é existir sempre como mulher... De fato, Mangiku vivia mesmo sua vida fora do palco como mulher, falava como mulher, movia-se como mulher. A chama que ardia nele quando em cena era uma extensão da ilusão de feminilidade que ele mantinha na vida diária, como a suave transição entre a beira da praia e as ondas; se, ao contrário, ele vivesse como homem, a passagem da terra firme para o oceano seria abrupta, uma porta tristonha separando com nitidez o sonho da realidade. Era o dia a dia de ilusão que sustentava o ilusionismo do palco. Essa era, para Masuyama, a verdadeira marca do *onnagata*. O transformista é fruto de uma união ilícita entre o sonho e a realidade.

3

Mais ou menos na mesma época, morreram todos os *onnagata* mais velhos, e Mangiku passou a reinar soberano no mundo do kabuki. Seus aprendizes o serviam como criadas, e a ordem com que seguiam no palco as princesas e damas da corte que Mangiku representava era a mesma que observavam na hierarquia do camarim.

Os que afastavam a cortina com o brasão dos Sanogawa para adentrar o seu camarim se viam tomados por uma estranha sensação: não havia homens na elegante cidadela. Mesmo os outros colegas da trupe, quando entravam ali, sentiam pertencer ao sexo oposto. Se por algum motivo Masuyama precisava

ir até o camarim de Mangiku, ao passar pela cortina, mesmo antes do primeiro passo, sentia com curioso frescor e vividez a sua masculinidade.

Certa vez, Masuyama fora a serviço da companhia a um camarim de teatro de revista. O lugar tinha um odor ofensivo de mulher. As coristas andavam de um lado para outro seminuas, como bichos de zoológico, pouco se importando com o desalinho em que se encontravam. Quando ele entrou, algumas delas levantaram momentaneamente o olhar em sua direção. No entanto, diante de todas aquelas mulheres, ele não sentiu o mesmo desconforto que sentia no camarim dos *onnagata* — tampouco a sua masculinidade se manifestou com igual vividez.

Os atores da casa de Sanogawa não eram muito amistosos com Masuyama. Pelo contrário, ele sabia muito bem que falavam mal dele pelas costas. Diziam que ele era impertinente ou que se achava melhor do que os outros porque tinha diploma universitário. Às vezes, se irritavam com alguma coisa pedante que ele dissera. Naquele mundo, o conhecimento acadêmico não valia três centavos se desacompanhado do talento artístico.

Se tinha que pedir um favor a alguém quando estava de bom humor, Mangiku se inclinava para o lado, sorria e acenava com a cabeça. Nesses momentos, o seu olhar tinha um colorido tão cativante que Masuyama estaria disposto a fazer o que fosse por ele, ser a sombra de seu cachorro, de seu cavalo. Mangiku nunca se esquecia de seu status superior, e mantinha certa distância ao falar com ele, mas era claro também que o ator tinha plena consciência de seu colorido sedutor. Na mesma situação, uma mulher teria transbordado sedução não apenas pelo olhar, mas pelo corpo todo; já o colorido de um *onnagata* dura apenas um piscar de olhos, mas esse instante isolado é como um clarão de feminilidade.

— Você poderia falar com o Sakuragi-cho? — essa era a forma como Mangiku chamava seu antigo instrutor de dança e de canto, pelo nome do bairro em que vivia. — Eu não tenho coragem de falar com ele.

Acabara o primeiro número da noite, *O castelo de Hachijin*, e, como não aparecia no próximo (intitulado *Ibaragi*), Mangiku fora ao camarim tirar o quimono e a peruca que usava no papel de Hinaginu. Vestiu um *yukata* de algodão e se sentou diante do espelho, para descansar.

Masuyama fora mandado chamar e aguardava ali o final do primeiro número. Por um instante, o espelho se incendiara em tons escarlates. A

chegada de Mangiku se anunciava pelo som da seda em movimento. Três pessoas, entre aprendizes e camareiros, se aproximaram para ajudá-lo a se despir e guardar as roupas. Os que tinham de ir se foram, deixando para trás os aprendizes, que se dirigiram à peça ao lado para aquecer os pés em torno de um fogareiro. De um momento para outro, o camarim encontrou-se mergulhado em silêncio. Pelos alto-falantes do corredor ouviam-se as marteladas dos carpinteiros fazendo a mudança de cenário. Era fim de novembro — o mês em que ocorre o maior espetáculo de kabuki, com participação de todos os atores da trupe — e as janelas, tristes como as de um hospital, já se embaçavam com a neblina. Ao lado do espelho, havia um vaso carregado de crisântemos brancos. Por se chamar Mangiku, “dez mil crisântemos”, o *onnagata* tinha predileção por essa flor. Sentou-se em uma almofada alta de seda roxa e, voltado para o espelho, continuou:

— Diga ao Sakuragi-cho que...

De onde estava, próximo à parede, Masuyama podia ver a nuca de Mangiku e, refletido no espelho, o seu rosto ainda maquiado como Hinaginu. O ator não dirigia o olhar a ele, e sim ao próprio rosto no espelho. O calor do palco derretia a maquiagem branca como o sol da manhã derrete o gelo fino. Mangiku estava olhando para a personagem. Quem ele fitava no espelho era Hinaginu, filha de Mori Sanzaemon, noiva do jovem Sato Kazuenosuke, abandonada por obediência feudal, a Hinaginu que morreria pelas próprias mãos para se manter fiel a um elo nupcial “tão tênue que não se concretizara no leito”. No palco, de tanta dor e desespero, Hinaginu já perdera a vida, já não era mais deste mundo. A Hinaginu que ele via no espelho era um fantasma; e mesmo esse fantasma, ele sabia, deixava aos poucos o corpo. Os olhos dele buscavam Hinaginu; mas, à medida que se aplacava o calor das paixões da personagem, o seu rosto se evanescia. Ele se despediu dela. Ainda faltavam sete dias para o encerramento da temporada, e no dia seguinte o rosto de Hinaginu voltaria a se instalar naquela pele tão maleável.

Masuyama semicerrou os olhos. Ele gostava de testemunhar aquele desfalecer no rosto de Mangiku. Num instante, o transformista se virou para ele e, compreendendo que até aquele momento Masuyama o estivera contemplando, com a displicência do ator que está acostumado a ser o foco da atenção, retomou o assunto de antes:

— Aquele interlúdio é muito curto. Não é que eu não consiga fazer. Até dá para fazer correndo, mas fica muito desajeitado. — Mangiku se referia ao novo bailado de *jururi* que iria apresentar dali a um mês. — O que acha, Masuyama-san?

— Sim, eu também acho. É aquela parte logo depois de “os lentos entardeceres da ponte de Seto”, não?

— Isso... *aaaah os leeeentooooos entardeceeeeres...*

Enquanto batia o ritmo com as mãos delicadas, Mangiku retomou a *bocca chiusa* o trecho problemático e explicou o que queria.

— Pode deixar que eu falo com ele. Tenho certeza de que o senhor de Sakuragi-cho compreenderá.

— Você me faz esse favor? Desculpe estar a toda hora lhe pedindo coisas desagradáveis...

Masuyama se levantou, como sempre fazia quando se encerrava uma conversa de trabalho. Mangiku também se ergueu.

— Com licença, vou tomar um banho.

Masuyama se deslocou para dar passagem a Mangiku pela estreita porta do camarim. O ator inclinou levemente a cabeça e, acompanhado por um aprendiz, passou à frente. No corredor, voltou-se para Masuyama, inclinou novamente a cabeça e sorriu. O vermelho do delineador iluminava o seu olhar. *Ele sabe que eu gosto dele*, pensou Masuyama.

4

A companhia de kabuki iria ocupar o mesmo teatro nos meses de novembro, dezembro e janeiro. Muito antes do espetáculo de Ano-Novo, já começavam as especulações sobre a programação. Uma das peças do programa fora criada especialmente para a trupe por um escritor contemporâneo, cuja arrogância era incompatível com sua juventude. Impusera inúmeras exigências, e Masuyama assumiu a complexa tarefa das negociações, não apenas entre o dramaturgo e os atores, mas também com a administração do teatro, o que o mantivera muito ocupado. Ele acabara ficando com o encargo porque era “intelectual”.

Uma das condições impostas pelo escritor era a de que a concepção da peça ficasse a cargo de um diretor de teatro contemporâneo da confiança

dele. A diretoria aceitou sem contestar. Mangiku se viu obrigado a também aquiescer, mas sem muita empolgação. Foi se queixar a Masuyama.

— Posso estar enganada, mas um cavalheiro tão novinho... talvez não saiba muito de kabuki... periga inventar coisas sem pé nem cabeça...

Ele queria um diretor mais experiente, mais velho — menos encenqueiro.

A peça, escrita em japonês contemporâneo, tinha por pano de fundo a Corte Imperial da Era Heian e se baseava no *Torikaebaya*.¹ O presidente da companhia não quis confiar a assessoria da peça a ninguém da administração central e deixou Masuyama encarregado — talvez por ser mais jovem. Ainda que preocupado com o peso da responsabilidade, ele aceitou a tarefa com entusiasmo, pois o texto lhe pareceu excelente.

Em meados de dezembro, com o texto pronto e o elenco definido, certa tarde realizou-se uma reunião preliminar na sala de reuniões da diretoria. Havia sido convocados o produtor, o dramaturgo, o diretor de arte, o diretor-geral, os atores e Masuyama. A sala tinha calefação e pelas janelas entrava a opulenta luz do dia. Masuyama gostava de reuniões preliminares. Era como abrir um mapa sobre a mesa e combinar os detalhes de uma bela viagem — onde embarcariam, por onde andariam, onde parariam para almoçar, se a água era potável, quais eram as melhores vistas, se a volta seria de trem ou se teriam tempo para voltar de navio...

Kawasaki, o diretor-geral, estava atrasado. Masuyama ainda não vira nenhuma peça dirigida por ele, mas conhecia sua fama. Em apenas um ano, dirigira uma importante montagem de Ibsen e uma peça estadunidense contemporânea, recebendo, pela direção desta última, o prestigioso prêmio de certo jornal.

Tirando Kawasaki, todos os convocados estavam presentes. O diretor de arte, cuja ansiedade era notória, abriu o grande caderno que usava para anotar os pedidos da produção e batia impaciente com o lápis em uma folha em branco. Passado algum tempo, o produtor começou a falar do ausente.

— Dizem que é um gênio, mas é muito novo. Vocês, atores, vão ter que dar um apoio quando ele precisar, né...

Nesse momento, ouviu-se baterem à porta. A secretária entrou e disse que “ele” havia chegado. Kawasaki entrou, fez cara de quem se vê de repente em um lugar com muita luz e saudou os presentes com uma reverência que, se fosse uma caligrafia, seria da ordem dos garranchos. Era alto, tinha traços

fortes e másculos, e uma aparência muito nervosa. Ainda que fosse inverno, estava com uma capa de chuva sem forro e toda amassada. Tirou a capa e por baixo vestia um casaco de veludo cotelê cor de tijolo. O cabelo liso ia até o nariz, o que o obrigava a, de vez em quando, arrumá-lo para trás.

Masuyama ficou decepcionado com a primeira impressão que teve de Kawasaki. Imaginava que alguém tão genial teria uma aparência fora do comum; no entanto, aquele homem se vestia como tantos outros do universo do teatro contemporâneo.

Disseram-lhe que se sentasse à cabeceira, o que ele fez sem protestar. Foi apresentado aos atores do elenco, cumprimentou cada um deles, e em seguida passou a se dirigir apenas ao seu amigo, o autor da peça. Masuyama já tinha visto aquele tipo de atitude em outras ocasiões. Quem fez sua carreira no teatro contemporâneo convivia mais com colegas jovens, e tinha dificuldade em se adaptar ao ambiente do kabuki, em que os atores tendem a ser mais velhos e solenes.

Os atores do elenco, todos nomes consagrados, arrumaram um jeito, sem nada dizer e sem faltar com a polidez, de demonstrar o seu desprezo por Kawasaki. Masuyama olhou para Mangiku, que permaneceu calado, cortês e modesto, sem nenhuma sugestão de desprezo pelo recém-chegado. Tudo em Mangiku contribuía para que o amor e respeito que Masuyama sentia por ele fossem cada dia maiores.

Agora que estavam todos ali, o escritor apresentou a sinopse da peça. Pela primeira vez desde a infância, Mangiku teria um papel masculino. Tratava-se da história de um Grão-Conselheiro que tinha um filho e uma filha que haviam sido criados como sendo do sexo oposto. O filho (na verdade, a filha) chega até o alto posto de General da Direita, e a filha (na verdade, o filho) se torna dama de honra da Imperatriz. Depois que a troca é revelada, o homem se casa com a quarta filha do Ministro da Direita, e a mulher, com um Médio Conselheiro, e assim termina a história, com todos vivendo felizes para sempre.

O papel de Mangiku era o da filha (na verdade, o filho) e quase não contava como papel masculino, pois a parte em que a personagem se apresenta como homem só ocorre na cena final da peça; até esse momento, tudo o que ele precisava fazer era se comportar como um *onnagata* fazendo o papel de uma dama nobre do Palácio da Imperatriz. Tanto o autor como o

diretor eram da opinião de que, até o momento da revelação, nada deveria sugerir masculinidade em sua atuação.

O que conferia à peça o seu sabor especial era o aspecto satírico da profissão de *onnagata*, tratado quase que naturalmente, por assim dizer, como parte integrante do enredo. A identidade masculina da dama de honra da história tinha um paralelo na identidade masculina de Mangiku. A complexidade ia além: Mangiku, que era um homem que fazia papéis de mulher, nesta peça precisaria desdobrar sua atuação em dois níveis no palco. A situação não era a mesma de outras peças, em que por exemplo um jovem acólito se disfarça de mulher para enganar os outros personagens. Mangiku estava fascinado com o desafio.

— Mangiku-san, você pode atuar como mulher o tempo todo. Pode fazer o papel como se fosse feminino até mesmo na última cena, se quiser.

A voz de Kawasaki era clara e alegre.

— Ah, é mesmo? Assim, para mim, é mais fácil.

— Não vai ser nem um pouco fácil — disse Kawasaki, peremptório.

Quando falava com autoridade, Kawasaki ficava vermelho como uma lâmpada. Sua declaração causou mal-estar nos presentes. Sem pensar, Masuyama olhou para Mangiku. Mangiku levou a mão à boca para abafar o riso. Quando todos viram que Mangiku não estava ofendido, a tensão da sala se desfez.

— Então vamos ler o texto — disse o autor, deixando os olhos saltados, que pareciam ainda maiores por trás dos óculos de fundo de garrafa, caírem sobre o manuscrito.

5

Nos dois ou três dias seguintes, os atores começaram, cada um de acordo com os horários livres que tinha, a se reunir individualmente com o diretor para ensaiar. O elenco completo só conseguiria se reunir por alguns dias após o último espetáculo do mês. Por isso, era importante já estarem com as suas personagens bem estruturadas até lá, ou não conseguiriam aprontar a peça a tempo.

Quando os ensaios individuais começaram, ficou evidente que Kawasaki não entendia nada de kabuki — parecia um ocidental que tivesse caído de

paraquedas no teatro. Masuyama precisava estar sempre ao lado do diretor, explicando palavra por palavra o jargão do teatro tradicional. Kawasaki tornou-se bastante dependente de Masuyama. Logo depois do primeiro ensaio, Masuyama convidou Kawasaki para um drinque.

Masuyama sabia, tendo em vista a sua própria posição dentro da companhia, que em princípio não era uma boa ideia se tornar um aliado de Kawasaki. No entanto, compreendia muito bem como Kawasaki estava se sentindo. Ele era um jovem com uma visão muito clara de sua arte. Não era de espantar que o dramaturgo gostasse dele — tinha um entusiasmo sincero e jovial que aplicava a tudo o que fazia. Masuyama achava purificador aquele tipo de energia e juventude, tão raro de encontrar no teatro tradicional; e pretendia utilizar os pontos fortes de Kawasaki em benefício do kabuki.

Terminada a temporada em dezembro, dois dias depois do Natal, finalmente começaram os ensaios com todo o elenco. Pelas janelas do teatro e dos camarins se enxergavam as calçadas cheias de gente apressada com seus afazeres de fim de ano.

A sala de ensaio era de quarenta tatames.² Próximo a uma janela, havia uma velha escrivaninha, atrás da qual se encontravam Kawasaki e o chefe dos contrarregras, superior de Masuyama, cumprindo a função de assistente de palco. Masuyama ficava atrás de Kawasaki, como seu assessor. Os atores ficavam sentados contra a parede oposta e vinham ao centro do tatame quando era sua vez de aparecer em cena. Quando esqueciam alguma fala, o assistente de palco assoprava.

Seguido, havia faíscas entre Kawasaki e os atores.

— Quando você for dizer “Ah! Queria estar em Kawachi!”, levante-se e caminhe até o pilar do lado esquerdo do palco.

— Mas não dá.

Kawasaki empalideceu, visivelmente ofendido.

— Por favor, faça o que estou pedindo — disse, com um sorriso forçado.

— Mas não tem como. Eu tenho que falar como se estivesse perdido em pensamentos. Como é que eu vou parecer que estou remoendo alguma coisa caminhando de costas para a plateia?

Kawasaki, furioso, não disse mais uma palavra.

No entanto, quando era Mangiku, não havia esse tipo de conflito — se Kawasaki mandava que se sentasse, ele se sentava; se dizia que se levantasse,

ele se levantava. Obedecia às ordens do diretor como a água de um rio que flui. Masuyama sabia que Mangiku tinha especial interesse pela personagem que viveria nessa peça, mas ainda assim ficou impressionado com a sua atitude, bastante diferente da que exibia normalmente em outros ensaios.

Terminada a cena em que aparecia no primeiro ato, Mangiku voltou para o seu lugar próximo à parede. Masuyama foi chamado e precisou se ausentar por alguns minutos. Na volta, ia entrar na sala de ensaio quando se deparou com a seguinte situação.

Kawasaki olhava fixamente para os atores ensaiando no meio do aposento. Parecia que a qualquer momento iria saltar sobre a escrivanhinha. Havia mesmo se esquecido de arrumar a franja que lhe caíra sobre os olhos. Tinha os ombros tensos e irritados dentro da jaqueta de veludo cotelê. À sua direita, havia uma janela, pela qual se via um grande balão publicitário flutuando no céu claro de inverno, anunciando a liquidação de fim de ano de uma loja. Imensas nuvens se espalhavam pelo céu gelado, nítidas como se traçadas a giz. No topo de um prédio antigo, enxergava-se um pequeno santuário ao deus Inari e um pequeno *torii* vermelho-cinábrio. Mangiku estava sentado ereto em seu lugar junto à parede, impecável em seu quimono de gola cinza esverdeado. De onde estava, Masuyama não via o rosto de Mangiku de frente; mas mesmo de perfil percebia-se que o olhar do ator, suave e afetuoso, estava fixo em Kawasaki.

Masuyama teve um calafrio e não se sentiu capaz de atravessar a porta.

6

Depois do ensaio, Masuyama foi chamado ao camarim de Mangiku. Ao afastar a cortina da porta, gesto tão habitual para ele, Masuyama sentiu que a atmosfera do lugar estava diferente. Mangiku o recebeu, sorridente, sentado em uma almofada roxa. Ofereceu-lhe uns doces da Kaishindo³ que ganhara de um visitante e perguntou:

— O que achou do ensaio de hoje?

— Pois é...

Masuyama levou um susto com a pergunta. Mangiku nunca falava com ele desses assuntos.

— O que achou?

— Acho que, se continuar assim, vai dar tudo certo...

— Será? Eu fiquei com pena do Kawasaki-san. Achei que ele estava com dificuldade para levar o ensaio até o fim. O X e o A adotaram uma atitude meio arrogante... Fiquei um pouco constrangida... Você viu, né? Eu decidi que vou fazer exatamente o que o Kawasaki-san pedir. Eu é que não vou ficar dizendo aos outros atores como devem se portar... mas, talvez vendo que eu estou sendo obediente, sendo que em geral eu não me comporto assim tão bem, pode ser que, pelo exemplo, eu consiga convencer os outros a respeitar o Kawasaki-san. Acho que assim eu consigo, de certa forma, proteger o Kawasaki-san... coitado, tem se esforçado tanto nos ensaios...

Masuyama escutou as palavras de Mangiku sem esboçar nenhuma emoção. Talvez Mangiku ainda não tivesse se dado conta de que estava apaixonado — afinal, acostumara-se a representar emoções muito mais avassaladoras em cena. Ainda assim, pareceu-lhe inadequada a maneira como Mangiku expressava o seu amor; esperava uma paixão mais transparente, mais artificial, mais estética, da sua parte.

Contrário a seu hábito, Mangiku se sentou em uma posição mais informal e confortável. Sentado assim, seu maleável corpo parecia mais lânguido. O espelho refletia o vaso de marchetaria com um arranjo de crisântemos escarlates e o leve azulado da sua nuca recém-raspada.

A um dia do ensaio geral, a irritação de Kawasaki era evidente e constrangedora. Terminado o ensaio, com certo ar de alívio, Kawasaki convidou Masuyama para ir beber. Masuyama tinha um compromisso, mas combinou de encontrá-lo no bar dali a duas horas.

Era véspera de Ano-Novo, mas ainda assim o bar estava cheio. Kawasaki se encontrava no balcão bebendo. Seu rosto muito branco ficava ainda mais pálido quando bebia. Quando viu a cara desbotada de Kawasaki ao entrar, Masuyama pensou que o peso psicológico que aquele jovem estava depositando nele era grande demais. Eles pertenciam a mundos distintos, e Masuyama não estava obrigado pelas boas maneiras a servir de confidente às incertezas e hesitações do rapazinho.

Kawasaki começou a conversa, um pouco com ar de troça, acusando Masuyama de ser um “agente duplo” ou um “vira-casaca”. Masuyama riu como se não se importasse — mesmo sendo apenas cinco ou seis anos mais velho do que Kawasaki, ele tinha certo orgulho de já pertencer ao grupo dos

que “entendem do riscado”. Ainda assim, sentiu inveja da vida sem dificuldades — ou ao menos de poucas dificuldades — que Kawasaki tivera até ali. Masuyama não se deixava mais ferir pelos ataques que sofria no mundo do kabuki. Não que fosse subserviente; mas aprendera a agir como se não tivesse nenhuma relação com o que falavam dele pelas costas.

— Eu não aguento mais. Quero sumir. Depois da estreia desse negócio, não quero nunca mais ter nada a ver com isso. Nunca participei de ensaios tão desagradáveis. Foi o pior trabalho de todos os que eu fiz até agora. Estou por aqui. Nunca mais eu me meto a trabalhar em um mundo que não é o meu.

— Mas você já não sabia que ia ser assim lá no início? Você sabia que não era a mesma coisa que dirigir uma peça contemporânea... — disse Masuyama, displicente.

A resposta de Kawasaki foi inesperada:

— O mais insuportável de todos é o Mangiku-san. Tenho horror dele. Não quero nunca mais ter que trabalhar com ele!

Como quem fita um inimigo invisível, Kawasaki olhou com ódio para o teto baixo do bar, onde se acumulava um redemoinho de fumaça de cigarro.

— Nossa, você acha mesmo? Eu tinha a impressão de que ele estava indo bem nos ensaios...

— De onde você tirou essa impressão? O que é que Mangiku tem de tão bom assim? Eu até consigo aguentar os outros atores, que resmungam quando eu digo alguma coisa, fingem que não ouviram, tentam me intimidar ou sabotar os ensaios. Mas o Mangiku eu não consigo engolir. Ele está sempre me olhando com aquele sorrisinho debochado. No fundo ele discorda de tudo o que eu digo. Acha que eu não sei nada de coisa nenhuma. Faz tudo o que eu mando sem discutir. Só ele faz exatamente do jeito que eu digo para fazer. Ah, eu fico louco! É como se ele estivesse sempre dizendo: “Ah, você quer que eu faça desse jeito? Pode deixar, eu faço como você quer. Mas eu não tenho responsabilidade nenhuma sobre o resultado final”. Não tem sabotagem pior que essa. Ele é um verdadeiro mau-caráter.

Masuyama ouviu tudo aquilo espantado, mas ficou na dúvida se devia contar para ele a verdade. Não sabia nem se era uma boa ideia dizer que Mangiku simpatizava com ele. Kawasaki se vira em um mundo diferente do seu, em que as emoções e reações funcionavam de maneira diferente; e

mesmo que Masuyama tentasse explicar a verdade, Kawasaki poderia pensar que se tratava de mais um ardil de Mangiku para enganá-lo. Aquele jovem era muito inteligente e racional, mas incapaz de enxergar o espírito estetizado e obscuro que habitava as entrelinhas das peças do teatro kabuki.

Com o novo ano que se iniciava, veio a estreia da peça. Mangiku estava apaixonado. Os seus aprendizes mais espertos foram os primeiros a notar e a falar a respeito. Masuyama, que a toda hora tinha de ir ao camarim de Mangiku, também logo percebeu. No entanto, assim como a borboleta precisa de um tempo como crisálida antes de voar pelo mundo, também Mangiku precisava de um tempo fechado no casulo de seu amor. O seu camarim era esse casulo; e mesmo sendo Ano-Novo, encontrava-se no mais absoluto silêncio. Ele era normalmente quieto, mas sua quietude havia aumentado.

Certa vez, ao passar pela frente da porta aberta do camarim, Masuyama espiou pela fresta da cortina. De costas para a entrada, já vestido e maquiado, Mangiku aguardava sentado à frente do espelho a chamada para o palco. Masuyama viu de relance as mangas do quimono de um roxo antigo, parte da curva dos ombros empoados de branco que se insinuava pela gola semiaberta, o lustro negro da grande peruca. Em momentos como aquele, na solidão do camarim, Mangiku era como uma mulher que estivesse concentrada fiando — uma mulher fiando o seu amor. Fiando, distraída, para sempre.

Por intuição, Masuyama compreendeu que, para aquele transformista, o palco era o único modelo válido para uma história de amor. Ele estava sempre no palco, e era no palco que o amor gritava, soluçava, sangrava. Ele ouvia sem cessar a música que cantava o extremo das paixões, e seu hábil corpo de artista era um permanente objeto de representação desse amor teatral. Da cabeça à ponta dos pés, não havia nada naquele corpo que não fosse amor. As meias brancas que cobriam seus pés, a clara cor da túnica de baixo que se vislumbra pelas mangas do quimono, a longa nuca de cisne, tudo nele servia o amor.

Masuyama não tinha dúvida de que Mangiku se basearia nas múltiplas e grandiosas emoções do palco para cultivar o próprio amor. Qualquer outro ator tira daquilo que sente no cotidiano o alimento que, enriquecido, nutrirá a sua emoção em cena; mas Mangiku era diferente. Quando se apaixonava, eram os amores de suas heroínas, de Yukihome, de Omiwa, de Hinaginu, que

se depositavam sobre seus ombros.

Essa constatação o assustou. Compreendeu que todas as trágicas sensações por que ele, Masuyama, tanto ansiara desde a adolescência, a sensualidade que Mangiku encerrava em chamas glaciais, as emoções sublimes que ele incorporava em cena, todas essas paixões agora deixavam o palco e se nutriam da vida real do ator. O objeto desse amor, no entanto, era um reles diretor de teatro contemporâneo, que — ainda que talentoso em seu domínio — não entendia nada de kabuki, e cujo único atrativo era a sua condição de estrangeiro naquela terra, um jovem viajante que, além disso, logo partiria dali para nunca mais voltar.

7

A montagem do *Torikaebaya* foi bem recebida pelo público. Kawasaki, que havia jurado nunca mais pôr os pés no teatro, desde a estreia vinha todos os dias assistir à peça, criticar as atuações, andar sem rumo pelos bastidores e pelo fosso do palco, mexer com curiosidade no alçapão da passarela e se intrometer em tudo como uma criança malcriada.

No dia em que um crítico de teatro escreveu uma resenha elogiando a atuação de Mangiku, Masuyama fez questão de mostrar o jornal a Kawasaki, que não se deu por vencido e, ostentando um beijo infantil, disse como quem vomita:

— Ah, eles são todos bons atores. O que a montagem não tem é *direção*!

Masuyama não transmitiu os xingamentos a Mangiku, e Kawasaki, quando na presença do ator, ficava de repente bem mansinho. Mangiku, por sua vez, era incapaz de compreender as emoções dos outros, e acreditava piamente que Kawasaki sabia do seu afeto. Kawasaki era igualmente imune à compreensão do sentimento alheio. Isso os dois tinham em comum: não faziam ideia do que os outros à sua volta pensavam.

No dia 7 de janeiro, Masuyama foi chamado ao camarim de Mangiku. Diante do espelho, havia uma pequena oferenda, típica do Ano-Novo, de dois *mochi* e uma laranja-azeda, e um patuá do santuário de que Mangiku era devoto. Os aprendizes comeriam o *mochi* no dia seguinte. Como estava de bom humor, Mangiku ofereceu diversos doces a Masuyama antes de comentar:

— Vi o Kawasaki-san faz pouco.

— Sim, eu também o vi lá na frente.

— Será que ele ainda está no teatro?

— Ele sempre fica até o fim da peça.

— Será que ele tem algum compromisso depois? Ele te disse alguma coisa?

— Acho que não tem, não.

— Tá, então eu tenho uma coisa a te pedir.

Masuyama se concentrou em manter a cara mais profissional que conseguia.

— Pois não.

— Hoje... depois da peça... será que ele jantaria comigo? Você pergunta pra ele? Só nós dois... tenho muitas coisas para conversar com ele...

— Pode deixar.

— Ah, muito obrigada! Desculpe te pedir uma coisa dessas...

— Imagine, não tem de quê.

Nesse momento, Masuyama viu que estava sendo observado atentamente por Mangiku. Era como se estivesse se divertindo, aguardando que Masuyama esboçasse alguma emoção. Levantou-se e disse:

— Certo, então vou tentar encontrá-lo e transmitir as suas palavras.

No corredor de entrada, chocou-se com Kawasaki, que vinha na direção contrária. O encontro, em meio à confusão do intervalo, pareceu-lhe uma estranha coincidência. As roupas tristonhas de Kawasaki destoavam da colorida animação do corredor. A sua habitual arrogância ficava ainda mais cômica em contraste com a alegria generalizada dos cidadãos de bem que estavam ali pelo simples prazer de assistir a uma peça.

Masuyama levou Kawasaki a um canto e transmitiu-lhe o recado de Mangiku.

— Mas o que ele quer a essa altura? Jantar? Eu, hein. Bom, hoje não tenho nada para fazer, então tudo bem.

— Deve ser alguma coisa sobre o espetáculo.

— Sobre o espetáculo? Mas que droga, não aguento mais falar sobre isso.

Nesse instante, nasceu na mente de Masuyama o desejo de fazer o mal — o sentimento mesquinho dos vilões do kabuki — e, sem saber que se comportava como uma personagem de teatro, ele disse:

— Mas é a oportunidade perfeita para você ser franco e dizer tudo o que você sempre quis dizer a ele.

— Você acha?

— Ou talvez você não tenha coragem para falar...

A insinuação de covardia feriu os brios do jovem Kawasaki.

— Então está decidido. Vou falar tudo o que eu tenho para falar. Um dia esse confronto ia ter que acontecer. Diga a ele que eu aceito o convite.

Mangiku aparecia até a última cena do espetáculo. Em geral, quando acaba a sessão, os atores se vestem correndo e voltam logo para casa; mas Mangiku não seguia esse hábito. Colocou calmamente seu manto sobre o quimono, enrolou uma echarpe de cores suaves no pescoço e ficou a esperar por Kawasaki.

Kawasaki mal cumprimentou Mangiku ao chegar e nem se preocupou em tirar as mãos dos bolsos do sobretudo. O aprendiz que sempre fazia o papel da aia de Mangiku chegou apressado e, como se fosse fazer um anúncio importante, curvou-se e declarou:

— Começou a nevar.

— Muito forte? — perguntou Mangiku, levando a manga do agasalho ao rosto.

— Não, só um pouquinho.

— Ainda assim, precisamos de um guarda-chuva para chegar até o carro.

— Sim, senhor.

Masuyama foi com eles até a saída de serviço. O porteiro havia arrumado cuidadosamente os calçados de Mangiku e Kawasaki lado a lado. O aprendiz estava do lado de fora, segurando um guarda-chuva aberto sob a neve fina.

A neve era tão rala que mal se distinguia contra o muro de concreto. Dois ou três flocos dançaram no ar e caíram sobre o degrau da soleira.

— Até mais, então — disse Mangiku, despedindo-se de Masuyama.

Podia-se vagamente distinguir seu sorriso por trás da echarpe. Ele disse ao aprendiz:

— Deixe o guarda-chuva comigo. Vá avisar o motorista que estamos esperando.

E, tomando o guarda-chuva, segurou-o sobre a cabeça de Kawasaki. Enquanto caminhavam lado a lado — Kawasaki em seu sobretudo, Mangiku em seu manto —, alguns finos flocos de neve voaram de cima do guarda-

chuva, como se saltassem.

Enquanto os via se distanciar, Masuyama sentiu como se um enorme guarda-chuva ocidental se abrisse, preto, ruidoso e molhado, em seu coração. A ilusão que se formara nele, ainda adolescente, ao ver Mangiku no palco pela primeira vez, uma ilusão mantida intacta mesmo depois de começar a trabalhar no teatro, se espatifava naquele momento como um cristal de quartzo caído de muito alto. Pensou que, finalmente, conhecera a desilusão. *Agora posso abandonar o teatro.* No entanto, junto com a desilusão, via nascer em si um novo sentimento: o ciúme. E sentiu medo por não saber para onde essa nova sensação o levaria.

As pérolas

A sra. Sasaki fazia aniversário no dia 10 de dezembro, mas, como era muito discreta, preferiu reunir apenas as amigas mais íntimas para um chá em sua residência. Estavam presentes quatro convivas: a sra. Yamamoto, a sra. Matsumura, a sra. Azuma e a sra. Kasuga. Todas tinham quarenta e três anos — a mesma idade da anfitriã.

As presentes pertenciam a uma “sociedade etária secreta” cujas participantes — a aniversariante não precisava se preocupar — jamais revelariam a não membros o número de velinhas do bolo. A sra. Sasaki não era boba de convidar gente que não fosse de sua estrita confiança.

Naquele dia, portava um anel de pérola. Hesitara em usar joias mais vistosas para uma festinha só entre amigas, por receio de que a achassem muito espalhafatosa, e acabou escolhendo esse anel porque combinava com a cor de seu vestido.

Começada a festa, a anfitriã foi dar uma última verificada no bolo e, nesse instante, a pérola do anel, que estava um pouco frouxa em seu engaste, caiu-lhe do dedo. Sua primeira reação foi pensar que o incidente era um mau presságio, mas, por medo de que as amigas descobrissem seu embaraço, empurrou a pérola para perto da bandeja do bolo e deixou para resolver depois. Em torno da bandeja, perfilavam-se os cinco pratinhos, garfinhos e guardanapos de papel. Receosa de que a vissem com um anel sem pedra, ela tirou discretamente a joia do dedo e, sem se virar, depositou-a com destreza no nicho de parede atrás dela.

Com a animação da conversa e todos os presentes pelos quais ela teve de agradecer, em pouco tempo a sra. Sasaki havia se esquecido da pérola e do anel. Pelo roteiro de sempre, chegara a hora de acender as velas e soprar. Todas se levantaram em grande alvoroço e se puseram ao redor da mesa do bolo, para ajudar na não tão simples tarefa de acender as quarenta e três

velinhas.

A sra. Sasaki, que não tinha lá muito fôlego, não conseguiu apagar todas as velas de uma vez só. As amigas não tiveram piedade e se puseram a fazer troça do apuro em que a aniversariante se encontrava.

A sra. Sasaki fez a primeira grande incisão no bolo e deixou para que cada uma das convivas cortasse a sua fatia do tamanho que quisesse, servindo-se e retornando a seu lugar. Todas queriam se servir ao mesmo tempo, causando grande confusão.

A cobertura do bolo era decorada com um arranjo de flores de chantili e muitos confeitos cor de prata. Os confeitos eram bolinhas de açúcar prateadas muito comuns em bolos de aniversário. Com a confusão na hora de servir, a toalha branca ficou coberta de açúcar, pedaços de pão de ló e bolinhas prateadas. Algumas das senhoras recolhiam os farelos da mesa e os colocavam no prato; outras levavam as migalhas diretamente à boca.

Cada uma retornou a seu assento e, em meio a risadas e conversas, todas saborearam vagarosamente suas fatias de bolo. O bolo não era uma criação da sra. Sasaki, e sim uma encomenda feita a uma elegante confeitaria, mas mesmo assim as senhoras não pouparam elogios ao doce.

A sra. Sasaki não cabia em si de alegria, mas, de repente, lembrou-se da pérola que deixara sobre a mesa e, temendo despertar suspeitas, levantou-se com a maior naturalidade que conseguiu ostentar e se aproximou da mesa em busca da joia. No lugar onde a deixara pouco tempo antes, não havia pérola nenhuma.

A sra. Sasaki era do tipo que odiava perder coisas. Mesmo correndo o risco de causar estranheza, ela se pôs a procurar a pérola imediatamente, com tamanha ansiedade que chamou a atenção das convidadas.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou uma delas.

— Não, não é nada — respondeu, sem dar detalhes.

No entanto, como a aniversariante continuou a se comportar de maneira estranha, nervosa, sem dar mostras de querer voltar a seu assento, primeiro uma, depois outra, e ao fim todas as amigas acabaram de pé em torno da mesa, esquadrinhando o chão à procura da tal pérola.

A sra. Azuma irritou-se com a situação constrangedora. *Isso lá é maneira de uma senhora respeitável se comportar? Que situação desagradável! E tudo por uma mísera pérola!* Ao fim, decidiu se sacrificar pelo bem da harmonia

convivial e, com uma risada heroica, declarou:

— Ah, eu acho que sei o que aconteceu... acho que comi a sua pérola, agora há pouco... Na hora de me servir, deixei cair na toalha uns confeitos prateados, sabe? Daí fiquei nervosa e tentei pegar todos e engolir... Bem que eu achei estranho na hora... um dos confeitos não queria descer pela garganta... Se fosse um diamante, faria de tudo para devolvê-lo... Nem que fosse uma cirurgia! Mas, sendo uma pérola, tudo o que posso fazer é pedir que me perdoe...

A confissão teve o efeito imediato de relaxar a tensão no recinto e serviu como um indulto ao mau comportamento da anfitriã. Não ocorreu a nenhuma das presentes questionar a veracidade do depoimento da sra. Azuma. A própria sra. Sasaki apanhou da toalha uma bolinha que ficara para trás, levou-a à boca e disse:

— Nossa, a textura é a mesma de uma pérola!

E assim o incidente foi lançado ao cadinho dos gracejos, derreteu-se e se fundiu às gargalhadas das senhoras.

Terminada a festinha, a sra. Azuma partiu a toda a velocidade em seu carro esporte de dois lugares, levando de carona a sra. Kasuga, que morava perto dela. Ao cabo de dois ou três minutos de corrida, a sra. Azuma disse:

— Então, confesse! Foi você quem comeu a pérola. Eu me ofereci ao carrasco para proteger você.

A sra. Azuma tinha abertura para fazer esse tipo de piada sem cabimento com sua amiga, de quem era muito íntima; mas, naquele dia, nem amizade nem intimidade impediram o mal-entendido. A sra. Kasuga, por mais que rememorasse a festa em sua cabeça, não tinha nenhuma lembrança de ter mastigado pérola alguma. Era nojenta com comida, do tipo de pessoa que não consegue mais comer depois de achar um fio de cabelo no arroz — coisa que a sra. Azuma, sua amiga de tanto tempo, sabia muito bem.

— Mas era só o que me faltava! — ela retrucou baixinho, com seu jeito medroso, encarando a outra. — Imagina se eu ia fazer uma coisa dessas.

— Você não me engana. Eu vi a cara de tacho que você fez na hora que ela disse que tinha perdido a pérola.

O incidente da pérola, que com a brava declaração da sra. Azuma todas

deram por resolvido e encerrado, parecia agora surgir como um cisto incômodo na amizade das duas. A sra. Kasuga não sabia o que fazer para provar sua inocência; e no meio de suas hesitações surgiu a alucinação de que havia uma pérola presa em seu intestino. Por um lado, era muito improvável que ela tivesse confundido uma pérola com um confeito; de outro, no entanto, não era impossível, ainda mais quando se está distraída com os risos e as conversas animadas. Ela revisitava na memória os momentos vividos na festa, e não conseguia rever o instante em que teria engolido a joia; mas, caso tivesse engolido sem prestar atenção, não era de espantar que a memória não existisse.

Em seguida, corou ao pensar que, se ela estivesse realmente dentro do seu corpo — e ainda que com seu brilho calcário nublado pelo efeito corrosivo dos sucos gástricos —, ao cabo de um ou dois dias a pérola seria expelida. Então, pensou compreender o artil da outra mulher. A sra. Azuma se dera conta da embaraçosa perspectiva de que expeliria a pérola e, fingindo querer salvar a amiga, passara a ela uma responsabilidade que desde o início era sua.

Enquanto isso, as sras. Yamamoto e Matsumura, que moravam perto uma da outra, dividiam um táxi. Mal entrou no carro, a sra. Matsumura abriu a bolsa às pressas e se pôs a retocar a maquiagem, coisa que não tivera oportunidade de fazer desde a confusão no aniversário.

Quando foi pegar o pó compacto, viu de relance algo que reluzia deslizar vagamente para o fundo da bolsa. Enfiou a mão para ver o que era, e levou um susto ao descobrir que o objeto em questão era uma pérola. No entanto, imediatamente conteve o grito de surpresa. De uns tempos para cá, andava de mal com a sra. Yamamoto, e detestaria que a outra ficasse sabendo de um achado tão questionável. Por sorte, a outra estava olhando para a rua e não percebera a surpresa em seu rosto.

Ainda sob o efeito do susto, a sra. Matsumura, em vez de tentar compreender por que a pérola estava em sua bolsa, viu-se presa de sua estreita moralidade de aluna-modelo. Ela não podia ter feito tal coisa inconscientemente. A pérola devia ter saltado de algum lugar e ido parar em sua bolsa. Ainda assim, a melhor coisa a fazer seria devolver o quanto antes a pérola à sra. Sasaki. Se ela não devolvesse, sentiria dor na consciência. Uma

pérola não é uma coisa muito cara nem muito barata, e isso contribuía para a ambiguidade moral em que se encontrava naquele momento.

Mesmo assim, não queria de jeito nenhum que a sra. Yamamoto se inteirasse dessa nova verdade sem explicação, ainda mais depois que a sra. Azuma tinha se sacrificado tão generosamente para resolver a situação de forma satisfatória. Decidida a descer logo do carro, disse que se lembrara de repente de uma visita que precisava fazer a um parente internado em um hospital que ficava justo ali por perto e desembarcou em uma rua vazia de uma zona residencial.

A sra. Yamamoto, agora sozinha no táxi, espantou-se um pouco com a súbita determinação da sra. Matsumura por conta da peça que ela lhe pregara. Pelo reflexo do vidro, ela vira muito bem quando a outra encontrara a pérola na bolsa. Um pouco antes, durante a festinha, ela fora a primeira a receber sua fatia de bolo e, ao ver um confeito prateado que caíra na toalha, recolheu-o ao seu pratinho. De volta ao seu assento, antes do retorno das demais, ela se dera conta de que o confeito era, na verdade, uma pérola. Sentiu de imediato a tentação de fazer uma maldade e, enquanto as outras se distraíam animadas com o serviço do bolo, deixou escorregar a pérola furtivamente na bolsa da sra. Matsumura, de cujo falso moralismo ela estava farta.

Ainda na calçada onde descera, a sra. Matsumura aguardava impaciente a aparição de algum táxi. Enquanto se irritava com a demora, começou a desenvolver hipóteses sobre a sua situação.

Em primeiro lugar, ela estava incomodada por, para apaziguar a sua boa consciência, ter que reacender uma celeuma que já fora dada por resolvida. Além disso, achava insuportável pensar que poderia ter seu caráter posto em dúvida devido a um incidente para o qual ela sequer tinha alguma explicação plausível.

Em segundo lugar, no entanto, concluiu que, se não fosse naquele instante levar a pérola de volta, a oportunidade de fazê-lo se perderia para sempre. Se ela esperasse até o dia seguinte para devolvê-la (e ao pensar nisso a sra. Matsumura sentiu corar a face), sua imagem ficaria maculada pela suspeita. A sra. Azuma, inclusive, já deixara subentendida essa possibilidade, quando assumiu para si o delito.

Nessa altura do raciocínio, a sra. Matsumura divisou uma solução para o

dilema que não poria em risco a sua boa reputação. Satisfeita com a sua presença de espírito, correu até uma rua mais movimentada e foi de táxi a uma famosa joalheria de Ginza especializada em pérolas. Chegando lá, mostrou ao atendente a pérola que trazia e pediu que lhe mostrasse pérolas um pouco maiores, e visivelmente de melhor qualidade, do que aquela. Escolheu uma, comprou e pegou outro táxi até a casa da sra. Sasaki.

Em sua imaginação, as coisas se passariam da seguinte maneira: ela explicaria ter encontrado a pérola que acabara de comprar em um bolso do seu *tailleur* e a entregaria à sra. Sasaki. Quando a sra. Sasaki fosse encaixá-la no seu anel, como a pérola comprada era maior do que a perdida, ela não entraria no engaste. A sra. Sasaki tentaria então devolvê-la à sra. Matsumura, que se recusaria terminantemente a recebê-la. Então a sra. Sasaki concluiria que a sra. Matsumura estava tentando proteger alguém, e que seria melhor ficar com a segunda pérola para evitar maiores complicações. Tudo indicaria, para a sra. Sasaki, que a sra. Matsumura vira uma das outras três amigas surrupiar a sua pérola, e que nessa história toda, no fundo, a única sem mácula seria ela, a sra. Matsumura. Afinal, que ladrão compraria um item melhor do que o roubado para devolver à vítima?

E assim, a sra. Matsumura imaginava, a sua reputação estaria protegida, e uma pequena extravagância financeira bastaria para poupá-la de muitas futuras dores na consciência.

Mas voltemos à sra. Kasuga. De volta à casa, encontrou-se ainda incomodada com a piadinha de mau gosto da sra. Azuma. Sabia que, se deixasse para depois, nunca mais conseguiria desfazer o mal-entendido. Para provar que não engolira a pérola, ela teria de tirar uma pérola de algum outro lugar. Se ela conseguisse, logo em seguida, uma pérola para mostrar à sra. Azuma, ela poderia se safar, ao menos, da acusação de morta de fome — ainda que outras insinuações pudessem vir à tona na sequência. Se ela deixasse a descoberta da pérola para o dia seguinte, poderia dar margem a suspeitas indizíveis, porém bastante prováveis, por parte da sra. Azuma.

Munida de inesperada coragem, a normalmente medrosa sra. Kasuga nem bem chegara em casa e já se encontrava de novo em um táxi, a caminho de uma joalheria especializada em pérolas do chique bairro de Ginza.

Chegando lá, escolheu a olho e comprou uma pérola que lhe pareceu mais ou menos do mesmo tamanho que os confeitos do bolo de aniversário e, ato contínuo, telefonou à sra. Azuma. Já em casa — explicou à amiga zombeteira —, ela encontrara a tal da pérola nas dobras do *obi* do seu quimono, imagine só, mas agora ela estava com vergonha de ir sozinha à casa da sra. Sasaki para devolvê-la, então será que a sra. Azuma não poderia ir junto com ela?

A sra. Azuma pensou consigo mesma que a história da outra não cheirava muito bem, mas, como ela gostava muito da sra. Kasuga, resolveu aquiescer ao seu pedido.

Não se passara nem uma hora desde que a sra. Matsumura viera a sua casa com uma pérola que, não servindo no engaste de seu anel, a levava a pensar exatamente o que a outra quisera que ela pensasse, quando, para seu crescente espanto, a sra. Sasaki recebeu a não menos inesperada visita da sra. Kasuga, acompanhada da sra. Azuma e trazendo uma pérola e uma explicação adicional para lhe oferecer.

A sra. Sasaki esteve por um triz de revelar às duas mais recentes visitantes a prévia devolução, mas, contendo-se, recebeu com fingida displicência a nova oferta. Imaginando que, desta vez, tratava-se da pérola certa, assim que as amigas partiram, ela correu para recolocá-la em seu lugar original; mas, desta vez, a pérola era pequena demais. Com mais desgosto do que espanto, a sra. Sasaki fitou a esfera cair do engaste e rolar no chão.

No táxi de volta, as sras. Kasuga e Azuma, que em geral conversavam animadas quando se viam, se encontraram imersas em um silêncio que expressava sua confusão mental.

A sra. Azuma, que não acreditava em comportamento inconsciente nem nada do tipo, tinha certeza de que não fora ela quem engolira a pérola. Ela inventara a história para salvar a situação e em especial para que ninguém mais notasse que a sua amiga estava agindo de forma ansiosa e suspeita. Mas depois disso a sra. Kasuga se comportara de maneira tão extravagante, fazendo questão de que ela fosse junto devolver a pérola, que a sra. Azuma começou a achar que havia algo mais profundo em jogo. *Talvez*, pensou ela,

a sra. Kasuga tivesse, no fundo, tendências cleptomaníacas que haviam vindo à tona com a sua brincadeirinha. Talvez ela tivesse, instintivamente, tocado em um ponto vulnerável da psicologia da amiga.

A sra. Kasuga, por sua vez, continuava desconfiando de que a sra. Azuma havia mesmo engolido a pérola e que a sua declaração na festa fora sincera. Se isso fosse verdade, a sra. Azuma tinha sido muito cruel ao zombar dela, ao tentar atribuir-lhe a culpa, quando toda a confusão já se resolvera. Ao ver tudo por que ela passara, gastando um monte de dinheiro, indo na casa da sra. Sasaki e fazendo papel de palhaça com toda aquela encenação de que descobrira a pérola no *obi*, depois de tudo isso, a sra. Azuma não podia ao menos admitir que fora ela quem engolira a pérola? Mas não, ela se fizera de inocente e, aos seus olhos, ela devia ter soado como a mais canastrona das comediantes, contando todas aquelas lorotas à dona da pérola.

Mas e a sra. Matsumura? Depois de impingir à sra. Sasaki a pérola que comprara, no caminho de volta à casa sentiu-se tão aliviada que resolveu revisar, um por um, os desdobramentos do incidente. Ela sabia que deixara a bolsa na cadeira quando se levantara para pegar sua fatia de bolo. Em seguida, ao comer o doce, usara o guardanapo para se limpar, e não tivera necessidade de tirar o lenço da bolsa. Não se lembrava de ter mexido mais na bolsa antes de, no caminho de volta, ter decidido retocar a maquiagem. Como será que a pérola fora parar ali, se ela não abrira a bolsa nenhuma vez na casa da sra. Sasaki?

Até então, a sra. Matsumura não atentara para o óbvio. Distraída pelo pânico de ter encontrado a pérola consigo, ela se comportara de maneira muito tola. Alguém devia ter posto de propósito essa pérola em sua bolsa. Das quatro presentes, a única que podia ter feito isso era a nojenta da sra. Yamamoto. Seus olhos faiscaram de fúria. Ela se dirigiu imediatamente à casa da sra. Yamamoto.

Ao ver a sra. Matsumura em sua porta, a sra. Yamamoto logo compreendeu do que se tratava. Também já tinha sua defesa preparada. Inesperadamente, no entanto, a sra. Matsumura já chegou acusando-a com veemência, e não lhe deu espaço de manobra para contra-argumentar.

— Foi você, não foi? — ela afirmou com determinação. — Não tinha mais

ninguém ali capaz de uma coisa dessas.

— Por que eu? Você tem provas? Para falar com toda essa convicção, é bom que tenha como provar — respondeu friamente a sra. Yamamoto.

A outra retrucou que a sra. Azuma não podia ser, já que depois se acusara de ter engolido a pérola, um gesto nobre que estaria em contradição com um comportamento tão desprezível. A sra. Kasuga, por sua vez, era uma abobada que tinha medo de tudo, e jamais teria a ousadia de fazer algo assim.

— Sobrou você — concluiu.

A sra. Yamamoto se fechou como uma concha. Sobre a mesa, brilhava a pérola que a outra depositara ali. Com toda aquela confusão, ela não tivera nem tempo de pegar a colherinha. O excelente chá inglês que ela preparara permaneceu intocado, esfriando.

— Eu não sabia que você tinha tanto ódio de mim — disse ela, levando o lenço aos olhos.

A sra. Matsumura, no entanto, não parecia disposta a se deixar enganar por lágrimas.

— Bem, você não me deixa escolha — continuou. — Vou ter que te contar uma coisa que eu não queria contar. Não vou dizer quem, mas uma das convidadas...

— Uma de duas possíveis, você quer dizer? A sra. Azuma ou a sra. Kasuga?

— Pelo menos o nome eu vou me permitir não dizer. Então, eu vi uma das convidadas abrir sua bolsa e colocar algo lá dentro. Imagine o meu espanto. Na hora levei tamanho susto que não tive nem tempo de te avisar... e, na volta, estava tão nervosa com a situação que não tive coragem de falar, também... Se a gente se desse bem, eu tomaria a liberdade de te contar, mas, como sei que você não gosta de mim, não consegui dizer nada...

— Ah, mas que atenciosa! E que destreza em jogar a culpa na sra. Azuma e na sra. Kasuga!

— Jogar a culpa? Tente entender o meu lado... Eu só não queria magoar ninguém...

— Mas eu podia me magoar, não é? Você podia ter dito alguma coisa no táxi...

— Eu ia dizer alguma coisa quando você encontrou a pérola na bolsa, mas sem mais nem menos você mandou parar o carro e saiu correndo, eu nem consegui dizer nada!

Pela primeira vez desde o início da altercação, a sra. Matsumura não soube o que retrucar.

— Por favor, entenda que eu não queria magoar ninguém.

A sra. Matsumura foi tomada de novo acesso de fúria. Se a sra. Yamamoto tinha a cara de pau de desfiar aquela mentirada toda na cara dela, respondeu, então ela devia, naquela noite mesmo, contar a sua história diante das sra. Azuma e Kasuga. A sra. Yamamoto começou a chorar baixinho e disse que a outra estava pondo por terra todo o seu cuidado para não magoar ninguém.

A sra. Matsumura até então não se deixara manipular mas, como nunca tinha visto a outra chorar, começou a ser acometida de dúvidas. Afinal, ela não tinha provas do que afirmara, e a história oferecida pela sra. Yamamoto podia ter lá o seu fundo de verdade. A recusa da outra em revelar o nome de quem ela vira colocando a pérola em sua bolsa revelava uma certa delicadeza de espírito. E, pensando bem, mesmo sendo pouco provável, não seria impossível que a medrosa sra. Kasuga cometesse um delito; pela mesma lógica, não seria de todo inimaginável que mesmo a sra. Yamamoto pudesse ser inocente. Afinal, como elas estavam brigadas, ela seria a primeira pessoa de quem a sra. Matsumura suspeitaria.

— Nós temos gênios incompatíveis — continuou a sra. Yamamoto, chorosa. — Às vezes, você tem comportamentos que eu não consigo engolir. Mas achar que eu seria capaz de te pregar uma peça tão elaborada, daí eu acho que você passou da conta. Mas eu vou perdoar você. Vou perdoar porque desde o início minhas intenções foram as melhores possíveis. E eu vou assumir essa culpa. Vou assumir porque, assim, ninguém mais sairá magoado.

Ao terminar esse discurso entrecortado, a sra. Yamamoto enfiou o rosto na mesa e desatou a chorar aos borbotões. Diante dessa cena, a sra. Matsumura se deu conta de como fora irresponsável. Mesmo com todo o ódio que tinha pela outra, o seu comportamento fora muito insensível.

Quando, após uma longa choradeira, a sra. Yamamoto finalmente ergueu o rosto da toalha, o seu olhar transmitia uma resolução tão vaga quanto pura. A sra. Matsumura, assustada, endireitou a postura. A outra passou a mão pelos cabelos desgrehados, fitou a toalha da mesa com um olhar sublime e penetrante, e falou, como quem lança um enigma:

— Nada disso deveria ter ocorrido. Quando isto sumir, tudo voltará a ser

como antes.

Ato contínuo, a sra. Yamamoto pegou com os dedos a pérola de cima da mesa, e, com um ar de sobrenatural resolução, enfiou-a na boca, levantando em seguida o seu magnífico dedo mindinho direito e trazendo aos lábios a xícara com o chá frio, que bebeu para empurrar a pérola goela abaixo. A sra. Matsumura, apavorada, não teve sequer tempo de reagir. Ela nunca tinha visto ninguém engolir uma pérola, mas o espetáculo lhe pareceu semelhante ao de alguém que toma veneno — algo final e irreversível.

O gesto era heroico e, ao mesmo tempo, emotivo. A sra. Matsumura sentiu sua raiva desaparecer. Impressionada com a inocência e pureza de coração da sra. Yamamoto, pensou que ela era como uma mulher santa. Por sua vez, ela também começou a chorar, e, tomando a outra pelas mãos, repetia por entre lágrimas: desculpe, desculpe, me perdoe. As duas choraram por algum tempo de mãos dadas, e depois fizeram juras de amizade eterna.

A sra. Sasaki, ao ouvir que as sras. Yamamoto e Matsumura, prévias inimigas, agora eram unha e carne, e que as sras. Azuma e Kasuga, de melhores amigas que haviam sido, agora não se davam mais, não entendeu nada, e pensou que o mundo está repleto de mistérios.

Não sendo mulher de muita cerimônia, a sra. Sasaki mandou um joalheiro reformar o seu anel, de forma que acomodasse as duas pérolas, a grande e a pequena, e passou a usá-lo nas mais diversas ocasiões, com a maior naturalidade.

Não demorou muito e ela já tinha esquecido por completo o incidente de seu aniversário, e quando as pessoas perguntavam quantos anos tinha, ela mentia, como de costume.

Papel-jornal

O jovem marido de Toshiko estava sempre muito ocupado. Naquela noite mesmo, só conseguiu ficar com a esposa até às dez, pois tinha outro compromisso em seguida. Deixou-a e partiu com o carro. O marido de Toshiko era ator de cinema, e ela era obrigada a aceitar que ele fosse sozinho a muitos encontros. Toshiko estava acostumada a voltar de táxi sozinha para Ushigome Haraikata, onde a aguardava o seu bebê de dois anos. Naquela noite, no entanto, decidiu ficar um pouco mais na rua antes de ir para casa. Ela detestava chegar sozinha em casa, de noite, e se deparar com o vazio hall de entrada em estilo europeu. Ainda por cima, tinha sempre a impressão de que, mesmo depois de tanto limpar, ainda dava para se enxergar a mancha de sangue.

A confusão toda só se resolvera mesmo no dia anterior. Ela nutrira no início a esperança de que o marido abriria uma exceção e de que ficaria com ela toda a noite, já que fazia algum tempo que ela não tinha descanso. No entanto, na última hora um produtor o convidou para uma partida de mahjong, e ela sabia que quando isso acontecia ele só voltava no dia seguinte.

Toshiko era pequena, delicada e muito bonita. Na escola, deram-lhe o apelido de “Terrier”. Sofria muito com ansiedade e não engordara nada depois de casada. O pai era um importante executivo em um estúdio de cinema, onde ela tivera a oportunidade de conhecer o ator que viria a ser seu marido. Era um casamento feliz. Gostava de sair e de sentir pena dos outros. Era uma alma tão delicada, tinha um corpo tão delicado, um rosto tão frágil, que às vezes lembrava a marca-d’água de um papel a contraluz.

Quando encontrou o marido na boate, ele estava narrando a história do sangue ao casal de amigos que sentara à mesma mesa. Ele ria e falava a altos brados, o que lhe causou bastante desconforto. Toshiko era a imaginação personificada. Em contraste, seu marido, sentado ali tão garboso com o seu

terno europeu, o que tinha de bonito lhe fora negado em capacidade imaginativa. Isso se devia, talvez, ao fato de que atores precisam estimular a imaginação alheia, e não desenvolver uma própria.

— Vocês não vão acreditar! Eu caí feito um patinho! — gritou ele, com uma voz que concorria em altura com a música ao vivo. — Uns dois meses atrás, contratamos uma babá nova para o nosso filho. Era uma mulher muito barriguda e estava sempre comendo. A lata do arroz ficava vazia em um instante. Uma vez perguntei da barriga, e ela respondeu que tinha distensão gástrica. Então anteontem, já era tarde, estávamos eu e a Toshiko na sala, quando vem do quarto do bebê, que fica ao lado, um grito medonho. Fomos correndo ver o que era. A babá segurava a barriga e gemia, e o bebê apavorado começou a chorar. “O que foi isso?”, eu perguntei, ao que ela respondeu: “Acho que está nascendo”. Sabe lá? Eu também fiquei apavorado. Até então, eu e a Toshiko estávamos despreocupados, achando que a barriga era só uma distensão estomacal... Acordamos a empregada, e conseguimos a muito custo transportar a babá para a sala. Ali, na claridade, eu levei mais um susto: a roupa branca da babá estava toda suja de sangue. Eu enrolei o tapete para o lado e botei um cobertor velho no chão para ela se deitar. A babá estava coberta de suor e tinha as veias das têmporas saltadas. Quando consegui chamar o obstetra, a criança já tinha nascido. A sala tinha virado o cenário de uma catástrofe sangrenta.

— Que horror, essa babá! — um amigo conseguiu inserir no monólogo.

— Ela já sabia desde o início o que ia fazer. É uma cadela. Sabia que na minha casa, por causa do bebê, ela tinha todo o aparato necessário, muitas fraldas etc., e que como eu sou ator o sistema da casa é mais liberal, sabia de tudo, planejou tudinho nos mínimos detalhes. Veio a chefe da agência de babás e fez um interrogatório, mas ela emburrou e não disse mais uma palavra. Não pediu nem desculpas! Ontem conseguimos que ela fosse internada, mas pelo que a gente entendeu o pai da criança é um vagabundo aí.

— Tá, e o que aconteceu com a criança?

— É um menino saudável. Claro, com a mãe comendo do bom e do melhor na nossa casa, nasceu gordo e forte. Por causa dela, ontem eu e a Toshiko quase tivemos um ataque de nervos.

— Pelo menos a criança sobreviveu.

— No caso dessa mulher, talvez tivesse sido melhor que não sobrevivesse.

Toshiko não conseguia acreditar que o marido estivesse contando o ocorrido para todo mundo, como quem conta uma anedota divertida qualquer. Por um instante, fechou os olhos. Mesmo de olhos fechados, não conseguia se lembrar do terrível espetáculo do parto. A única coisa daquele dia que lhe vinha à mente era a imagem do recém-nascido largado no parquê da sala, enrolado em papel-jornal. O marido não viu essa cena. Talvez o médico recém-formado, por desprezo pelas condições atípicas do nascimento dessa criança sem pai, tivesse tomado a deliberada decisão de tratá-lo como lixo. Ele se limitara a indicar, com um leve movimento de queixo, a pilha de jornal, e foi a enfermeira quem enrolou a criança no papel e o largou no chão. O gentil coração de Toshiko doera muito nessa hora. Ela esqueceu o desconforto que sentia, trouxe um pano novo de flanela, enrolou a criança no tecido e a depositou delicadamente em uma poltrona da sala.

Como não queria que o marido achasse que estava sendo muito sentimental, ela buscara reprimir aquela memória e evitara falar com ele sobre o ocorrido. Naquela noite, sorria para os amigos de seu marido com o coração imerso em angústia.

A criança envolta em jornal, largada no assoalho... O papel-jornal manchado de sangue como um embrulho de açougue... Um parto em papel-jornal... A insuportável abjeção daquela cena...

Não se dissipara ainda o ódio que sentira pela babá. Ela sentia a abjeção do recém-nascido como se fosse a sua própria abjeção — justo ela, filha de família rica, que nunca passara necessidade na vida. Toshiko pensava calada: *Ah! Aquele bebê enrolado em jornal! A única pessoa que testemunhou realmente o acontecido fui eu. A mãe não viu. O bebê também não tinha como saber. Só eu estou condenada a carregar para sempre na memória aquela cena trágica. Se um dia ele crescer e alguém lhe contar como foi que ele veio ao mundo, o que será que vai pensar? Mas ele não precisa se preocupar — se eu guardar esse segredo, ninguém nunca saberá. E eu fiz uma coisa boa. Enrolei a criança em uma flanela e a deitei na poltrona.*

Na frente da boate, o marido de Toshiko abriu a porta do táxi para que ela subisse e se limitou a dizer ao motorista o nome do bairro: “Ushigome”.

Fechou a porta e ela viu pelo vidro a fileira de dentes saudáveis da risada dele. Deu-se conta de que a vida dos dois era uma vida sem preocupações, e ao pensar isso sentiu-se afundar no banco do carro, exausta sem saber do quê. Virou-se para olhar o marido mais uma vez. Ele já ia apressado pegar o seu Nash Sedan. O tweed espalhafatoso de seu terno desapareceu na multidão. Ele odiava ficar parado na rua movimentada. O táxi partiu. Passou por um teatro cheio de gente na frente. O espetáculo acabara de terminar. As luzes já tinham sido apagadas e na semiescuridão podia-se ver que as flores de cerejeira que decoravam as árvores da entrada eram de papel picotado.

Ainda assim, aquela criança... Não conseguia parar de remoer o mesmo assunto. Mesmo que ele nunca saiba como nasceu, não vai ser um homem bom. O jornal sujo do seu parto vai ser uma metáfora para o resto de sua vida. Por que será que eu me preocupo tanto com isso? Deve ser porque estou preocupada com o futuro do meu próprio filho. E se um dia, daqui a vinte anos, o meu filho crescer e se tornar um homem bom, feliz, bem-sucedido, e, por algum capricho do destino, ele cruzar com esse menino nascido na miséria, que terá então vinte anos? Ele pode ferir o meu filho...

Era uma noite nublada e quente do início de abril, mas ainda assim, ao pensar essas coisas, Toshiko sentiu um calafrio na nuca. *Se isso acontecer, eu posso me oferecer em sacrifício no lugar do meu filho. Daqui a vinte anos, eu terei quarenta e três. Vou poder contar a ele a história do parto em papel-jornal, que eu o enrolei em um pano...*

O táxi ia na escuridão por uma larga avenida flanqueada por um parque de um lado e pelo canal que circunda o Palácio Imperial de outro. Do lado direito, ao longe, avistavam-se as luzes esparsas dos prédios de uma zona residencial. *Os próximos vinte anos desta criança nascida em abjeção serão terríveis. Sem esperança, sem dinheiro, vai crescer de qualquer jeito, viver como um rato. Tendo nascido nas circunstâncias em que nasceu, não tem alternativa. Vai amaldiçoar o pai, detestar a mãe, viver sempre só...*

Toshiko tinha certo prazer em pensar coisas lúgubres. Caso contrário, não teria imaginado a vida futura “dele” com aquela abundância de detalhes. O táxi passou por Hanzomon e se aproximou da Embaixada Britânica. Pela janela do carro, as célebres cerejeiras daquela região descortinaram-se floridas aos olhos de Toshiko. Ela teve o repentino desejo de contemplar as árvores noturnas. Pediria ao táxi que parasse, desceria, apreciaria calmamente as

floradas, e depois pegaria outro para casa. Para Toshiko, normalmente medrosa de tudo, aquilo seria uma grande aventura; mas ela sentia-se presa de suposições e angústias que a impediam de voltar direto para casa.

A bela e jovem senhora desceu sozinha do táxi e atravessou a rua. Em geral, ao atravessar a rua, ela segurava com força a mão de quem a acompanhava, atravessava com o coração na boca; mas, naquele momento, viu-se imbuída de uma estranha sensação de liberdade e foi ziguezagueando por entre os carros que passavam em alta velocidade em direção ao longo e estreito parque que contornava o canal — o famoso parque Chidorigafuchi.

O parque era povoado por cerejeiras, que naquele dia se encontravam em plena floração. Os galhos se sucediam cobertos de flores sob o céu da noite nublada e sem vento, como uma grande aglomeração de brancura congelada. As lanternas que haviam sido penduradas em fios entre as árvores estavam apagadas; mas algumas lâmpadas coloridas, vermelhas, amarelas, verdes, penduradas aqui e ali nos troncos das árvores, iluminavam fracamente o entorno.

Já passava das dez da noite, e havia pouca gente ainda fazendo o *hanami*. Ela passou por algumas pessoas que, caladas, rompiam de quando em quando o silêncio, ao pisarem nos papéis e chutarem as garrafas vazias espalhadas no chão.

Papel-jornal... papel sujo de sangue... um nascimento abjeto... Isso estragaria a vida de qualquer um, ao saber como nasceu... E eu, que não tenho nada com isso, vou ter que carregar pelo resto da vida esse grande segredo... Enquanto se perdia em pensamentos, Toshiko se esquecia de seus medos habituais.

A maioria das pessoas que ainda restavam no parque era formada por discretos casais. Ninguém ali iria zombar dela. Um casal estava sentado em um banco de pedra próximo ao canal, de costas para as flores. Observavam o canal em silêncio. O canal estava em total escuridão. Mesmo a superfície da água estava mergulhada em sombra. Na outra margem, as árvores do jardim do Palácio Imperial eram um paredão escuro e incolor contra o céu noturno coberto de nuvens. Toshiko caminhava lentamente sob as flores, por um caminho mal iluminado. As floradas acima pareciam pesar sobre a sua cabeça.

Avistou, sobre um dos bancos de pedra que se encontrava mais ao longe,

um objeto branco. Não era um monte de pétalas caídas nem uma imperfeição na pedra. Ela foi em direção ao banco. Uma sombra escura dormia no banco. Não era um bêbado, pois o vulto forrara cuidadosamente o banco com jornal. Toshiko compreendeu que a mancha branca que avistara de longe era o papel-jornal. O vulto dispusera diversas camadas de jornal sobre o banco antes de se deitar para dormir. Era um homem com um casaco marrom. Ele provavelmente se instalara ali desde o início da primavera.

Sem pensar, Toshiko parou diante do banco. É claro que, ao ver aquele homem dormindo sobre uma pilha de jornais, ela se lembrou da criança que nascera em abjeção, largada no assoalho, enrolada em jornais ensanguentados. O cabelo do homem estava sujo e despenteado, em algumas partes completamente enredado. Os ombros do casaco subiam e desciam ao ritmo de sua respiração.

De repente, Toshiko sentiu tomarem forma todas as tristonhas fantasias de bondade e compaixão que ela nutrira até então. A testa do homem, que se podia vislumbrar no escuro, era uma testa de um homem jovem, mas riscada por muitas rugas — marcas da vida sem teto que ele levava. A calça cáqui estava um pouco levantada, e nos pés tinha um par de tênis gastos e furados. Não usava meias.

Toshiko sentiu a urgência de ver o rosto do homem. Aproximou-se de sua cabeça e fitou o rosto, que ele cobrira com os braços. Era um homem bastante jovem, de sobrancelhas definidas, com um belo nariz. A boca entreaberta dava-lhe um ar quase infantil.

Ela se aproximou demais e esbarrou nos jornais que serviam de travesseiro, fazendo bastante barulho. O homem acordou e, com olhos que brilhavam, agarrou repentinamente o pulso de Toshiko com sua grande mão.

Por algum motivo, Toshiko não sentiu medo e não tentou se desvencilhar. Naquele instante, pensou apenas: *Nossa, então já se passaram vinte anos?*

As árvores do jardim do Palácio Imperial permaneciam silentes na escuridão.

Nota do tradutor

Esta é provavelmente a primeira vez que alguns dos contos aqui reunidos são traduzidos na íntegra.

Trechos significativos dos textos foram omitidos na versão americana publicada na coletânea *Death in Midsummer and Other Stories* (Nova York: New Directions, 1966), “translated and abridged” [traduzida e abreviada] por prestigiosos tradutores anglófonos do pós-guerra, como Edward G. Seidensticker, Ivan Morris e Donald Keene. Seguindo a prática do mundo editorial de língua inglesa da época, parágrafos inteiros foram suprimidos e outros tantos “adaptados” para uma leitura mais “natural” em inglês.

Todas as outras traduções para línguas europeias seguem o livro em inglês, não o texto japonês. A primeira edição brasileira da coletânea, publicada pela Rocco em 1987, foi traduzida da versão inglesa por Aulyde Soares Rodrigues. Nos anos 1980, as editoras brasileiras muitas vezes optavam por publicar a tradução de uma tradução, quando o texto original era em uma língua considerada “distante”. Além de apresentar os mesmos cortes da edição americana, a tradução de 1987 às vezes se afasta bastante do japonês, em especial em passagens em que há um número grande de referências à cultura tradicional (como a religião da Idade Média, o teatro kabuki, o mundo das gueixas etc.).

As epígrafes de dois dos contos haviam sido omitidas. Um outro, “O amor do santo homem de Shiga”, teve nada menos que as quatro primeiras páginas cortadas. O conto que dá título à coletânea teve várias passagens suprimidas, algumas das quais são fundamentais, a meu ver, para compreender as motivações das personagens — como, por exemplo, o parágrafo em que se explica o “complexo de superioridade” do marido. O conto “*Onnagata*” havia perdido ainda a fluidez da expressão de gênero do texto japonês; procurei restabelecer esses indicadores — que estavam lá, no texto de partida

— nesta nova tradução, realizada do japonês.

FONTES UTILIZADAS NA TRADUÇÃO

MORTE EM PLENO VERÃO [Manatsu no shi]. Extraído de *Manatsu no shi — Jisentanpenshu*. Tóquio: Shinchobunko, 2019 [1953], pp. 175-264 [三島由紀夫「真夏の死」『真夏の死—自選短編集』新潮文庫、2019年（1953年発行）：175-264].

O BISCOITO DE UM MILHÃO DE IENES [Hyakuman'en senbei]. Extraído de *Hanazakari no mori — Yukoku — Jisentanpenshu*. Tóquio: Shinchobunko, 1995 [1957], pp. 237-62 [三島由紀夫「百万円煎餅」『花ざかりの森・憂国—自選短編集』新潮文庫、1995年（1957年発行）：237-62].

A GARrafa MÁGICA [Mahobin]. Extraído de *Ketteiban Mishima Yukio zenshu v. 20 — tanpenshosetsu n. 6*. Tóquio: Shinchobunko, 2002 [1962], pp. 77-100 [三島由紀夫「魔法瓶」『決定版 三島由紀夫全集〈20〉短編小説（6）』新潮社、2002年（1957年発行）：77-100].

O AMOR DO SANTO HOMEM DE SHIGA [Shigadera shonin no koi]. Extraído de *Misaki nite no monogatari*. Tóquio: Shinchobunko, 2020 [1954], pp. 265-86 [三島由紀夫「志賀寺上人の恋」『岬にての物語』新潮文庫、2020年（1954年発行）：265-86].

ATÉ A ÚLTIMA PONTE [Hashizukushi]. Extraído de *Hanazakari no mori — Yukoku — Jisentanpenshu*. Tóquio: Shinchobunko, 1995 [1956], pp. 175-202 [三島由紀夫「橋づくし」『花ざかりの森・憂国—自選短編集』新潮文庫、1995年（1956年発行）：175-202].

PATRIOTISMO [Yukoku]. Extraído de *Hanazakari no mori — Yukoku — Jisentanpenshu*. Tóquio: Shinchobunko, 1995 [1960], pp. 263-98 [三島由紀夫「憂国」『花ざかりの森・憂国—自選短編集』新潮文庫、1995年（1960年発行）：263-98].

DOJOJI — NÔ MODERNO EM UM ATO [Dojoji]. Extraído de *Kindainogakushu*. Tóquio: Shinchobunko, 1995 [1957], pp. 169-96 [三島由紀夫「道成寺」『近代能楽集』新潮文庫、1995年（1957年発行）：169-96].

ONNAGATA. Extraído de *Hanazakari no mori — Yukoku — Jisentanpenshu*. Tóquio: Shinchobunko, 1995 [1957], pp. 203-36 [三島由紀夫「女方」『花ざかりの森・憂国—自選短編集』新潮文庫、1995年（1957年発行）：203-36].

AS PÉROLAS [Shinju]. Extraído de *Ketteiban Mishima Yukio zenshu v. 20 — tanpenshosetsu n. 6*. Tóquio: Shinchobunko, 2002 [1963], pp. 149-66 [三島由

紀夫「真珠」『決定版 三島由紀夫全集 <20> 短編小説 (6)』新潮社、2002年 (1963年発行) : 149-66].

PAPEL-JORNAL [Shinbungami]. Extraído de *Hanazakari no mori — Yukoku — Jisentanpenshu*. Tóquio: Shinchobunko, 1995 [1955], pp. 153-64 [三島由紀夫「新聞紙」『花ざかりの森・憂国—自選短編集』新潮文庫、1995年 (1955年発行) : 153-64].

Notas

MORTE EM PLENO VERÃO

1. A frase citada é uma contração do seguinte trecho de *Paraísos artificiais*: “A morte, como já observamos, acredito, na análise das *Confessions*, afeta-nos mais profundamente sob o reinado pomposo do verão”. Ver: Charles Baudelaire. *Prosa*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 395. (N. E.)

2. Na cultura cartorial, sucessória e funerária japonesa, os registros de nascimento, casamento e óbito são organizados por ramos familiares sob um patriarca. Quando se casam, tradicionalmente as mulheres saem do ramo do pai e são transferidas para o ramo do marido. (N. T.)

3. As datas importantes para o culto dos mortos no budismo japonês são o sétimo, o 14º, o 35º, o 49º (quando é determinado o carma do defunto) e o centésimo dias, a contar do falecimento. (N. T.)

4. Companhias de teatro musical compostas apenas de mulheres, que fazem tanto os papéis femininos como os masculinos. A mais conhecida é a Takarazuka. (N. T.)

A GARRAFA MÁGICA

1. Tradicionalmente, no Japão, os costumes não permitem que se aplique maquiagem em público, ainda que os jovens de hoje o façam, para escândalo dos mais velhos. (N. T.)

2. A maquiagem da gueixa inclui o pescoço e a nuca, que são sempre pintados de branco. (N. T.)

3. Na etiqueta tradicional japonesa, não se espera que o homem ajude a mulher nem lhe dê precedência, e sim o contrário. (N. T.)

4. O Dia das Meninas é comemorado em 3 de março. Nessa data, é costume enfeitar a casa com uma “corte imperial” de bonecas, dispostas em uma plataforma vermelha em formato de escadaria. (N.

T.)

5. Cidade turística e romântica, com vista para o monte Fuji e muitas estações termais. (N. T.)

O AMOR DO SANTO HOMEM DE SHIGA

1. O *Taiheiki* (“Relato da grande paz”) é um épico japonês de 41 tomos que narra os acontecimentos da Guerra Civil entre as Cortes do Norte e do Sul (século XIV). O relato é entremeado de narrativas da literatura clássica chinesa e da mitologia budista. (N. T.)

2. Ou seja, mais ou menos trinta mil quilômetros. Uma légua japonesa tem um pouco menos de quatro quilômetros. No entanto, talvez Mishima tenha se enganado, pois a *yोजना*, uma unidade de distância da Índia antiga, tem na verdade algo entre doze e quinze quilômetros. Nesse caso, a flor de lótus teria entre três mil e 3750 quilômetros. (N. T.)

3. Na cosmologia budista, o monte Meru é uma montanha sagrada mitológica, centro de todos os universos físicos, metafísicos e espirituais. (N. T.)

4. Passeio ou piquenique para a contemplação das cerejeiras em flor. (N. T.)

ATÉ A ÚLTIMA PONTE

1. Como é tradicionalmente chamada a cultura das gueixas. (N. T.)
2. Os japoneses dizem que na superfície da lua é possível ver a figura de um coelho. (N. T.)

PATRIOTISMO

1. O Incidente de Vinte e Seis de Fevereiro foi uma tentativa fracassada de golpe militar, planejada por uma facção extremista de jovens oficiais do Exército Imperial, visando ao assassinato de políticos civis liberais (incluindo dois ex-primeiros-ministros) e a tomada do Palácio Imperial. O golpe fracassou, vinte rebeldes foram julgados e executados, e dezenas de outros condenados à prisão. Dois dos líderes cometeram suicídio antes de serem capturados. (N. T.)

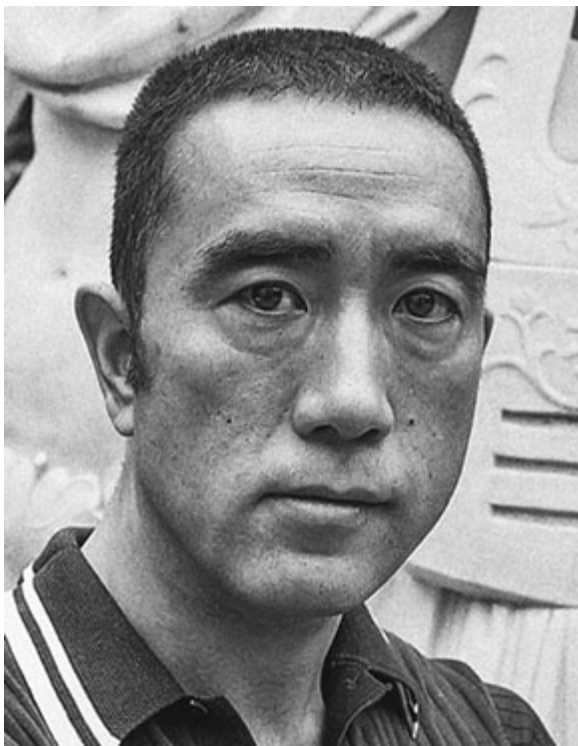
2. Um tatame equivale a 1,62 metro quadrado. (N. T.)

onnagata

1. O *Torikaebaya* (“Ah! Se os pudesse trocar!”) é um romance do século xii sobre um irmão e uma irmã que, quando chegam à puberdade, trocam papéis de gênero e se fazem passar um pelo outro. É considerada uma das primeiras narrativas com personagens transexuais da literatura mundial. (N. T.)

2. Pouco mais de 65 metros quadrados. (N. T.)

3. Loja de doces tradicionais japoneses fundada em 1907 em Kyoto. (N. T.)



MARIO DE BIASI/ MONDADORI PORTFOLIO/ ZUMA PRESS/ IMAGEPLUS

YUKIO MISHIMA (1925-1970) viveu a literatura como se fosse parte indissociável de sua existência. Autor de romances consagrados como *Cores proibidas* e *Confissões de uma máscara*, que tratam da homossexualidade masculina, escreveu também poemas, ensaios e peças teatrais. Crítico contumaz da suposta degradação do Japão moderno, permaneceu sempre em luta pela retomada dos valores clássicos do país, até cometer suicídio, em 1970.

Copyright © 1953 by herdeiros de Yukio Mishima

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Manatsu no shi

Capa

Raul Loureiro

Foto de capa

Marc Riboud/ Fonds Marc Riboud au MNAAG/ Magnum/ Fotoarena

Preparação

Fábio Bonillo

Revisão

Marina Nogueira

Aminah Haman

Versão digital

Rafael Alt

ISBN 978-85-3593-901-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

x.com/cialetras